

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

JEAN CARLOS RIBEIRO PAULINO

O ESPAÇO COMO COMPONENTE DAS PRÁTICAS DE ASSÉDIO SEXUAL,
IMPORTUNAÇÃO SEXUAL E/OU VIOLÊNCIA SEXUAL

PONTA GROSSA

2022

JEAN CARLOS RIBEIRO PAULINO

O ESPAÇO COMO COMPONENTE DAS PRÁTICAS DE ASSÉDIO SEXUAL,
IMPORTUNAÇÃO SEXUAL E/OU VIOLÊNCIA SEXUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia, do Departamento de Geociências, do Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcio José Ornat.

PONTA GROSSA

2022



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

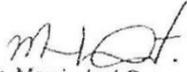


FOLHA DE APROVAÇÃO
ATA DE DEFESA

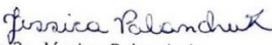
Aos 12 dias do mês de maio de dois mil e vinte e dois, na sala virtual do *google meet*, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelas(as) professoras(as): Dr. Marcio José Ornat.(Presidente-Orientadora), Bruna dos Santos (membro) e Jéssica Palanchuk (membro) para a análise do trabalho de Conclusão de Curso sob o Título "O espaço como componente das práticas de assédio sexual, importunação sexual e/ou violência sexual.", elaborado por Jean Carlos Ribeiro Paulino, concluinte do Curso de Licenciatura em Geografia. Aberta a sessão, o autor teve vinte minutos para a apresentação do seu trabalho, sendo, posteriormente, arguido pelos integrantes da Banca. Após o procedimento da avaliação, chegou-se aos seguintes resultados:

O trabalho foi considerado **APROVADO**.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a presente sessão, da qual lavrou-se a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.


1) Presidente: Dr. Marcio José Ornat


2) Membro 1: Profa. Bruna dos Santos


3) Membro 2: Jéssica Palanchuk

Ponta Grossa, 12 de maio de 2022.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu, JEAN CARLOS RIBEIRO PAULINO RA:18006702, RG:13146019-8, asseguro que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 08 de OUTUBRO de 2021.



Assinatura do Acadêmico|

JEAN CARLOS RIBEIRO PAULINO

O ESPAÇO COMO COMPONENTE DAS PRÁTICAS DE ASSÉDIO SEXUAL,
IMPORTUNAÇÃO SEXUAL E/OU VIOLÊNCIA SEXUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia, do Departamento de Geociências, do Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Paraná.

Ponta Grossa, 12 de Maio de 2022.

Marcio Jose Ornat
Doutor em Geografia – UEPG

Bruna dos Santos
Mestranda em Gestão do Território – UEPG

Jéssica Palanchuk
Mestranda em Gestão do Território – UEPG

|

DEDICATÓRIA

Dedico a minha mãe Alice Costa Moro, pois sem ela nada do que conquistei seria possível. E a todas as mulheres que sofreram e que lutam contra a violência de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe Alice, que me deu suporte em toda minha jornada no curso de licenciatura em geografia, e durante a minha vida. Sem ela não seria possível nada do que conquistei. TE AMO.

Agradeço a meu orientador Prof. Dr. Marcio José Ornat, pela dedicação e paciência, pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo da pesquisa, por sanar minhas questões de me colocar na direção certa.

Agradecer a minha namora Antonella que me deu suporte e me apoio em todos os momentos difíceis, pela compreensão das horas que fiquei sem respondê-la pelo motivo de estar escrevendo minha pesquisa. TE AMO.

Agradecer aos meus amigos, Ana, Adriano, Ariele, Karina e Maria, que me ajudaram nas atividades, trabalhos e provas. Por me fazer rir nos momentos ruins, por estarem comigo durante todo curso.

Agradecer a todos que responderam ao questionário e ajudaram na sua divulgação, a todas as vítimas que se dispuseram a contar suas histórias de assédio, importunação e/ou violência sexual, sem vocês esta pesquisa não seria possível.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão desta pesquisa.

EPÍGRAFE

“A vida começa quando a violência acaba! (Maria da Penha)”

“Que todas as Mulheres, não só hoje, mas todos os dias, sejam livres de qualquer violência e que não lhe sejam negados direitos a vida. Que sejam associadas a respeito e dignidade. (Maria Simão Torres)”

“[...]O proscrito desperta o desejo de proscrever, a vítima desperta o desejo a violência. (Marcia Tiburi).”

“A mulher livre está apenas nascendo (Simone de Beauvoir)”

“As mulheres, são a revolução mais longa. (Juliet Mitchell)”

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. (Simone de Beauvoir).”

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar como as espacialidades materiais/virtuais são componentes das práticas de assédio sexual vividas por usuários de redes sociais. Escolhemos como procedimento metodológico a aplicação de questionário *online* compartilhado nas redes sociais, buscando localizar respondentes que já haviam sofrido ou conheciam alguém que sofreu com importunação, assédio e/ou violência sexual. A partir deste instrumento também traçamos o perfil socioeconômico das vítimas e do agressor, além da compreensão do comportamento espacial e temporal deste fenômeno. Através do estudo realizado foi possível analisar como os espaços públicos e privados são compõe a importunação sexual.

Palavra-Chave: Assédio Sexual; Importunação Sexual; Violência Sexual; Espaço.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Figura com a localização das vítimas	38
FIGURA 2 – Nuvem de palavras centrais sobre Assédio Sexual e Importunação Sexual	73
FIGURA 3 – Nuvem de palavras periféricas sobre Assédio Sexual e Importunação Sexual	74
FIGURA 4 – Nuvem de palavras centrais sobre Violência Sexual	83
FIGURA 4 – Nuvem de palavras periféricas sobre Violência Sexual	85

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Gênero das/dos participante desta pesquisa.....	40
GRÁFICO 2 – Cor/Raça das/dos participantes da pesquisa.....	41
GRÁFICO 3 – Orientação sexual das/dos participantes da pesquisa.....	42
GRÁFICO 4 – Identidade de gênero das/dos participantes desta pesquisa.....	43
GRÁFICO 5 – Escolaridade das/dos participantes desta pesquisa.....	43
GRÁFICO 6 – Trabalha?.....	44
GRÁFICO 7 – Renda individual das/dos participantes desta pesquisa.....	46
GRÁFICO 8 – Renda familiar das/dos participantes desta pesquisa.....	47
GRÁFICO 9 – Relacionamento das/dos participantes desta pesquisa.....	47
GRÁFICO 10 – Quantidade de filhos das/dos participantes desta pesquisa.....	48
GRÁFICO 11 – Quantidade de pessoas que moram com as/os participantes desta pesquisa.....	49
GRÁFICO 12 – Religião das/dos participantes desta pesquisa.....	49
GRÁFICO 13 – Idade das/dos participantes desta pesquisa.....	50
GRÁFICO 14 – O Agressor era conhecido?.....	51
GRÁFICO 15 – Cor/Raça dos agressores.....	52
GRÁFICO 16 – Sexualidade dos agressores.....	53
GRÁFICO 17 – Idade.....	54
GRÁFICO 18 – Relacionamento com a vítima (Assédio Sexual e/ou Importunação Sexual).....	55
GRÁFICO 19 – Pessoas que sofreram assédio e/ou importunação sexual.....	57
GRÁFICO 20 – Intensidade do assédio sexual/ importunação sexual.....	58
GRÁFICO 21 – Conhecidos que sofreram assédio sexual/importunação sexual.....	59
GRÁFICO 22 – Intensidade do assédio sexual/importunação sexual.....	59
GRÁFICO 23 – Pessoas que sofreram violência sexual.....	75
GRÁFICO 24 – Conhecido que sofreu violência sexual.....	76
GRÁFICO 25 – Horário das ocorrências de assédio sexual/importunação sexual.....	90
GRÁFICO 26 – Horário das ocorrências de violência sexual.....	91

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Eixo (assovios, cantadas e olhares indevidos).....	60
QUADRO 2 – Eixo (toques no corpo sem consentimento).....	63
QUADRO 3 – Eixo (assédio sexual cometido por professores)	64
QUADRO 4 – Eixo (chantagem, ligações indevidas e receber mensagens de conteúdo sexual).....	65
QUADRO 5 – Eixo (comentários sobre a roupa).....	68
QUADRO 6 – Eixo (exibicionismo e ato obsceno).....	68
QUADRO 7 – Eixo (perseguições e cercamentos).....	69
QUADRO 8 – Eixo (relatos de traumas e de atitudes tomadas contra o assédio e a importunação sexual sofrida).....	70
QUADRO 9 – Eixo (estupro cometido por desconhecidos, estupro cometido por parentes próximos e amigos e estupro marital)	78
QUADRO 10 – Eixo (tentativa de estupro).....	80
QUADRO 11 – Eixo (relatos de traumas e de atitudes tomadas contra o agressor).....	81

LISTA DE TABELA

TABELA 1 - Cidade das vítimas.....	39
TABELA 2 – Ocupação das vítimas.....	44
TABELA 3 – Cidades dos agressores.....	51
TABELA 4 – Relacionamento com o agressor.....	55
TABELA 5 – Locais dos assédios e importunações sexuais.....	87
TABELA 6 – Locais das violências sexuais.....	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPITULO I – O ESPAÇO E AS COMPREENSÕES SOBRE A VIOLÊNCIA E O ASSÉDIO SEXUAL	19
1.1. O QUE É A VIOLÊNCIA, O ASSÉDIO SEXUAL E A IMPORTUNAÇÃO SEXUAL.....	19
1.1.2 VIOLÊNCIA SEXUAL.....	23
1.1.3. O ASSÉDIO SEXUAL.....	25
1.1.4. IMPORTUNAÇÃO SEXUAL.....	28
1.1.5. OS TRAUMAS: A VIOLÊNCIA À DIGNIDADE CAUSADOS PELO ASSÉDIO E IMPORTUNAÇÃO SEXUAL.....	30
1.2. O ESPAÇO COMO COMPONENTE DA VIOLÊNCIA E DO ASSÉDIO SEXUAL.....	31
1.2.1. O ESPAÇO.....	32
1.2.1. O ESPAÇO E A VIOLÊNCIA SEXUAL.....	34
CAPÍTULO II – AS PESSOAS E AS RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE PODER..	38
2.1. CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS QUE PARTICIPAM DAS RELAÇÕES DE PODER ASSIMÉTRICAS.....	39
2.1.1. PERFIL DAS VÍTIMAS.....	40
2.1.2. PERFIL DOS AGRESSORES.....	50
2.2. AS PRÁTICAS DE ASSÉDIO SEXUAL.....	56
CAPÍTULO III – ESPAÇO E TEMPO NO FUNCIONAMENTO DO FENÔMENO DE ASSÉDIO SEXUAL	87
3.1. O ESPAÇO.....	87
3.2. O TEMPO.....	90
CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIA	94

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva analisar como as espacialidades materiais/virtuais são componentes das práticas de assédio sexual vividas por usuários de redes sociais. É necessário primeiro entender que a violência contra a mulher é um fato social, sendo de extrema importância entendê-la e evidenciar as situações e perceber o quanto elas são prejudiciais para a vida das mulheres. Muitas mulheres convivem diariamente com o assédio sexual e a importunação sexual, sendo que muitas infelizmente sofrem com a violência sexual.

De forma geral a violência contra a mulher é uma força social que estrutura as relações interpessoais, ações coletivas e relações sociais de modo geral, sobretudo no contexto da análise das situações da violência contra a mulher e de gênero. A “Violência contra as mulheres” não quer dizer o oposto que seria violência contra os homens, mas sim na realidade apontar as relações desiguais de gênero causados pelo patriarcado, causando uma relação desproporcional de convívio, identidade e sexualidade.

O assédio, a importunação e a violência sexual são as principais violências que as mulheres sofrem, quando estão na rua indo para o trabalho, por exemplo, acabam sofrendo com a importunação sexual, quando estão no trabalho acabam sofrendo com o assédio sexual por parte de seu superior ou superiores e quando chegam em casa podem vir sofrer com a violência sexual por parte de seu companheiro, como um exemplo o Estupro Marital (ou Violação conjugal).

Não apenas na vida adulta, mas na infância muitas mulheres acabam por sofrerem com a violência sexual por parte de suas familiares e amigos próximos da família. A casa dessa criança que deveria ser um lugar de segurança acaba se tornando um local de medo e desespero. Assim, buscando compreender este fenômeno, esta pesquisa tem como objetivo entender “como as espacialidades materiais/virtuais são componentes das práticas de assédio sexual vividas por usuários de redes sociais”.

As mulheres não podem sair para ir ao mercado ou para o trabalho sem sofrer algum tipo de importunação sexual no caminho ou mesmo dentro do mercado ou no seu trabalho. Elas precisam lidar com assovios, olhares, cantadas indevidas, puxões de cabelo e/ou do braço até sendo apalpadas ou “encoxadas” dentro dos ônibus, por exemplo. Muitas mulheres acabam sofrendo com a violência sexual na infância ou mesmo na vida adulta, sendo abusada pelos seus companheiros.

O objetivo de entender como o espaço é componente e composto por assédio, importunação e violência sexual visa fazer com que a sociedade tenha atenção em algo tão naturalizado como a importunação sexual, e um assunto que pode ser considerado um tabu como a violência sexual, simplesmente por estar longe da realidade de muitas pessoas, mas que muitas vezes pode ser a realidade do vizinho, ou até mesmo de um familiar próximo.

Uma das etapas que foram realizadas para alcançar o objetivo principal desta pesquisa foi o de identificar as pessoas que participam das relações assimétricas de poder, identificar a vítima e seu agressor. O segundo passo foi o de identificar as características das práticas de assédio, importunação e violência sexual. O terceiro foi o de identificar os locais e os horários que essas violências acontecem.

Diante do problema que para as mulheres saírem para lugares públicos e acabarem sofrendo com importunação sexual, ou infelizmente algo mais grave como estupro ou tentativa do mesmo, é necessário que a sociedade volte sua atenção para os espaços público e principalmente ao privado, pois esses lugares são componentes e compostos por todo tipo de violência contra a mulher, principalmente o assédio, a importunação e a violência sexual.

Diante desse cenário, esta pesquisa científica pretende entender como esses lugares são formados por violência contra mulher, e assim que a sociedade exija dos gestores públicos política públicas eficazes de combate à violência contra a mulher e que assim elas tenham de fato seu direito de ir e vir.

Para a realização desta pesquisa foram utilizados pesquisas bibliográficas e de campo. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas na área da violência contra mulher, mais exatamente sobre o assédio sexual, a importunação sexual e a violência sexual. Foram utilizados também reportagens sobre o assunto. A pesquisa de campo foi realizada através de um questionário *online* desenvolvido, utilizando a plataforma *Google Forms*, e divulgado nas redes sociais.¹

Para esta pesquisa foi utilizado o método snowball

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do

¹ Facebook, Instagram, WhatsApp.

pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (VINUTO, 2014, p. 203).

Com este método é possível atingir um grupo maior de pessoas e não é necessário ter um controle muito rigoroso dos participantes. Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa e quantitativa. Para entender melhor a pesquisa quantitativa, Lima (2016) explica que:

pesquisa quantitativa tem como principal característica a unicidade da forma de coleta e tratamento dos dados. Para isso, necessita coletar um conjunto de informações comparáveis e obtidas para um mesmo conjunto de unidades observáveis. Em geral, essas unidades são os indivíduos, mas podem ser também instituições, empresas, cidades, entre outras, sempre a depender do problema de pesquisa investigado. [...] Em geral, os estudos quantitativos permitem lidar com predição e buscar identificar regularidades (perfil e tendências) (LIMA, 2016, p. 16).

Há uma diferença marcante entre estudos qualitativos e quantitativos. A metodologia qualitativa pressupõe uma análise e interpretação de aspectos mais profundos da complexidade do comportamento humano. “[...] fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitude e tendências de comportamentos.” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 269).

Minayo (2002, p. 21-22) caracteriza a pesquisa qualitativa em Ciências Sociais apresentando alguns aspectos que lhe são característicos: “[...] responde a questões particulares; [preocupa-se com] um nível de realidade que não pode ser quantificado; trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”.

Primeiramente foi feita uma pesquisa bibliográfica abrangendo diversas fontes tais como, artigos de periódicos acadêmicos e livros tais como: (“Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero - Notas sobre Estudos Feministas no Brasil”, “Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiros”, “Violência de gênero, políticas públicas para o seu enfrentamento e o papel do serviço social.”, “Feminicídio e violência de gênero - aspectos sociojurídicos”, “Abuso: A cultura do estupro no Brasil”) e legislação como: (“Artigo 216-A do Código Penal”, “Artigo 215-A do Código Penal”, “Artigo 218 do Código Penal”, “Artigo 217 do Código Penal”, “Artigo 213 do Código Penal”), para entender melhor o “fenômeno social” de assédio sexual, importunação sexual e de violência sexual e também para ser utilizado como embasamento teórico desta pesquisa.

Os fenômenos de assédio, importunação e violência sexual, tem sido tema de vários pesquisadores e pesquisadoras, como (Lourdes Bandeira, Wânia Pasinato Izumino, Mirela Marin Morgante, Rebeca Hennemann Vergara de Souza, Isabel Dias, Martha Giudice Narvaz, Mayã Polo de Campos, Vinicius Santos Almeida) todas essas são pesquisadoras de várias áreas distintas, como geografia, sociologia, direito, saúde, psicologia. O fenômeno de importunação sexual tem estado em alta na mídia, com o aumento das denúncias e flagrantes desse tipo de crime. As cidades do Rio de Janeiro – RJ e São Paulo – SP, as maiores capitais do Brasil, que tem registrado aumento de denúncias². Em Apucarana – PR uma câmera de segurança faz o flagrante de um homem que toca nas nádegas de uma mulher que estava trabalhando, a vítima rapidamente liga para a polícia e o criminoso é preso³.

Após a revisão bibliográfica foi feito um questionário utilizando o *Google Forms*. O questionário foi dividido em três partes. A primeira parte visava coletar relatos de pessoas que sofreram assédio, importunação e/ou violência sexual ou que conheciam pessoas que sofreram, utilizando-se de 10 perguntas. A segunda parte pretendia traçar um perfil das vítimas e dos agressores por meio de 27 perguntas. A terceira parte objetivou fazer um levantamento, através de 2 perguntas, sobre os horários e os locais dos assédios, importunação e/ou violências sexuais.

O questionário foi disponibilizado nas redes sociais WhatsApp, Facebook e Instagram. Foi postado em **diversos** grupo do WhatsApp, para atingir um grupo bem diverso de mulheres. O alcance foi de 56 **respostas** no período dos meses de outubro à dezembro 13/10/2021 à 06/12/2021.

O trabalho de conclusão de curso está estruturado em três capítulos, o primeiro sendo o referencial teórico, que visa conceituar a violência contra a mulher, a violência sexual, o assédio sexual, a importunação sexual, estabelecendo um paralelo entre o conceito de espaço e a violência vivada por mulheres. O segundo tem como objetivo analisar canais e ONGs de ajuda para mulheres que tenham sofrido, sofrem ou venham a sofrer algum tipo de assédio, importunação e/ou violência sexual. E o último capítulo analisa os resultados coletados através da aplicação do questionário nas redes sociais, que do perfil das vítimas e de seus agressores, e principalmente os locais que essas mulheres sofreram tal violência relatada nos questionários.

2 Disponível em: <https://www.generonumero.media/importunacao-sexual-carnaval-rio/>.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/09/registros-de-importunacao-sexual-aumentam-243-no-ano-em-sp.shtml#:~:text=Registros%20de%20importuna%C3%A7%C3%A3o%20sexual%20aumentam,09%2F2021%20%2D%20Cotidiano%20%2D%20Folha.>

3 Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10068388/>.

CAPÍTULO I

O ESPAÇO E AS COMPREENSÕES SOBRE A VIOLÊNCIA E O ASSÉDIO SEXUAL

Nesse capítulo será apresentado uma discussão teórica sobre a violência contra a mulher, também como sobre violência sexual, assédio sexual e importunação sexual

1.1. O que é a Violência e o Assédio Sexual: Discussões Teóricas

É necessário primeiro entender que a violência contra a mulher é um fato social, sendo de extrema importância entendê-la e evidenciar as situações e perceber o quanto elas são prejudiciais para a vida das mulheres. Bandeira (2014, p. 45) argumenta que:

A violência é uma força social que estrutura as relações interpessoais, ações coletivas e relações sociais de modo geral, sobretudo no contexto da análise das situações da violência contra a mulher e de gênero. [...] Some-se a isso, o fato de que é necessário reconhecer que a violência contra a mulher é uma força social herdada da ordem patriarcal e dotada de capacidade estruturante da realidade social. Essa se torna uma modalidade expressiva em nossa sociedade, posta que está carregada de significados e significações, e cujas relações sociais são permeadas por relações de dominação e de poder, nas quais a carga simbólica é tão determinante quanto as demais. A cada minuto, alguma mulher sofre um tipo de violência: um assédio no local de trabalho, um estupro, um assassinato, uma mutilação. Outras podem estar sendo brutalizadas, barbarizadas, ou vivendo sob a ameaça.

Cunha (2014) esclarece que o conceito de “Violência contra as mulheres” não quer dizer o oposto que seria violência contra os homens, mas sim na realidade apontar as relações desiguais de gênero causados pelo patriarcado.

O patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, estrutura e relações que favorecem aos homens, de longe os homens brancos, cis-heteronormativo. Em uma sociedade patriarcal, prevalecem as relações de poder masculinas e o domínio sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se ajustam aos padrões normativos de raça, gênero e orientação sexual.

Para Lerner (2019, p. 390) o patriarcado é “a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral.”. O sistema patriarcal não trata de relações individuais ou de explicações biológicas para a compreensão da dominação masculina, mas

parte de um problema estrutural que se encontra em várias dimensões da vida e nas transformações da história.

Para Morgante e Nader (2014, p. 3):

O uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais.

A dominação masculina é um efeito do desejo dos homens de transcender a sua privação dos meios de reprodução da espécie. O princípio da continuidade de geração restitui a primazia da paternidade e obscurece o labor real e a realidade social do trabalho das mulheres no parto. Se a reprodução era a chave do patriarcado para algumas, para outras a resposta se encontrava na sexualidade em si. As formulações audaciosas de Catherine Mackinnon são criações próprias, mas ao mesmo tempo são características de certa abordagem. “A sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo: o que nos pertence mais e, no entanto, nos é mais alienado”. “A reificação sexual é o processo primário da sujeição das mulheres. Ele alia o ato à palavra, a construção à expressão, a percepção à coerção, o mito à realidade. “O homem come a mulher: sujeito, verbo, objeto”) (SCOTT, 2017).

A violência contra a mulher, tem como um de seus pilares o patriarcado. Os direitos humanos avançaram sobremaneira, no entanto basta ler/ver o noticiário para observar o quanto, de fato, o patriarcado vigora – homens continuam matando suas companheiras, violentando-as de todas as maneiras, deixando-as vivas, mas muitas vezes tetraplégicas, sem falar nos males psicológicos de toda ordem deixados não só pela violência física propriamente dita como também pela violência psicológica. De outra forma, como explicar o abuso/estupro quando se sabe que em torno de 71% das meninas violentadas sexualmente o são pelos seus próprios pais biológicos ou por homens pertencentes à família da vítima? No Brasil, são homens que estão na direção de veículos automotivos que causam morte – a eles próprios e aos ocupantes de outros veículos, e cuja hipótese principal, em termos de relações de gênero, está no patriarcado (PERURENA; SANDALOWSKI; MAIA, 2011).

Ferraz (2017) argumenta que a partir do entendimento sobre violência contra a mulher, é necessário combater este fenômeno social que foi construído em nossa sociedade, extremamente machista. A violência contra a mulher é muito delicada e complexa, pois requer

um envolvimento emocional, afetuoso e principalmente intelectual e político de quem escreve sobre o assunto, e também muita empatia da parte dos legisladores para elaborar medidas para o combate à violência contra a mulher.

A violência contra a mulher também pode ser chamada de violência de gênero, apesar de violência de gênero também poder se referir a violência contra homens:

Por “violência de gênero”, refiro-me a toda e qualquer forma de agressão ou constrangimento físico, moral, psicológico, emocional, institucional, cultural ou patrimonial, que tenha por base a organização social dos sexos e que seja impetrada contra determinados indivíduos, explícita ou implicitamente, devido à sua condição de sexo ou orientação sexual. Isso implica dizer que tanto homens quanto mulheres, independentemente de sua preferência sexual, podem ser alvos da violência de gênero (SARDENBERG, 2011, p. 13).

Mas, Sardenberg (2011) afirma que:

Contudo, em virtude da ordem de gênero patriarcal, ‘machista’, dominante em nossa sociedade, são, porém, as mulheres e, em menor número, os homossexuais, que se veem mais comumente na situação de objetos/vítimas desse tipo de violência (SARDENBERG, 2011, p.13).

Para Marilena Chauí (1985) a violência de gênero é:

uma ação que transforma as diferenciações em desigualdade de hierarquia, com a intenção de dominação, opressão e exploração, condições estas que ocorrem juntamente com a passividade e o silêncio dos sujeitos. Na dinâmica violência, um ser humano não é tratado como sujeito, mas como coisa, impedindo ou anulando sua atividade e fala (CHAUÍ, 1985, p.35).

Bandeira e Almeida (2015) apontam como marco a Convenção de Belém do Pará (1994), que instituiu o direito de as mulheres viverem livres de violência, algo que deveria ser natural, mas que infelizmente devido a sociedade ser construída sobre pilares como o patriarcado, misoginia⁴, sexismo⁵ e machismo⁶ se faz necessário criar leis e obrigar o estado a

⁴ É um sentimento de aversão patológico pelo feminino, que se traduz em uma prática comportamental machista, cujas opiniões e atitudes visam o estabelecimento e a manutenção das desigualdades e da hierarquia entre os gêneros, corroborando a crença de superioridade do poder e da figura masculina pregada pelo machismo.

⁵ Pode ser definido como um conjunto de atitudes discriminatórias e de objetificação sexual que buscam estabelecer o papel social que cada gênero deve exercer, para isso são utilizados estereótipos de como falar, agir, pensar e até mesmo o que vestir.

⁶ É o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. O machista é o

cuidar, investigar e punir os agressores. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2007), considera a violência contra a mulher como um atentado aos direitos humanos, e como um problema de saúde pública grave. Ainda nesse contexto:

A violência contra as mulheres é uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres que conduziram à dominação e à discriminação contra as mulheres pelos homens e impedem o pleno avanço das mulheres...” (Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, dezembro de 1993)⁷

Uma das maiores vitórias em relação ao combate à violência contra as mulheres foi a criação da Lei Maria da Penha, Lei 11.340 (2006), que protege e pune os agressores das mulheres vítimas de violência doméstica. Essa lei é resultado de muita luta e denúncias, principalmente da Maria da Penha, que foi vítima de seu companheiro, que disparou com uma arma de fogo contra ela e acabou deixando-a paraplégica. A repercussão que tomou o caso de Maria da Penha foi devido à falta de “punidade” que o julgamento teve.

Este caso fez o Brasil ser denunciado para OEA, ganhando a seguinte manchete na *Folha de São Paulo*: “OEA condena Brasil por violência doméstica. Comissão responsabiliza país por impunidade em caso de marido que deixou mulher paraplégica, há 18 anos”. Assim, seu ex-marido foi julgado e foi devidamente punido pelo crime que cometeu, e logo depois a Lei 11.340 foi criada (BANDEIRA; ALMEIDA, 2015).

A violência de gênero não é um fenômeno natural, baseado na fragilidade da maior força física de homens e mulheres, e nem mesmo é um fenômeno de isolamento típico das classes populares. Na verdade, este é um fenômeno típico em uma sociedade patriarcal, e uma relação de dominação-subordinação que foi estabelecida entre o patriarcado e o machismo.

A desigualdade de gênero passa, assim, a ser um dos eixos estruturantes da sociedade, entrelaçando-se com a de raça e a de classe, de forma que, juntas, complexificam-se e, quando tomadas em separado, apresentam especificidades. Só haverá, assim, uma real libertação, emancipação e empoderamento das mulheres quando houver a superação desta estrutura patriarcal, racista e capitalista.

indivíduo que exerce o machismo.

⁷ Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, 1994. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/d1973.htm>. Acesso 04 jan. 2022

1.1.2 Violência Sexual

A violência sexual é a mais cruel e o pior tipo de violência, depois do homicídio, pois ela consiste na apropriação do corpo da mulher. Para Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e OMS, a violência sexual é:

qualquer ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou outro ato dirigido contra a sexualidade de uma pessoa por meio de coerção, por outra pessoa, independentemente de sua relação com a vítima e em qualquer âmbito. Compreende o estupro, definido como a penetração mediante coerção física ou de outra índole, da vulva ou ânus com um pênis, outra parte do corpo ou objeto (OMS, 1993, p. 10)

Na literatura da psicologia o abuso sexual pode ser classificado de diferentes formas. Florentino (2015, p. 139) afirma que:

[...] por qualquer ação de interesse sexual de um ou mais adultos em relação a uma criança ou adolescente, podendo ocorrer tanto no âmbito intrafamiliar – relação entre pessoas que tenham laços afetivos, quanto no âmbito extrafamiliar – relação entre pessoas que não possuem parentesco.

O abuso sexual intrafamiliar causa sérios problemas na vida, principalmente das crianças, que vivem na sua família um lugar de segurança e apoio, mas infelizmente se torna um lugar de medo, insegurança, incertezas do que é certo e errado. É preciso combater o abuso sexual logo na infância, pois muitas crianças que são abusadas acabam no futuro se tornando abusadores (NASCIMENTO, 2017), e assim essa roda infernal se retroalimenta.

Para promover uma redução de abuso sexual infantil, na vida dessas crianças é preciso abordar a temática com diversas informações, para que assim empregue apoio em relação de uma forma geral conceituando diversos pontos em cada estudo e identificando a necessidade de produzir o entendimento praticado de violências contra crianças e adolescentes que é um fenômeno universal que atende todas as idades e níveis sociais (NASCIMENTO, 2017, p. 18).

Para Azevedo e Guerra (1998) a violência sexual é caracterizada por comportamentos usados para fins sexuais, não respeita os direitos das crianças e jovens. Azevedo e Guerra (1998, p. 33) diz que:

[...] por um ato ou jogo sexual, em uma relação heterossexual ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente, ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa.

Alguns exemplos muito comuns são ‘passados de mão’, ‘elogios sobre partes do corpo’, ‘dormir de “conchinha”’, muito utilizado por abusadores de criança para despertar nelas e instiga-las a fazer atos sexuais (FLORENTINO, 2015). Nascimento (2017, p. 19) diz que “[...] a criança abusada sexualmente, não consegue distinguir quando recebe carinho de um ato sexual”. É de extrema importância que seja informado a criança o que é abuso sexual, para que quando estiverem diante de uma situação de abuso consigam dizer não.

O abuso sexual de crianças infelizmente é uma realidade em todo mundo, por tanto é necessário que se tenha o conhecimento sobre o conceito de abuso sexual. Watson (1994 apud NASCIMENTO, 2017, p. 19) conceitua como “qualquer atividade ou interação onde a intenção é estimular e/ou controlar a sexualidade da criança”.

Como já afirmado antes, Nascimento (2017, p. 19) diz que:

Nessa perspectiva, pode-se destacar como promover na criança o pensamento crítico, ensinando sobre as partes íntimas do seu corpo, fornecendo instruções sobre a posse de seu corpo, ensina a diferenciar um toque adequado e inadequado, ajuda a diferenciar segredo de surpresas (ressaltando que alguns segredos devem ser informados), diferencia os tipos de abusos sexuais, ensina criança a identificar pessoas de sua confiança, incentiva a criança a contar a um adulto sobre coisas que a incomodam, pois entre esses e demais critérios de avaliação abusiva, deve-se salientar que o ofensor pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança ou adolescente, sendo assim, as vítimas podem ser de qualquer gênero, idade ou etnia.

Mas não é apenas as crianças que sofrem com a violência sexual, as mulheres sofrem diariamente com a violência sexual, sendo na rua sofrendo com importunação sexual ou no trabalho sendo assediadas sexualmente. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021 mostra que em 2020 quase 20.000 mulheres sofreram com importunação ou assédio sexual, e que mais de 53.000 mulheres sofreram com violência sexual (estupro e tentativa de estupro)⁸. Esses casos são os que foram feitos boletins de ocorrência, e desta forma, esse número pode ser muito maior.

Na violência sexual contra as mulheres, muitas vezes elas são consideradas as culpadas pela violência que sofreram, muitas vezes é justificada como a roupa que estavam usando ou o

8 Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

local e horário que elas estavam passando em um determinado lugar. A violência sexual contra a mulher também pode ser velada ou nem ser considerada como violência, como exemplo o estupro marital. Dentro do casamento o agressor é o próprio marido, por estarem em uma união consensual a mulher é obrigada a manter relações sexuais com seu marido, mesmo quando ela não está com vontade. O marido muitas vezes obriga sua parceira a ter relações e assim se dá o estupro marital ou violação conjugal:

Ela começou a ser obrigada a fazer o que ela não queria. O marido chegava do trabalho, chegava embriagado, chegava de madrugada, a hora que fosse, e ele queria forçar que ela tivesse uma relação sexual. Chegou a um ponto de um dia ela apanhar dele e ser forçada a fazer, e foi o dia que ela resolveu vir pra cá.” (Ea42) (BEZERRA et al., 2016, p. 54).

A maioria dos casos de violência sexual diferente do imaginário da sociedade é cometido por familiares, amigos e vizinhos. A maioria dos abusos acontecem dentro de ambientes domésticos, familiares, em casa, um local que deveria ser seguro. Muitos dos abusadores não sofrem de nenhum tipo de transtorno mental, são homens comuns, que vão ao mercado, pagam suas contas, andam de ônibus. Em resumo, homens que convivem com mulheres o tempo todo, que se aproveitam da vulnerabilidade de crianças e/ou mulheres para cometer o abuso.

Quando uma mulher denuncia um crime de violência sexual, ela ajuda outras mulheres a também denunciar. Elas percebem que não estão sozinhas e podem procurar ajudar e desmascarar homens que tem algum tipo de poder, como por exemplo no caso do médico Roger Abdelmassih ou do médium João de Deus, que chegou a receber denúncias isoladas que não deram em nada, mas que em 2018 recebeu mais de 500 denúncias de abusos (ARAÚJO, 2020).

É necessário que as mulheres denunciem cada vez mais, que esses casos sejam divulgados em toda mídia. É preciso falar cada vez mais sobre a violência sexual. As pessoas precisam ter acesso à informação, para que assim tenham sensibilidade e combatam esse tipo de violência.

1.1.3. O Assédio Sexual

A palavra “assédio” originou-se em dois vocábulos do latim: *absedius* (“do assento”) e *obsidium* (“cerco, cilada”). *Obsidium* se tornou-se no termo do latim vulgar *adsedium*, que deu origem ao termo italiano *assedio*. Originalmente, o termo “assédio” se referia ao cerco militar

de cidades e fortalezas. Posteriormente, o termo foi expandido metaforicamente para situações semelhantes na vida diária das pessoas. (DICIO, 2021).

Cabe primeiro destacar a diferença entre o assédio moral e sexual, que pode muitas vezes ser confundido. Guedes (2008, p. 43) cita que:

A distinção entre assédio moral e assédio sexual é fundamental. As pessoas, normalmente, tendem a confundir os termos “assédio moral” e “assédio sexual”. Uma e outra violência não são modismos, são fenômenos que, em certos casos, guardam alguma relação, mas que se distinguem radicalmente porque, enquanto o primeiro visa a dominar a vítima sexualmente, normalmente pela chantagem, o segundo visa precisamente à eliminação da vítima do mundo do trabalho pelo psicoterror.

Apesar de parecidos, o assédio moral não deve e nem pode ser confundido com o assédio sexual. No caso do crime de assédio sexual, previsto no Código Penal Brasileiro, mais especificamente no Art. 216-A, este é o ato de constranger alguém com o intuito de obter vantagem e/ou favores sexuais, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.

No caso do crime de assédio sexual, destaca-se ainda que, apesar da existência do constrangimento com o intuito de obtenção de vantagem e/ou favores sexuais, é necessário que não exista violência ou grave ameaça, ou então será configurado como crime de estupro.

Thomé (2013) destaca que:

Em termos jurídicos, separa-se o assédio moral do assédio sexual. O assédio moral causa uma degradação das relações de trabalho e o sexual tem por objetivo obter favor sexual da vítima, o que é diferente. Às vezes, o assediador pode até se utilizar de palavras de cunho sexual ou chantagens, mas quando ele tem outro objetivo, que é o de causar degradações das relações de trabalho, não é um assédio sexual. Essa importância no direito é grande porque o assédio sexual é tipificado penalmente, cabe uma sanção penal, o assédio moral não (THOMÉ, 2013, p. 45).

Para Gitelman e Manus (2020, p. 15), o assédio sexual:

caracteriza-se pela conduta de natureza sexual, normalmente contra as mulheres, e que quando repelida torna-se repetitiva por parte do ofensor, trazendo retaliação decorrente do convite não aceito. Segundo Rodolfo Pamplona Filho, consideram-se comportamento sexual desviado os atos de conduta do homem ou da mulher que, para obter a satisfação do seu desejo carnal, utiliza-se de ameaça, seja ela direta ou velada, e ilude a outra pessoa, objeto do seu desejo, com promessa que sabe de antemão que não será cumprida.

O assédio sexual é cometido na maioria das vezes por homens que exercem uma condição de superioridade hierárquica em relação às mulheres. O assédio sexual é mais agressivo, pois a vítima será obrigada pelo assediador a prestar favor sexual, de forma que o assediador terá vantagem ou favorecimento sexual e a conduta do sujeito ativo não precisa ser repetitiva.

O assédio sexual tem duas formas, sendo elas: assédio sexual vertical, que é caracterizado quando o assediador e a pessoa assediada estão em posições hierárquicas diferentes, da mesma maneira que ocorre no assédio moral, porém no assédio sexual o assediado obrigado a prestar favor sexual ao assediador; assédio sexual horizontal, caracterizado quando o assediador e o assediado não têm posições hierárquicas dentro do ambiente de trabalho, neste tipo de forma de assédio sexual não há subordinação, entretanto o assediador terá a vantagem ou favorecimento sexual (OLIVEIRA, 2019).

Ainda, há duas formas de compreensão do assédio, sendo elas:

assédio por Intimidação ou ambiental: É caracterizado quando o sujeito ativo incita sexualmente importunamente o sujeito passivo com intuito de um favorecimento sexual para que o assediado se sinta incomodado em seu ambiente de trabalho, criando assim uma situação hostil e o abuso no trabalho. O assédio sexual por chantagem: O sujeito ativo manifesta condutas no intuito de constranger, chantagear para que a vítima aceite prestar o favorecimento sexual, sob pena do sujeito passivo perder o contrato de emprego ou até mesmo de futuras promoções (OLIVEIRA, 2019, p. 18.)

O assédio sexual muitas vezes acontece de maneira velada, como um assovio, investidas, cantadas, toques indesejados. Muitas vezes estas ações são levadas na brincadeira, onde todos em volta riem. Todo o tipo de assédio seja verbal, moral, psicológico e sexual são investidas extremamente indesejadas e que podem vir a provocar grandes danos à saúde psicológica da pessoa agredida.

A questão de gênero também precisa ser levada em conta quando falamos de assédio, seja moral ou sexual. O assédio pode acontecer de formas explícitas ou sutis, de forma coercitiva ou não e, deste modo, “essa violência não se restringe ao ambiente de trabalho e, muito menos, às relações formalmente hierárquicas, mas recorre uma hierarquização de gênero socialmente construída” (TEIXEIRA & RAMPАЗO, 2017, p.7 apud SÁ et al, 2017, p. 4), hierarquização essa em que a mulher é posta em um nível inferior, ficando assim totalmente suscetível a sofrer o assédio.

Há também a necessidade de falar da objetificação da mulher. Sá, Folriani e Rampazo (2017, p. 4):

Teixeira e Rampazo (2017) pontuam que existe uma naturalização de práticas decorrentes dessa objetificação feminina, como a da constituição de seus corpos como mercadorias e, a da constituição de uma cultura do estupro, que é diariamente banalizada. As autoras também dizem que essa constituição de identidades de mulheres objetificadas é, mas não somente, para seu papel quase que exclusivamente reprodutivo, mas também para sustentar a necessidade de proteger a soberania desses que tem como objetivo manter o exclusivo uso da força, no qual coloca a mulher no papel reprodutivo e, ainda, no cuidado dos que ainda vão compor essa constituição.

Portanto, tanto o assédio sexual quanto o assédio moral são fenômenos que devem ser combatidos fortemente no âmbito das instituições. A informação e a educação dos trabalhadores, trabalhadoras, alunos, alunas e docentes são fundamentais no reconhecimento de atitudes de caráter assedioso, cabendo a empresas, escolas, colégios e universidade que desejam se manter livres de denúncias ou mesmo de condenações originárias deste fenômeno, manter programas de prevenção e combate as mais diversas formas de assédio (OLIVEIRA; SILVA, 2017, p. 11).

Para ser caracterizado assédio sexual é necessário que haja uma relação hierárquica entre as partes como chefe e funcionário, na relação professor/aluno também pode ser considerado assédio sexual, no setor de serviços também pode ser caracterizado assédio sexual, como dentista e paciente, médicos principalmente ginecologistas que infelizmente é o mais comum de acontecer casos de assédio sexual, e chegando ao extremo de estupro, pois a vítima nesses casos está extremamente vulnerável. Mas quando o assédio acontece na rua (como assovios, cantadas inapropriadas), ou em pontos de ônibus, dentro dos ônibus (como passadas de mão, “encoxadas”, e até mesmo ejaculação). Nestes casos o assédio se torna Importunação Sexual.

1.1.4. Importunação Sexual

O crime de importunação sexual foi implementado pelo Art. 215-A no código penal brasileiro através da Lei 13. 718 de 2018.

Importunação sexual

Art. 215-A. Praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro:

Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o ato não constitui crime mais grave. (BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, 2018 [s.p]).

Para facilitar o entendimento da importunação sexual, esta é qualquer ato que cause prazer sexual ao agressor e resulte em constrangimento da vítima como, por exemplo, ‘homens que ejaculam em mulheres nos transportes públicos’ (um dos principais motivos que criaram esta lei), assovios, passadas de mão, cantadas inapropriadas, também são tipos de importunação sexual.

Como é possível perceber, esta lei de importunação sexual é muito recente, ela foi criada para “tampar uma lacuna” existente na lei de crimes contra a dignidade sexual da pessoa humana. Esta lei trouxe inovações no código penal, pois muitas das condutas não eram abordadas pelos crimes sexuais existentes.

Por exemplo, uma das condutas já citada acima em destaque, foi a de ejaculação em uma passageira de ônibus, que foi um caso que tomou uma repercussão grande na sociedade e na mídia, e no poder público: Diego Ferreira Novaes, de 27 anos, em um ato repugnante, ejaculou em uma passageira no ônibus no centro da cidade de São Paul. O mesmo foi preso em flagrante, alguns dias depois ele foi solto e repetiu a conduta em outra passageira. O caso repercutiu em vários jornais e outros meios de divulgação de notícias, gerando revolta nas redes sociais, mobilizando inúmero grupos feministas e outras organizações sociais.

Toda essa revolta foi gerada pois a conduta nojenta e revoltante de Diego em ejacular em uma passageira não poderia ser considerada um crime contra a dignidade sexual (pelo código penal brasileiro em 2017, ano que ocorreu tal conduta) pois o ato de ejacular em alguém não pode ser considerado assédio sexual, pois não havia uma relação hierárquica entre as partes, nem considerado estupro, pois não houve o uso de grave ameaça ou violência. Foi considerado apenas como contravenção penal: a Importunação Ofensiva ao Pudor, anteriormente prevista no art. 61 da lei de Contravenções Penais⁹.

A decisão do juiz responsável, Dr. José Eugenio do Amaral Souza Neto, causou revolta na população que acompanhava o caso pelos noticiários e portais de notícias, mas o que as pessoas não entenderam é que o Juiz estava apenas cumprindo seu papel de Operador do Direito, julgando um caso e sendo imparcial. Naquele momento o juiz não tinha nenhum respaldo na lei que pudesse incriminar Diego no Art. 213 de estupro ou no Art. 216-A de assédio sexual.

Portando cabia aos legisladores encontrarem uma solução para a lacuna que havia nos “assédios sexuais” que eram cometidos nas ruas. Com o aparecimento de mais casos, e do sentimento de falta de justiça principalmente por parte das mulheres que são a maioria

⁹ Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/69359/os-crimes-sexuais-apos-a-lei-13-718-18>.

esmagadora e que infelizmente são quem mais sofrem com casos de estupro e de assédio sexual, fez com que o Poder Público voltasse seus “olhos” para esses casos de “assédio” nas ruas, sendo o contexto para a criação da Lei 13.718/18, que acrescentou ao código penal o Art. 215-A que tipifica o crime de Importunação Sexual.

Junto com esta lei também foi criado o Art. 218-C que criminaliza a divulgação de vídeos de cena de estupro e/ou estupro de vulnerável e/ou cenas de sexo, nudez ou pornografia sem o consentimento (pornografia de vingança) (PEREIRA, 2020). Para este trabalho vamos apenas trabalhar com o Art. 215-A de Importunação Sexual e o Assédio Sexual Art. 2016-A, que foi incluído no código penal pela Lei 10.224, de 15 de Maio de 2001:

Trazendo uma breve diferença entre crime e contravenção penal, ambas são infrações penais, porém crime é considerado infrações penais graves, enquanto contravenção advém de infrações penais leves. Com as inovações da Lei 13.718/18 podemos verificar que a conduta de importunação sexual passa de contravenção para crime, o que foi de grande gratificação para o Código Penal (PEREIRA, 2020 p. 18).

Graça a muita luta das mulheres, essas contravenções se tornaram crime, demorou muito, mas, felizmente agora homens que se achem no direito de encostar em uma mulher sem sua permissão terão que responder pelo crime que muito vinha sendo cometido, mas nada podia ser feito.

1.1.5. Os Traumas, e Violência à Dignidade Causados Pelo Assédio e Importunação Sexual

O assédio sexual e a importunação sexual, além de constranger a vítima também acaba “ferindo” a dignidade sexual e o psicológico da vítima, causando traumas, alguns para toda vida.

[...] a dignidade sexual é um desdobramento do princípio da dignidade da pessoa humana, e está associado ao íntimo de cada indivíduo, não cabendo intervenção do Estado. A dignidade sexual liga-se à sexualidade humana, ou seja, o conjunto dos fatos, ocorrências e aparências da vida sexual de cada um. Associa-se a respeitabilidade e a autoestima à intimidade e à vida privada, permitindo-se deduzir que o ser humano pode realizar-se, sexualmente, satisfazendo a lascívia e a sensualidade como bem lhe aprouver, sem que haja qualquer interferência estatal ou da sociedade. (NUCCI, 2014, p. 42).

Portando a dignidade sexual é a autodeterminação sexual, ou seja, a liberdade de cada pessoa escolher sua disponibilidade sexual, a capacidade de escolher com quem e quando quer se realizar sexualmente. Portando quando uma pessoa é assediada no trabalho por seu superior como sendo apalpada, encoxada ou forçada a ter relações sexuais ou outros tipos de atos sexuais, ou sendo importunadas na rua¹⁰, estas duas condutas ferem a dignidade sexual da vítima de assédio ou de importunação sexual. Isto causa sérias consequências para as vítimas, como fortes traumas psicológicos.

Nesse sentido, Silva (2018) diz que:

A violência sexual pode acarretar consequências como depressão, isolamento, culpa, constrangimento, ideação suicida, vergonha do próprio corpo, irritabilidade, entre outros prejuízos à vítima, em curto e longo prazo. Adicionalmente, há risco de abuso de álcool e drogas, síndrome do pânico, baixa auto-estima, fobias e Transtorno de Estresse Pós-traumático (*apud* OLIVEIRA, 2019 p. 18).

As consequências para as vítimas vão além do momento da violência, pode resultar em depressão, transtornos, síndrome do pânico e outros traumas sociais, causando prejuízo a curto e longo prazo. Muitas vítimas de importunação sexual em ônibus por exemplo acabam criando pânico de voltar a utilizar o transporte público. Um exemplo é o relato de Nathalia Araujo Reis Santana:

A estudante universitária Nathalia Araujo Reis Santana, 20, foi uma das 2.171 vítimas de assédio sexual no transporte público atacadas entre os anos de 2012 e 2017 em São Paulo. Ela mora na zona leste da capital paulista e utiliza o metrô diariamente para estudar pedagogia em uma faculdade na Vila Prudente, zona leste, e trabalhar como atendente na região dos Jardins, zona sul. Em julho deste ano, Nathalia voltava para casa por volta das 19h30, usando a linha 3-Vermelha do Metrô, quando um homem a tocou com a mão. Ele aproveitou a superlotação do trem e, sequência, ejaculou nas costas dela. A jovem percebeu na hora o que havia acontecido, mas ficou sem reação. Chegou a ver o rosto do homem, mas, assim que o metrô parou, ele deixou o vagão rapidamente. Nathalia procurou os seguranças do Metrô, que a acolheram e a levaram até um banheiro para que se limpasse. Eles a orientaram a registrar o caso. No dia seguinte, ela foi à Delegacia de Polícia do Metropolitano, que fica dentro da estação Barra Funda, na zona oeste. Até hoje, o homem que ejaculou em Nathalia não foi localizado pelas autoridades, segundo investigações da Polícia Civil. Mas ela o reencontrou por acaso, na mesma linha 3-Vermelha, em setembro deste ano. "Eu o vi e reconheci. Ele percebeu que eu reconheci e saiu do vagão. Fiquei paralisada de novo, sem saber o que fazer. O próprio delegado que me atendeu disse que seria mais fácil eu encontrar do que a polícia, pelo grande número de pessoas que passam pelo metrô todos os dias", conta Nathalia, que desde então, só entra no metrô acompanhada de algum conhecido e jamais em vagões cheios. "Eu fiquei dois meses sem entrar no metrô. Para ir à delegacia, que fica dentro do metrô, eu não fui de metrô. Fiquei com

10 As pessoas erroneamente falam que são assediadas nas ruas, mas está incorreto, com a criação do Art. 215-A, tudo que era considerado assédio agora se torna importunação, pois como prevê o Art. 216-A sobre assédio sexual, é preciso que o assédio tenha sido cometido por um superior hierárquico ou semelhante

medo. Hoje, eu não entro no vagão se ele está cheio. E prefiro sempre estar acompanhada de alguém para entrar" Nathalia Araujo Reis Santana (ADORNO, 2017, p. 5).

Como pode ser percebido nesse relato, não apenas danos e traumas psicológicos podem ser causado pela importunação sexual, mas também, o direito de ir e vir pode de certo modo ser violado.

1.2. O Espaço como Componente da Violência e do Assédio Sexual

Neste subcapítulo será discutido como o espaço é composto por ações de violência e assédio sexual. Primeiro, faremos uma discussão sobre as definições do conceito de espaço, utilizando-se das reflexões realizadas por Milton Santos, Paulo Cesar da Costa Gomes, Henri Lefebvre, Rosa Maria López, Em seguida, será feita uma relação entre violência sexual e assédio sexual, estes sendo como componente do espaço.

1.2.1. O espaço

O espaço é composto por um conjunto de figuras representativas de relações sociais do passado e do presente e por um sistema representado por relações que estão acontecendo e mostram-se através de processos e funções (SANTOS, 2004). Nesse sentido, a importância do espaço fica evidente, pois através do espaço que a sociedade e as relações sociais existem, conflitos políticos, guerras, as cidades avançam uma sobre as outras. O espaço é um produto social que influencia e é influenciado pela sociedade.

Como nos assegura Santos (2004), pode-se dizer que o espaço é resultado e condição dos processos sociais, e por isso não podemos entender o espaço e a sociedade como algo separado, pois um é resultado do outro, ou como nos termos do autor, o espaço é "subordinado-subordinante", "reflexo e condição". Para Santos (2006) o espaço geográfico é compreendido como aquele com a presença de técnicas humanas, com seus sistemas de objetos e sistemas de ações. Os sistemas de objetos são a técnica material humana, objetos criados pelos humanos, sejam eles técnicos ou técnicos-científico-informacional, como lápis, caneta, as máquinas e etc. Os sistemas de ações são os valores e funções dados a esses objetos ou sistema de objetos, como o lápis é usado para escrever, a cadeira para sentar, etc. Santos (2006, p. 225) afirma que o

espaço é “conjunto indissociável, solidário, e também contraditório de sistemas de objeto e sistemas de ações”.

Conforme explicado acima, o espaço organizado é fruto das relações sociais, como condição e meio de realização de toda a dinâmica social. O espaço sendo ele produto da sociedade, vai apresentar características das pessoas que o modificaram. O espaço geográfico é organizado pelos humanos vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução (SANTOS, 2004).

Para Lefebvre (2006), o espaço desempenha um papel decisivo nessa continuidade e contém também certas representações dessa dupla ou tripla interferência de relações sociais (de produção e de reprodução). O autor deixa claro que não há apenas um espaço social, mas sim vários espaços sociais distribuído e incontáveis, e além disso esses espaços sociais se compenetraram e /ou superpõe.

Lefebvre (2006) considera o espaço como um registro do tempo no mundo, onde os movimentos urbanos conectados a população definem seu dia a dia, produzindo uma nova sociedade com novos movimentos com tempo e duração nos espaços. Mas o autor diz que para tanto é necessário que seja removido a condição atual de marginalização e uniformização do cotidiano. Todos os cidadãos tem total direito de compor e usar o espaço social podendo cada um exibir suas diferenças e ocupar-se do espaço de modo coletivo ou individual.

Conforme mencionado por Lefebvre (2006), sua concepção de espaço é que ele é um produto/resultado da sociedade, que não apenas isso, mas que é influenciado pela sociedade, assim como também influência na mesma. Podemos encontrar semelhanças nessa afirmação com a que Milton Santos fez sobre o espaço em seu livro "Por Uma Geografia Nova", onde ele diz que:

(...) o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. (SANTOS, 2006, p. 145).

Para Milton Santos a Geografia é Geografia pela posse do objeto, este sendo o espaço geográfico, não o único, mas para ele o principal objeto de estudo da Geografia. Por outro lado, para Paulo Cesar da Costa Gomes, a identidade da Geografia nasce das perguntas de caráter geográfico, sendo estas perguntas de caráter espacial, buscar compreender a lógica de dispersão espacial dos fenômenos, a trama locacional dos fenômenos, entendendo que a localização não é mera localização, mas elemento constitutivo do fenômeno.

Para Paulo Cesar da Costa Gomes:

Perceber que há uma ordem espacial da vida social, por exemplo, é perceber que nossas práticas são modificadas pela modulação da localização, que essa modulação modifica também nossa compreensão dos conteúdos, que essa modulação classifica, hierarquiza, regula, qualifica nossas atitudes, tanto as mais claramente expressivas quanto aquelas mais cotidianas (GOMES, 2009, p. 28).

É possível perceber que Santos (2006) e Gomes (2009) também veem o espaço como um resultado e condição dos processos sociais. Desse modo o espaço, sendo ele uma instância social que tende a reproduzir-se, tem um arranjo que corresponde à organização feita pelo ser humano. O espaço é também uma instância subordinada à lei da totalidade, que dispõem de alguma autonomia, com que faz que ele se manifeste por meio de leis próprias (SANTOS, 2006).

Assim, o espaço se torna resultado de interação de diferentes variáveis. O espaço social é o espaço humano relacionado aos lugares de lazer, de descanso e de trabalho, além de morada dos seres humanos. Ainda nessa obra, Santos (2006) diz que cada sociedade historicamente produz seu próprio espaço, com suas próprias regras. Também é possível perceber a diferença entre território e espaço. Para Santos (2006, p. 159), “a utilização do território pelo povo cria o espaço”, inalterável em seus limites e manifestando alterações ao longo da história.

O espaço por si só é complexo, fruto das relações humanas que vem sendo modificado a medida que os anos passam e que a sociedade se modifica, e como afirmado pelos autores citados acima, o mesmo é inseparável dos fenômenos sociais.

1.2.1. O Espaço e a Violência Sexual

Conforme explicado acima o espaço é fruto e reflexo da sociedade ao qual o mesmo está inserido, e vem sendo modificado historicamente como afirma Milton Santos, o espaço sendo ele reflexo e condição da sociedade que o criou e modificou (SANTOS, 2004) ele é essencial para o estudo de qualquer fenômeno social, como o fenômeno da violência sexual.

As mulheres historicamente fizeram parte da esfera privada, e os espaços públicos sempre foram planejados por homens e para homens. O modelo de urbanização romano é um exemplo, "O modelo de urbanização romano, considerado um dos melhores do mediterrâneo (LÓPEZ, 2014), teve seu conceito de espaço público e de compartilhamento idealizado e concebido pelo e para o gênero masculino" (RODRIGUES, 2017, p. 5).

O homem ficaria responsável pelo sustendo da família, se envolvendo com política e fazendo a segurança do espaço familiar, e para as mulheres sobrando apenas cuidar da casa e dos filhos, protegida dos males e perigos fora dos muros do espaço familiar. Na Grécia não era muito diferente:

Nas cidades gregas, as relações sociais aconteciam em espaços identificados em função do gênero masculino: o desenrolar das tarefas políticas, a gestão dos negócios, a realização de ofícios e desempenhos sacerdotais, só poderiam ser consolidadas em espaços públicos concedidos aos homens livres. Inclusive as atividades lúdicas, como os espetáculos circenses, as corridas de cavalos e as lutas de gladiadores (RODRIGUES, 2017, p. 5)

As áreas femininas raramente existiam, e quando, eram localizadas na periferia das cidades, como exemplo o templo de divindades femininas, em contra partida o templo de divindades masculinas ficavam no centro das cidades gregas (RODRIGUES, 2017). Vale lembrar que as mulheres na Grécia antiga não eram consideradas cidadãs: "A divisão público-privada, nesta perspectiva de gênero nos espaços da cidade antiga, pode ser renomeada público-doméstica" (RODRIGUES, 2017, p. 6). Enquanto as mulheres ficavam a maior parte do tempo dentro de suas casas, os homens estavam permitidos e, nesta perspectiva excludente, adequados a frequentar o espaço fora de suas casas.

À medida que o tempo foi passando as mulheres começaram a poder acessar os espaços públicos, mas infelizmente não com a mesma liberdade que os homens, pois devido ao machismo, sexismo estrutural que vivemos em nossas sociedades ocidentais cristãs, as mulheres são vistas como objetos sexuais que servem apenas para cuidar da casa e satisfazer sexualmente o homem. Como Pateman (1993) argumenta, que em algumas situações não a diferença entre casamento e prostituição a não ser o pagamento feito pelo serviço das prostitutas, coisa que no casamento devido ao contrato matrimonial as mulheres são obrigadas a manter relações sexuais com seus parceiros.

Como foi dito por Santos (2004) e Lefebvre (2006), o espaço é reflexo do tempo, e da sociedade que o modificou. À medida que o tempo foi passando, o espaço foi se modificando, desde os romanos até os dias atuais, mas não foi adequado para receber as mulheres (principalmente os espaços públicos). Estupros, importunação sexual, feminicídio, objetificação do corpo, desvalorização profissional, falta de representatividade na esfera pública. São algumas questões que as mulheres precisam enfrentar no seu cotidiano, o que faz que vivam com medo, com sensação de vulnerabilidade e de falta de segurança. Tudo isso acaba

moldando a forma com que as mulheres vivenciam o espaço, que ela tem de ocupar por direito, mas que está longe de ser o ideal:

Se perguntar 'uma mulher se sentiria segura andando aqui à noite?' e obter uma resposta positiva provavelmente significa que a maioria das pessoas se sentiria confortável usando aquele espaço. Mulheres podem ser usadas como um termômetro para a segurança e outras prioridades em planejamento. (WARNER, 2012 apud VIEIRA, 2016, p. 17)

Um exemplo do que foi mencionado acima é que uma mulher nem sempre escolha um caminho pela sua distância, mas sim pela segurança, se há iluminação adequada, fluxo de pessoas, ausência de pontos cegos, nesse sentido significa andar mais. A configuração do espaço afeta diretamente a vida das mulheres, há lugares que elas mais sofrem importunação sexual, do que outros, correm o risco de serem violentadas, tudo isso pelo motivo de que o espaço público foi desenhado para um gênero, o masculino (RODRIGUES, 2017). Por isso a importância de ter mais mulheres na vida pública, para que sejam feitas políticas públicas voltadas para a segurança delas, e que assim elas consigam desfrutar do espaço público que é delas de direito.

Com já visto anteriormente, o espaço não é algo que só serve como suporte para a sociedade, ele faz parte da sociedade, ele é criado e modificado, ele é indissociável quando vamos estudar algum fenômeno social. Todo fenômeno acontece em alguma localização (casa, escola, praça, ônibus, etc.), seja fenômeno natural, ou social. Por exemplo a chuva é um fenômeno climático, necessita de variáveis climáticas como, ventos quente e úmido, variação da pressão atmosférica e outros (MENDONÇA; DANNI-OLIVEIRA, 2017), mas sempre variáveis que acontecem em alguma localização ou localizações.

Assim, também são os fenômenos sociais como a geração de emprego, que depende da economia, de políticas tributárias que favoreçam a entrada de empresas, o fenômeno da violência sexual que é a questão central dessa pesquisa, que por exemplo não ocorre em qualquer espaço (como dentro de ônibus, em lugares públicos como ruas e praças). Uma pesquisa feita por Cerqueira e Coelho (2014) mostra que o estupro quando cometido por uma pessoa conhecida (pai, tio, amigos) normalmente acontece na residência do agressor, e quando é cometida por uma pessoa desconhecida é cometido em espaços públicos, os estupros em geral acontecem em casa e cometidas por pessoas conhecidas. Os casos de importunação sexual acontecem em lugares públicos, como exemplo utilizando a cidade de Ponta Grossa e que foi citada alguma vezes como cidade das vítimas que responderam ao questionário (dentro de ônibus, na calçada, praças etc.).

As importunações sexuais acontecem na luz do dia com ou sem pessoas em volta, talvez por ser um tipo de violência menos grave e muitas vezes naturalizada pela nossa sociedade que vive uma cultura do estupro, que normaliza cantadas indevidas, passadas de mão, encoxadas. Essa cultura diz que a mulher deve levar aquilo como um elogio da sua beleza.

No Paraná aconteceu um caso de importunação sexual, um homem passa a mão no corpo de uma mulher em uma avenida movimentada, o crime foi filmado por câmeras de segurança e o agressor foi preso¹¹. É possível perceber que o espaço (ruas mal iluminadas, praças com baixo ou nenhum policiamento ou guarda municipal, ônibus lotados, muito comum na cidade de Ponta Grossa) influencia no tipo de violência. São muito mais chamativos para que crimes como o de estupro aconteça. Vias públicas, pontos de ônibus e ônibus lotados são espaços onde as importunações sexuais mais acontece. O machismo estrutural, o sexismo e a visão da mulher como um objeto sexual faz com que homens se achem no direito de tocar em seus corpos sem sua permissão.

Neste capítulo foi discutido algumas compreensões de espaço, utilizando autores como: Henry Lefebvre, Milton Santos e Paulo Cesar da Costa Gomes. Com essa discussão foi possível que o espaço não é um mero “palco” para os fenômenos sociais, mas sim ele compõe os fenômenos é parte essencial dos fenômenos sociais.

Também foi feita uma discussão teórica sobre o patriarcado e machismo e como estes compõem o fenômeno de violência sexual, também foi discutido o que é assédio sexual, importunação sexual e violência sexual, utilizando autores como: Ana Carolina Mattos de Santos Ferraz, Bruno Ricardo Bérghamo Florentino, Joan Scott, Márcia Novaes Guedes, Teresa Kleba Lisboa, Cecilia Sandenberg, Cecília Macdowell Santos, Wânia Pasinato Izumino. Com a discussão de espaço e de violência sexual, foi possível mostra como o espaço está relacionado com o fenômeno de violências sexual, visto que o tipo de espaço pode influenciar no tipo de violência a ser cometida.

No próximo capítulo serão apresentadas as características socioeconômicas das pessoas que participaram da pesquisa, assim como seus relatos sobre assédio, importunação e/ou violência sexual.

11 Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2021/11/23/homem-e-presos-apos-passar-a-mao-no-corpo-de-mulher-que-trabalhava-em-avenida-de-apucarana-video.ghtml>.

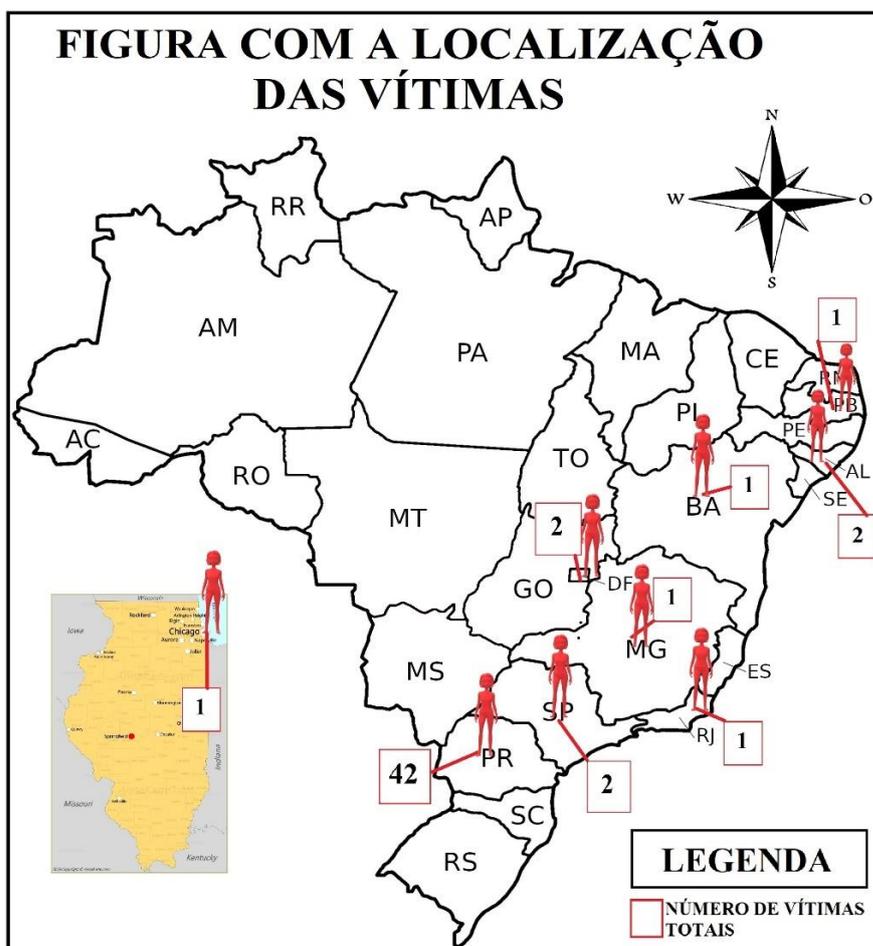
CAPÍTULO II

AS PESSOAS E AS RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE PODER

Neste capítulo será apresentada as características socioeconômicas das pessoas que participaram da pesquisa. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário virtual (por meio de um formulário *web* elaborado a partir do *Google Forms*, aplicativo do Google que permite a criação, compartilhamento e disponibilização de formulário na *web*) que foi disponibilizado por meio de link e compartilhado nas redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*), respondido entre 13/10/2021 à 06/12/2021, obtendo um alcance de 56 respostas.

A tabela abaixo se refere a primeira questão dos questionários, mostra a localização das cidades das pessoas que responderam ao questionário, observando a tabela é possível perceber o alcance que as redes sociais podem ter, o questionário foi respondido por pessoas das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil, até de fora do país como uma resposta de Chicago, Illinois, Eua.

Figura 1 – Figura com a localização das vítimas



Fonte: O autor

CIDADE	Nº DE RESPOSTAS
PONTA GROSSA – PR	28
TIBAGI – PR	8
NÃO INFORMADO	3
BRASÍLIA – DF	2
CURITIBA – PR	2
SÃO PAULO – SP	2
CARAMBEÍ – PR	1
IMBITUVA – PR	1
TELÊMACO BORBA – PR	1
CASTRO – PR	1
RIO DE JANEIRO – RJ	1
SANTO ANTÔNIO DO MONTE – MG	1
UNIÃO DOS PALMARES – AL	1
ARAPIRACA – AL	1
VITÓRIA DA CONQUISTA – BA	1
JOÃO PESSOA – PB	1
CHICAGO, ILLINOIS, EUA	1

Tabela – 1 (CIDADE DAS PESSOAS QUE RESPONDERAM AO QUESTIONÁRIO)

O questionário foi dividido em três partes. A primeira parte visava coletar relatos de pessoas que vieram a sofrer assédio, importunação e/ou violência sexual ou que conheciam pessoas que sofreram. Por meio de 10 perguntas. A segunda parte pretendia traçar um perfil das vítimas e dos agressores por meio de 27 perguntas e a terceira parte objetivava fazer um levantamento sobre os horários e locais dos assédios e/ou violências sexuais.

2.1. Características das Pessoas que Participam das Relações de Poder Assimétricas

A parte II do questionário foi dividida em duas, a primeira com 16 questões para conhecer o perfil da vítima e a segunda para conhecer o perfil do agressor com 13 questões, quando este era conhecido. As questões foram divididas em: Cidade de residência; homem/mulher?; Cor/raça?; Orientação sexual?; Identidade de gênero?; Trabalha?; Qual sua ocupação?; Renda individual mensal?; Renda familiar (exceto a sua renda)?; Relacionamento?; Quantos filhos você tem?; Quantas pessoas moram em sua casa? Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas que moram em uma mesma casa; Qual sua religião; Idade?; há única diferença das questões do perfil da vítima para do agressor é que foi perguntado se era

conhecido? As respostas foram organizadas em gráfico e tabelas para uma melhor análise e compreensão dos resultados.

2.1.1. Perfil das Vítimas

A próxima questão é para verificar se quem estava respondendo o questionário era homem ou mulher:

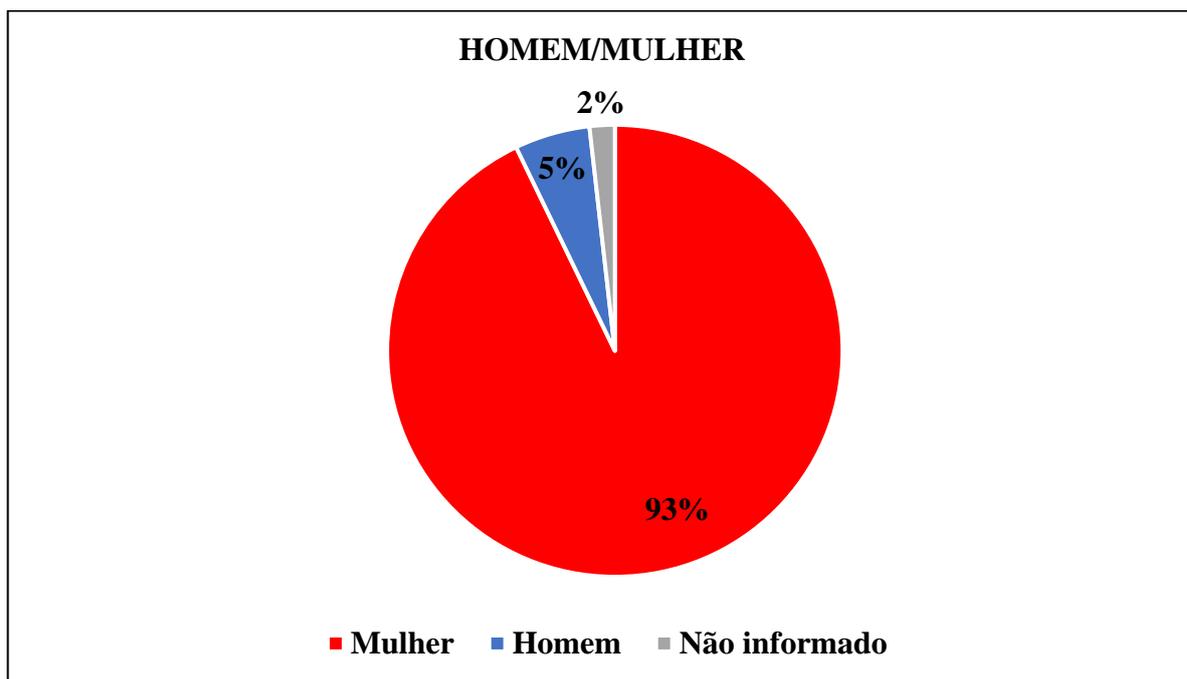


Gráfico – 1 Gênero das/dos participante desta pesquisa.

No gráfico 1 mais de 90% das respostas são de mulheres, com apenas 5% de homens respondendo o questionário, mas vale a observação que todos os relatos são referentes a mulheres vítimas de assédio, importunação e/ou violência sexual.

A próxima questão é referente a Cor/Raça:

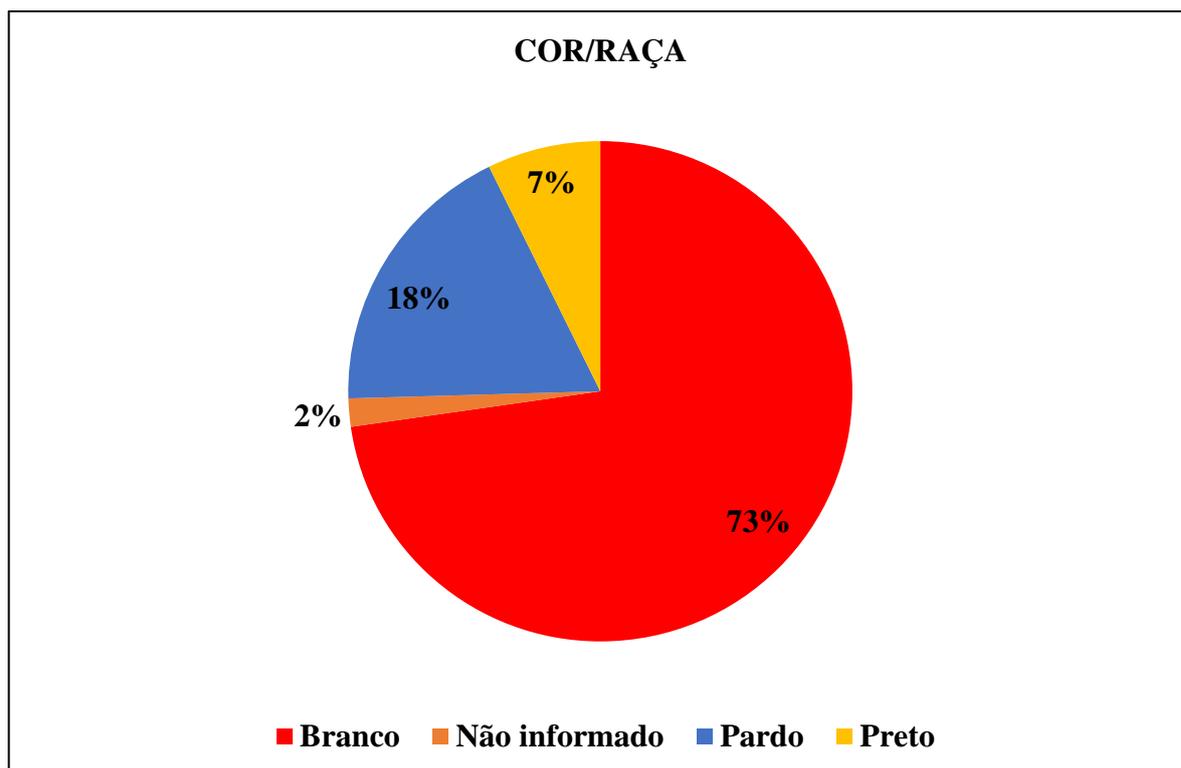


Gráfico – 2 Cor/Raça das/dos participantes da pesquisa.

No gráfico 2 o indicador de análise é Cor/Raça das vítimas. A maioria das vítimas se autodeclara branca, com 73%, seguindo por 18% que se autodeclara pardo, 7% se autodeclara preto¹².

Em reação a Orientação Sexual:

12 2 % não informou

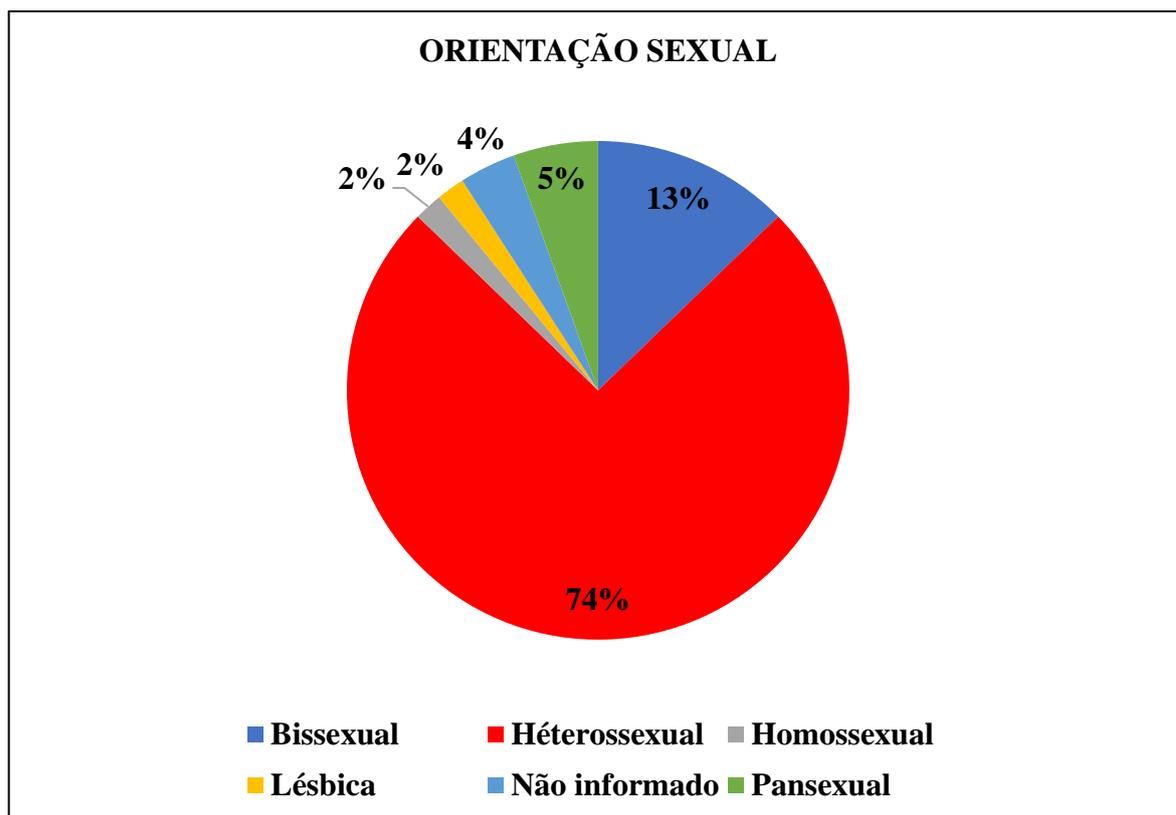


Gráfico – 3 Orientação sexual das/dos participantes da pesquisa.

No gráfico 3 o indicador analisado é de orientação sexual das vítimas. A grande maioria são heterossexuais, com 74% das pessoas, seguidos de 13% que são bissexuais, 5% pansexuais, 2% lésbicas e 2% de homossexuais¹³. É válido ressaltar a orientação pansexual, mesmo que apareçam em escalas bem menores, existem e precisam ser debatidas também no âmbito da sexualidade, assim como as outras.

A próxima questão é em relação a Identidade de Gênero:

13 4 % não informado

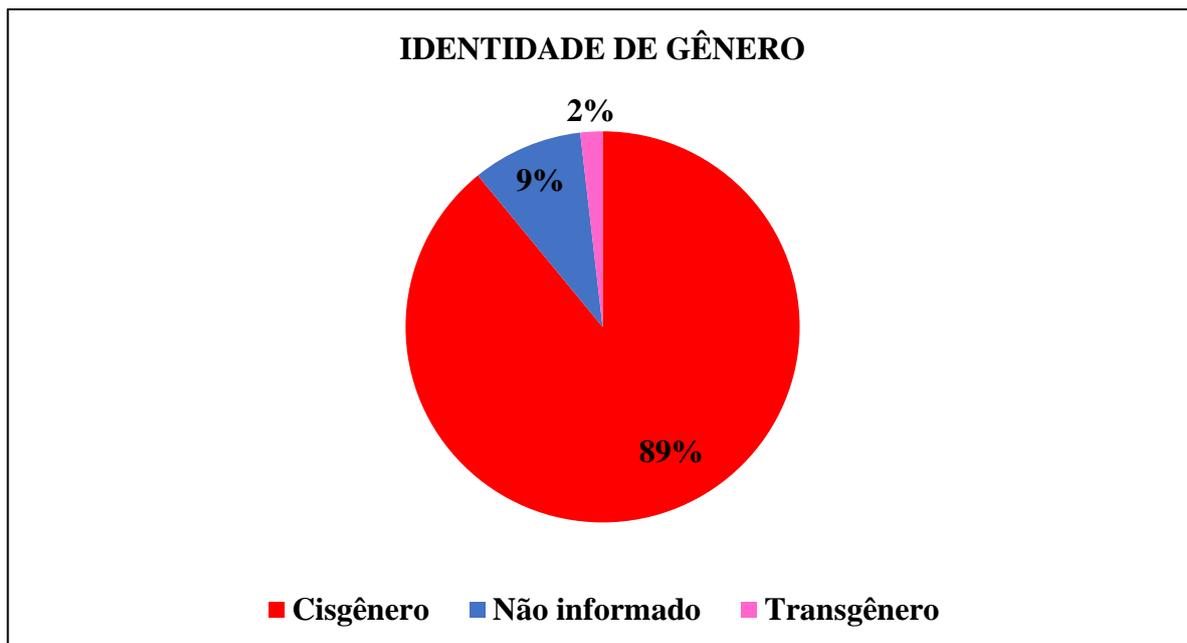


Gráfico – 4 Identidade de gênero das/dos participantes desta pesquisa.

No gráfico 4 quase 90% das vítimas se identifica como Cisgênero, 9% não informaram e apenas 2% transgênero. Uma questão importante a ser ressaltada, é a resposta de pelo menos uma mulher transgênero à pesquisa, que são mulheres que também com outras demandas além das específicas às mulheres Cisgênero.

Em relação a escolaridade:

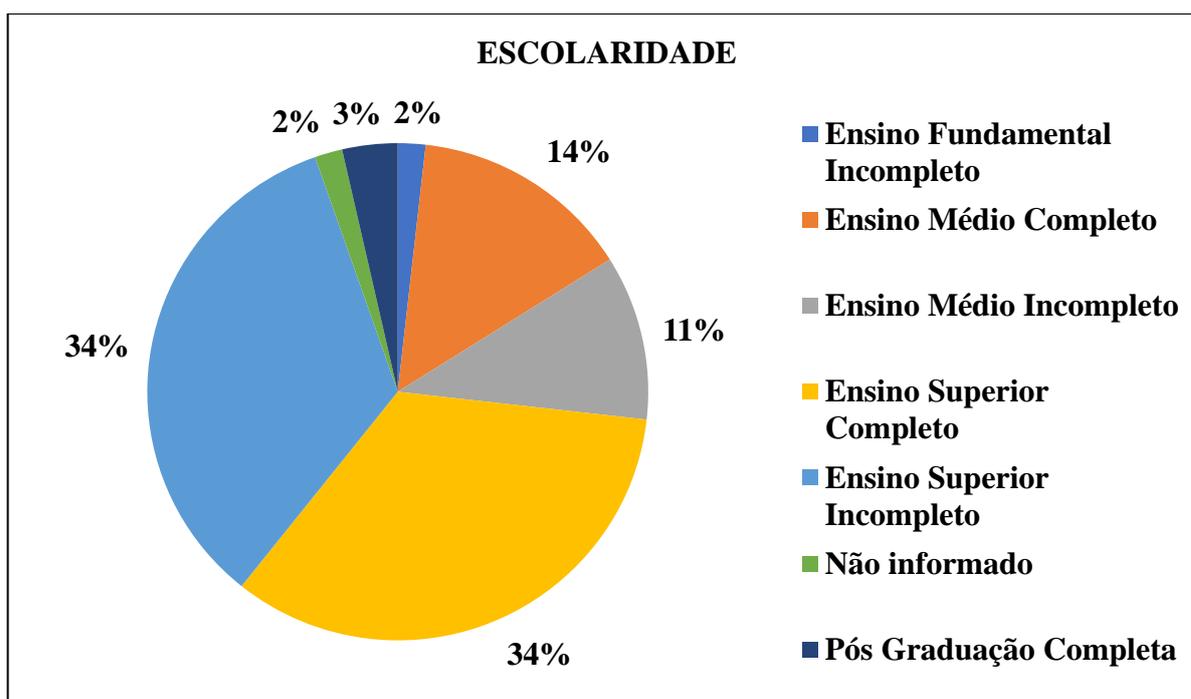


Gráfico – 5 Escolaridade das/dos participantes desta pesquisa

No gráfico 5 o indicador analisado foi a escolaridade. As vítimas com ensino superior completo e incompleto, são iguais com 34% cada. Ensino médio são 14% das vítimas, 11% das vítimas com ensino médio incompleto, 3% das vítimas com pós graduação completa e 2% com fundamental incompleto e 2% não informou.

A próxima questão verificada foi em relação ao Trabalho:

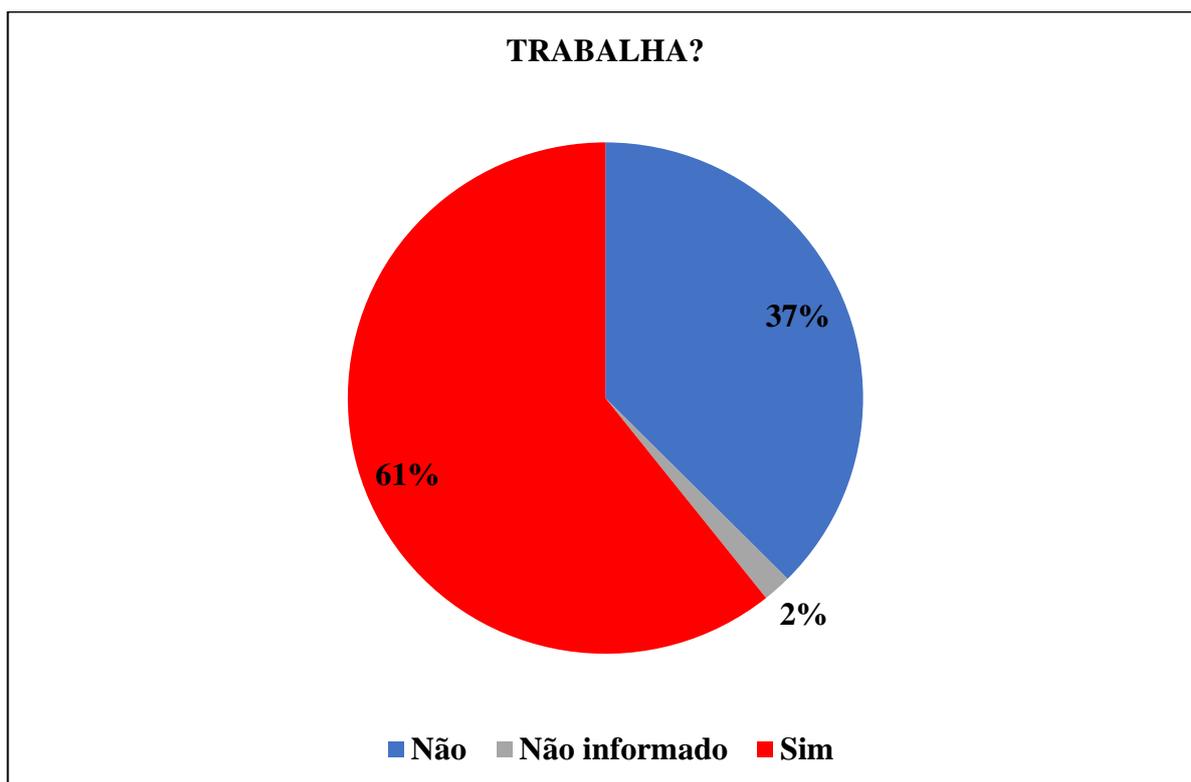


Gráfico – 6 Trabalha?

No gráfico 6 o indicador analisado foi a questão de quantas das vítimas possui um trabalho. 61% das vítimas afirmam ter um trabalho, 37% afirmam não possuir trabalho e 2% não informou.

Com relação a ocupação de cada vítima:

OCUPAÇÃO	Nº DE RESPOSTAS
ESTUDANTE	13
NÃO INFORMADO	8
VENDEDORA	4
PROFESSOR(A)	4
AUTÔNOMA	3

CRIADORES DE CONTEÚDO DIGITAL	2
ÁREA DA EDUCAÇÃO	2
FUNCIONÁRIA PÚBLICA	2
ARTESÃ	1
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO	1
COORDENADORA	1
CORRETORA DE IMÓVEIS	1
DESEMPREGADA	1
DESIGNER GRÁFICA	1
FISIOTERAPEUTA	1
GARÇONETE	1
INVESTIDORA	1
PEDAGOGA	1
PEDREIRO	1
PESQUISADORA	1
PESQUISADORA/ESTUDANTE	1
PROFESSORA/PESQUISADORA	1
SALGADEIRA	1
SECRETÁRIA	1
SERVIÇOS GERAIS (MINERAÇÃO)	1
TRABALHO VOLUNTÁRIO	1

Tabela – 2 (OCUPAÇÃO DAS VÍTIMAS)

Na tabela 2 foi agrupado as ocupações das participantes da pesquisa. 52% do total de ocupação das participantes são de médio e alto nível de conhecimento, 48% do total de ocupações exigem um baixo conhecimento, não precisando nem mesmo de ensino médio completo. Assim é possível perceber que a maioria das participantes possuem cargos de médio e alto nível, que exigem ensino superior e até mesmo mestrado e/ou doutorado.

A próxima questão analisada foi Renda Individual Mensal:

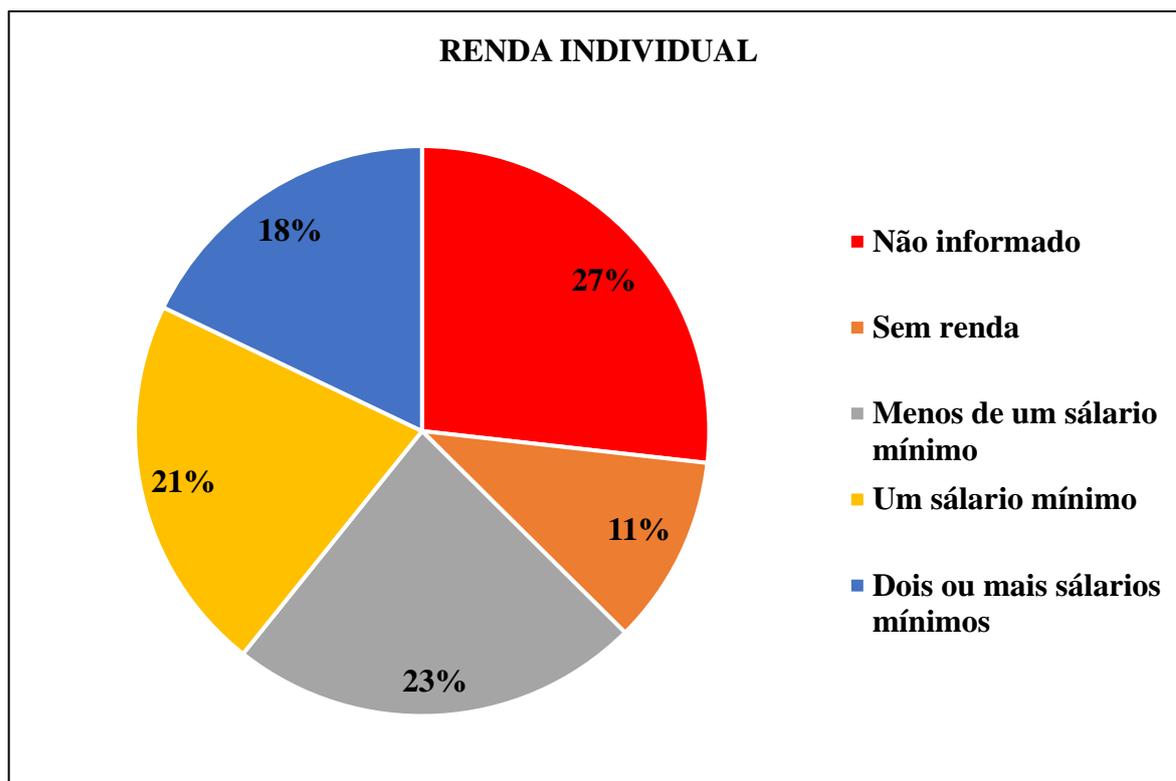


Gráfico – 7 Renda individual das/dos participantes desta pesquisa.

No gráfico 7 o indicador analisado é de renda individual de cada vítima. A maioria não informou sua renda 27% das vítimas no total, 23% das vítimas afirmam receber menos de um salário mínimo, 21% recebem um salário mínimo, 18% recebem dois ou mais salários mínimos e 11% não possuem renda. Se somar as pessoas com um salário mínimo, com menos de um e os sem renda são 55% das/dos participante, isso evidencia a grande desigualdade que se vive no Brasil. Muitas pessoa lamentavelmente precisam “Vender o almoço, para compra a janta”.

A próxima questão é a Renda Familiar:

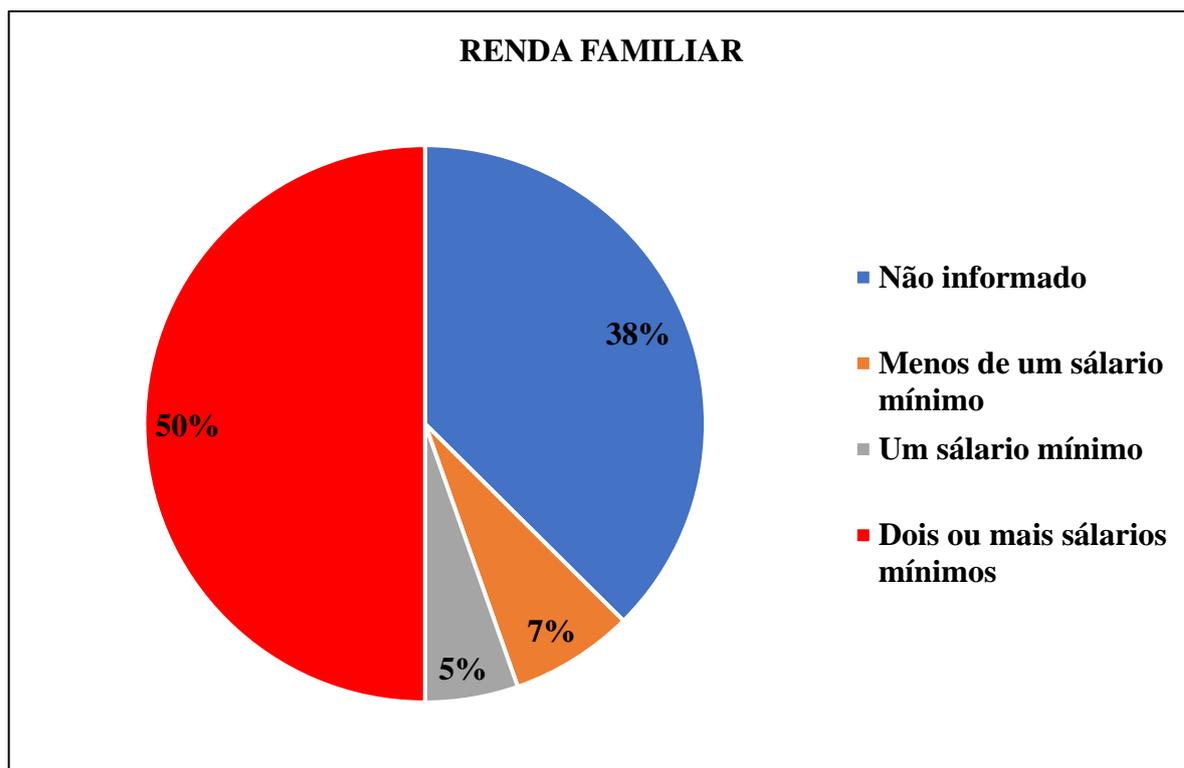


Gráfico – 8 Renda familiar das/dos participantes desta pesquisa.

No gráfico 8 mostra a renda familiar de cada vítima. 50% das vítimas afirmam que a renda familiar é de dois ou mais salários mínimos, 38% das vítimas não informaram a renda familiar, 7% afirmam ter uma renda familiar de menos de um salário mínimo e 5% afirmam ter uma renda de um salário mínimo.

Em relação ao Relacionamento:

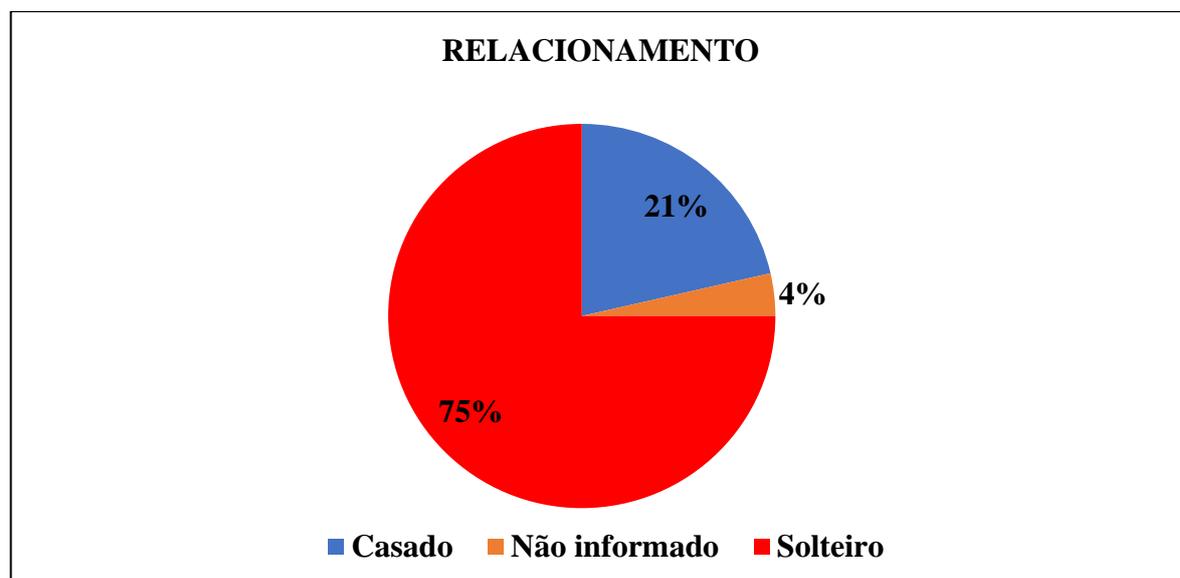


Gráfico – 9 Relacionamento das/dos participantes desta pesquisa.

No gráfico 9 o indicador analisado foi de relacionamento das vítimas. 75% das vítimas declaram que são solteiras, 21% das vítimas dizem ser casadas e 4% não informaram.

A questão seguinte é referente a Quantidade De Filhos:

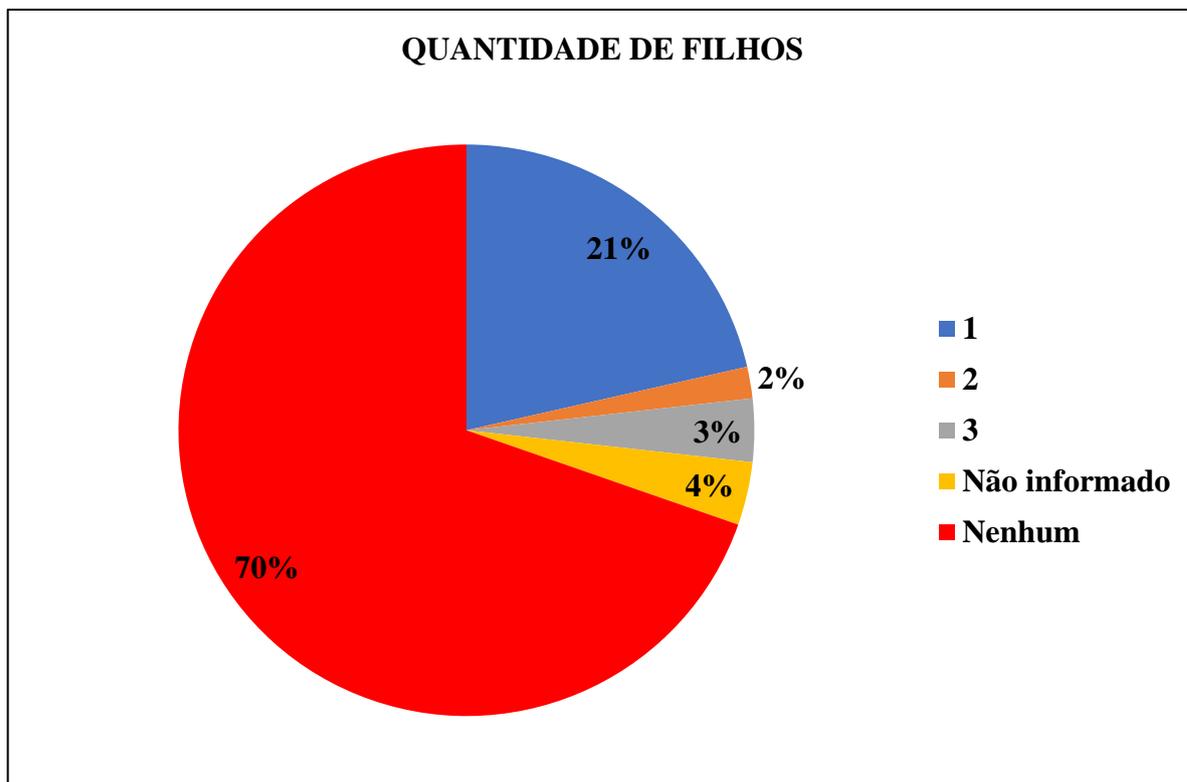


Gráfico – 10 Quantidade de filhos das/dos participantes desta pesquisa.

No gráfico 10 mostra que 70% das vítimas que responderam ao questionário declaram não ter nenhum filho, 21% das vítimas apenas um filho, 2% das vítimas declara ter dois filhos, 3% das vítimas dizem ter três filhos e 4% não informou.

A questão seguinte é Quantas Pessoas Moram em Sua Casa:

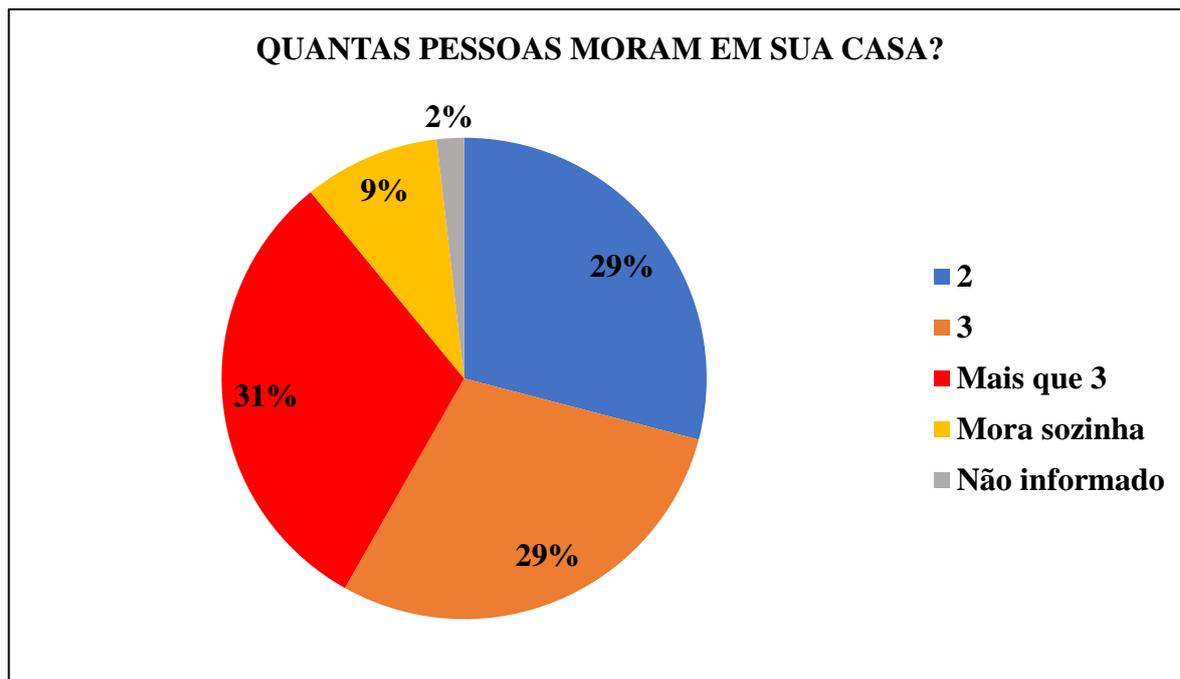


Gráfico – 11 Quantidade de pessoas que moram com as/os participantes desta pesquisa.

No gráfico 11 mostra a quantidade de pessoas que moram na casa das vítimas que responderam ao questionário. 39% das vítimas afirmam mais de 3 pessoas moram em sua casa, 29% das vítimas afirmam que moram 2 pessoas, 31% das vítimas afirmam que moram 3 pessoas, 9% das vítimas dizem que moram sozinhas e 2% não informaram.

A questão seguinte foi a Religião dos participantes:

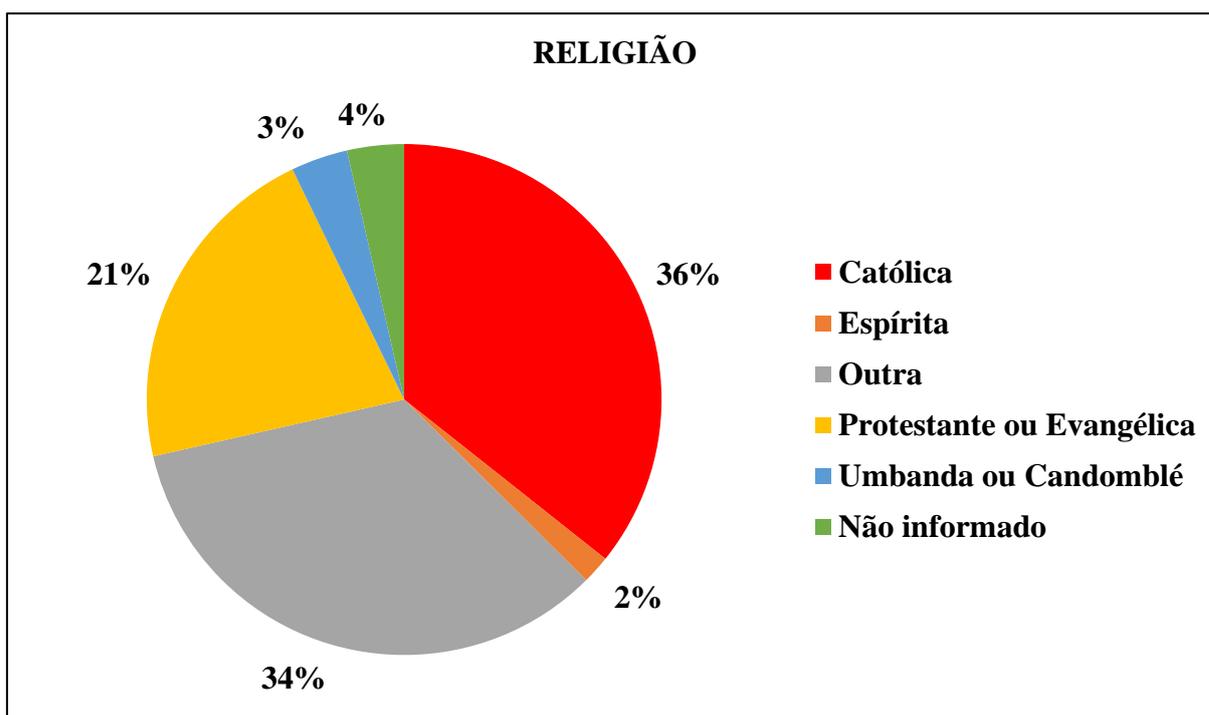


Gráfico – 12 Religião das/dos participantes desta pesquisa.

No gráfico 12 a questão da religião é analisada. 36% das vítimas dizem ser da religião católica, 34% das vítimas afirmam ser de outras religiões, 21% afirmam ser da religião protestante, 3% das vítimas dizem ser do candomblé ou umbanda, 4% não informaram e 2% das vítimas afirma ser espírita.

Com relação a idade das vítimas:

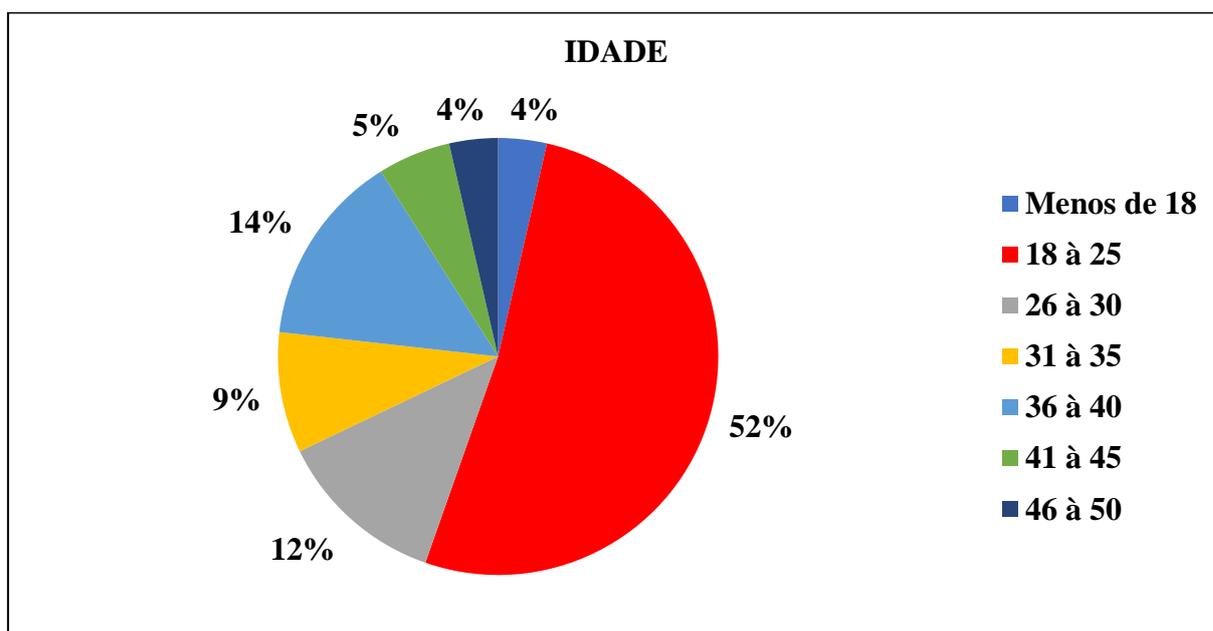


Gráfico – 13 Idade das/dos participantes desta pesquisa.

Com relação ao gráfico 13 observamos que 52% das vítimas afirma ter entre 18 à 25 anos, 14% das vítimas com idade de 36 à 40 anos, 12% das vítimas com idade entre 26 à 30 anos, 9% das vítimas com 31 à 35 anos, 5% das vítimas entre 41 à 45 anos, 4% das vítimas entre 46 à 50 anos e 4% com menos de 18 anos.

2.1.2. Perfil dos Agressores

Os próximos gráficos e tabelas são referentes ao perfil dos assediadores. A primeira questão era para saber se o agressor era conhecido:

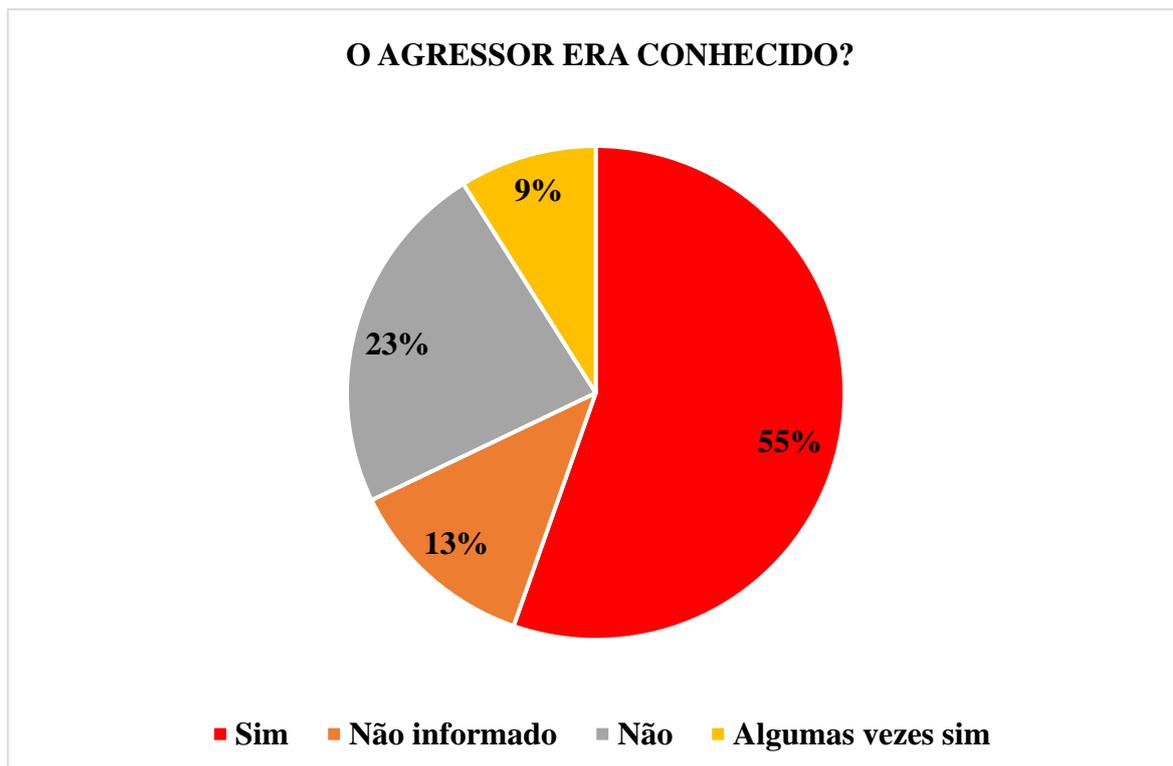


Gráfico – 14 O agressor era conhecido?

No gráfico 14 o indicador analisado foi se as vítimas conheciam o agressor. 55% das vítimas afirmaram conhecer o agressor, 23% das vítimas não conhecem o agressor, 13% não informaram e 9% algumas vezes. A maioria das vítimas que conhecem o agressor, são vítimas de violência sexual, visto que a maioria das violências sexuais são cometidas por pessoas próximas das vítimas.

A questão seguinte é referente a Cidade de Residência:

CIDADE	Nº DE RESPOSTAS
NÃO INFORMADO	22
PONTA GROSSA – PR	16
TIBAGI – PR	5
CURITIBA – PR	3
IMBITUVA – PR	3
BRASÍLIA – DF	2
CARAMBEI – PR	1
SÃO PAULO – SP	1
RIO DE JANEIRO – RJ	1
JOÃO PESSOA – PB	1
APARECIDA DO NORTE – SP	1

Tabela – 3 (CIDADES DOS AGRESSORES)

Na tabela 3 a maioria das participantes não soube informar a cidade dos agressores, com 41% das participantes, seguido de 29% das participantes que afirmam que os assediadores são de Ponta Grossa – PR, 10% de Tibagi – PR, Curitiba – PR 6% dos agressores, Imbituva – PR 6% dos agressores, Brasília – DF 5% dos agressores, Carambeí – PR, São Paulo – SP, Rio De Janeiro – RJ, João Pessoa – PB, Aparecida Do Norte – SP são 3% cada.

Há uma diferença na quantidade de pessoas que dizem que conhecem o agressor com a quantidade de cidades, em razão de que algumas vítimas afirmam não conhecer o assediador, mas colocaram a cidade dos importunadores a mesma em que elas sofreram as importunações.

Com relação a Cor:

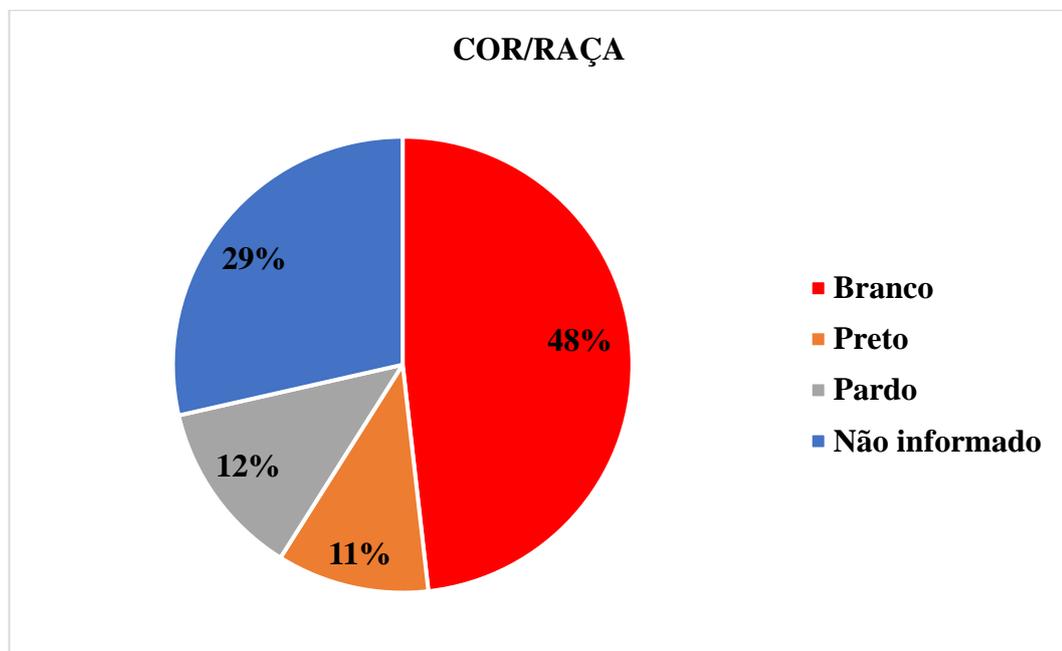


Gráfico – 15 Cor/Raça dos agressores

No gráfico 15 a questão analisada foi de Cor/Raça. 48% das vítimas afirmam que seus agressores são brancos, 29% das vítimas não informaram, 12% das vítimas dizem que o agressor é pardo e 11% afirmam que seu agressor é preto.

A questão seguinte é em relação Orientação Sexual:

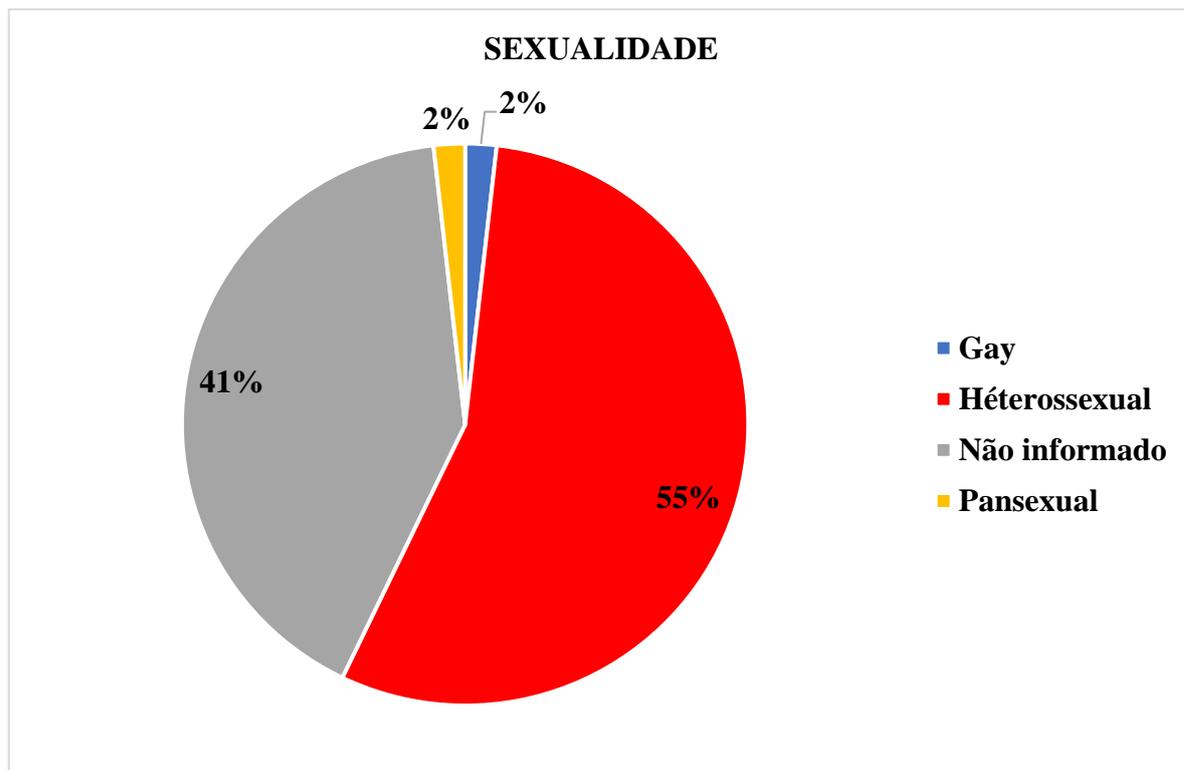


Gráfico – 16 Sexualidade dos agressores

No gráfico 16 o item analisado foi com relação a sexualidade dos agressores. 55% das vítimas afirmam que seus agressores são heterossexuais, 41% das vítimas não souberam informar a sexualidade dos agressores, 2% vítima declara que o agressor era gay e 2% vítima afirma que era pansexual. Muitas não souberam responder, devido a sexualidade ser algo pessoal que necessita ter pelo menos uma intimidade para que a pessoa fale qual sua sexualidade.

Com relação a idade:

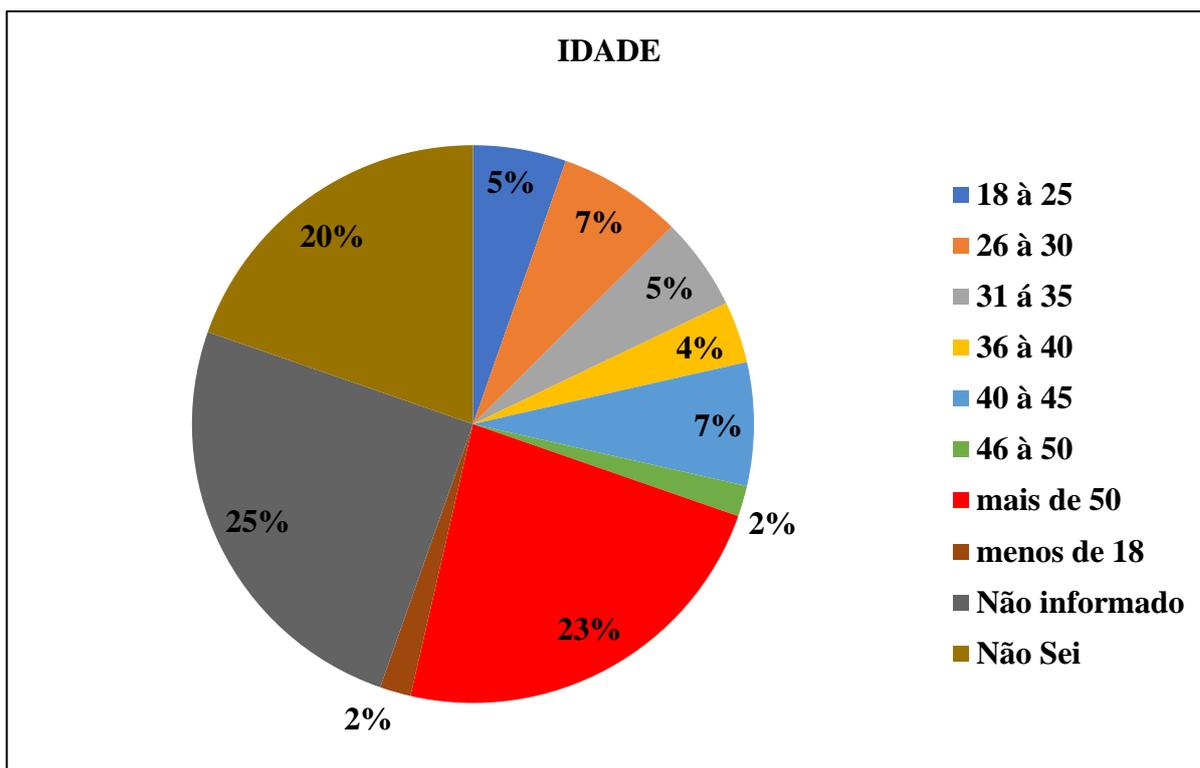


Gráfico – 17 Idade

No gráfico 17 o item analisado é a idade dos agressores. 25% não souberam informar, 23% afirmam que seus agressores tem mais de 50 anos, 20% não sabem, 7% dizem que tem entre 40 à 45 anos, 7% dizem que tem entre 26 à 30anos, 5% afirmam que tem entre 31 à 35 anos, 5% afirmam que tem entre 18 à 25 anos, 4% declaram que tem 36 à 40 anos e 2% declara que tem 46 à 50 anos.

Há grande falta de informação sobre os agressores se deve principalmente, à duas razões. A primeira é muitas das vítimas apesar de conhecerem seus agressores não tem uma convivência muito próxima, apesar de muitos relatos serem de pessoas conhecidas, são informações que apenas um contato muito próximo para se obter. A segunda razão se deve que muitas mulheres sofreram importunação enquanto estavam na rua ou na balada, em que foram importunadas por pessoas desconhecidas.

Foi perguntado também se há algum relacionamento entre a vítima e seu agressor, quando este era conhecido.

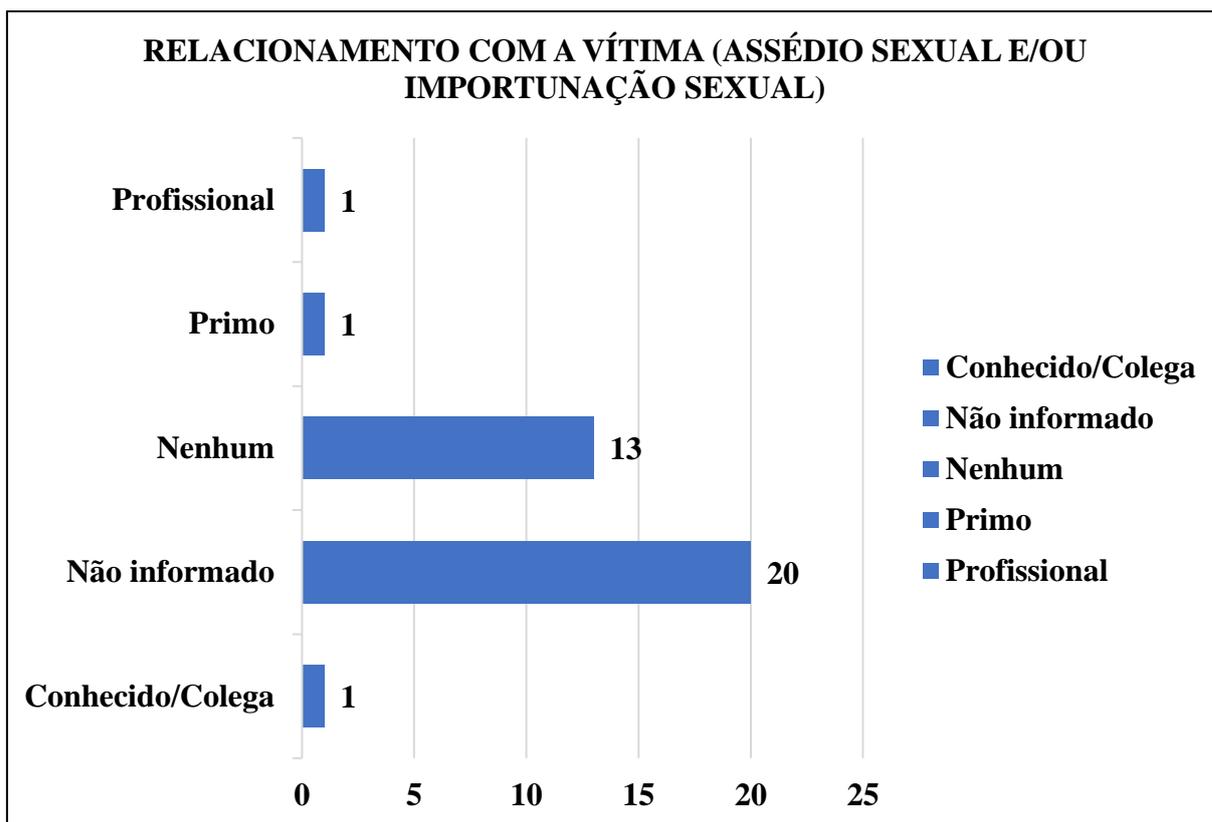


Gráfico – 18 Relacionamento com a vítima (Assédio Sexual e/ou Importunação Sexual)

No gráfico 18 a questão analisada foi qual o relacionamento da vítima de assédio e/ou importunação sexual com o agressor. 55% das vítimas não informaram, 36% das vítimas afirmaram não ter nenhum relacionamento, conhecido/colega, primo, relacionamento profissional com 3% das vítimas. A alta quantidade de vítimas que afirmaram não ter nenhum relacionamento com o agressor, se deve, pois, a maioria das importunações sexuais acontecem em locais públicos, lugar onde há uma grande quantidade de pessoas desconhecidas, ao que também ajuda a encorajar que as importunações aconteçam.

Com relação ao relacionamento da vítima com seu agressor de violência sexual:

Relacionamento Com a Vítima	Número De Vítimas
Amigo	2
Avô	1
Marido	1
Cunhado	2
Padrasto	1
Ex-namorado	3
Familiar	1
Pai	2

Sim (tem um relacionamento com seu agressor, mas não disse qual)	4
Tio	2
Tio avô	1

Tabela 4 – (RELACIONAMENTO COM O AGRESSOR)

Na tabela 4 o item analisado é a relação da vítima com a pessoas que a violentou sexualmente. 20% das participantes afirmaram que sim tem um relacionamento com seu agressor, mas não disse qual, 15% foram violentadas pelos ex-namorado, 10% forma violentadas pelo amigo, 10% forma violentadas pelo cunhado, 10% foram violentadas pelo tio, 5% foi violentada pelo avô, 5% foi violentada pelo marido, 5% foi violentada pelo padrasto, 5% foi violentada por um familiar e 5% foi violentada pelo tio avô.

Diferente do assédio sexual e/ou importunação sexual, há uma alta taxa de relacionamento de vítimas com seu agressor, pois muitas das violências sexuais, como já foi afirmado neste texto, são cometidas por parente e amigos da família, por terem uma maior facilidade de encontrar com sua vítima.

2.2. As Práticas de Assédio Sexual

A parte I do questionário foi dividida em 10 questões para descobrir se quem estava respondendo já havia sofrido assédio, importunação e/ou violência sexual ou conhecia alguém que tivesse sofrido e para relatar o que houve com detalhes. As respostas foram compiladas em gráficos e quadros para uma melhor compreensão dos resultados da pesquisa. A ordem apresentada dos gráficos e quadros não é a ordem do questionário, pois os relatos de quem sofreu ou conhece alguém que tenha sofrido assédio, importunação e violência sexual foram agrupadas em um mesmo quadro.

A primeira questão foi para descobrir se quem estava respondendo havia sofrido assédio e/ou importunação sexual:

VOCÊ JÁ SOFREU ASSÉDIO SEXUAL E/OU IMPORTUNAÇÃO SEXUAL?

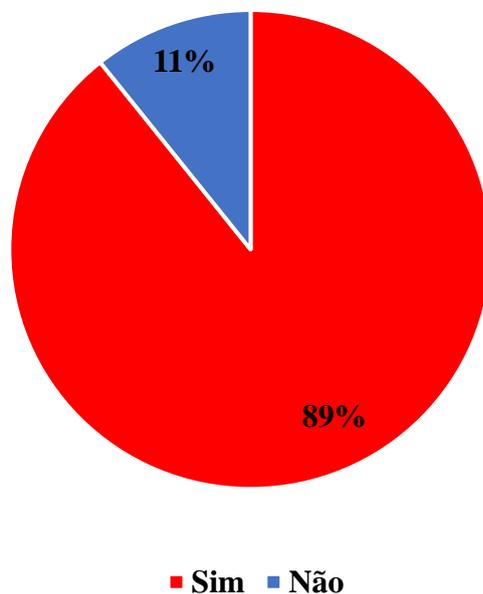


Gráfico 19 – Pessoas que sofreram assédio e/ou importunação sexual.

Observa-se no gráfico 19 que quase 90% das respostas foram sim, é possível afirmar que grande as mulheres conseguiram inúmeros direitos, com muita luta, como direto de votar, estudar, mas infelizmente o direito de ir e vir ainda necessita de muita luta para ser conquistado. É necessário que a nossa sociedade machista, sexista e patriarcal entenda que o corpo da mulher não é uma vitrine e que por ela estar com roupa X ou Y dá o direito de ser tocada e violada.

A questão seguinte foi sobre a intensidade dos assédios e/ou importunações sexuais:

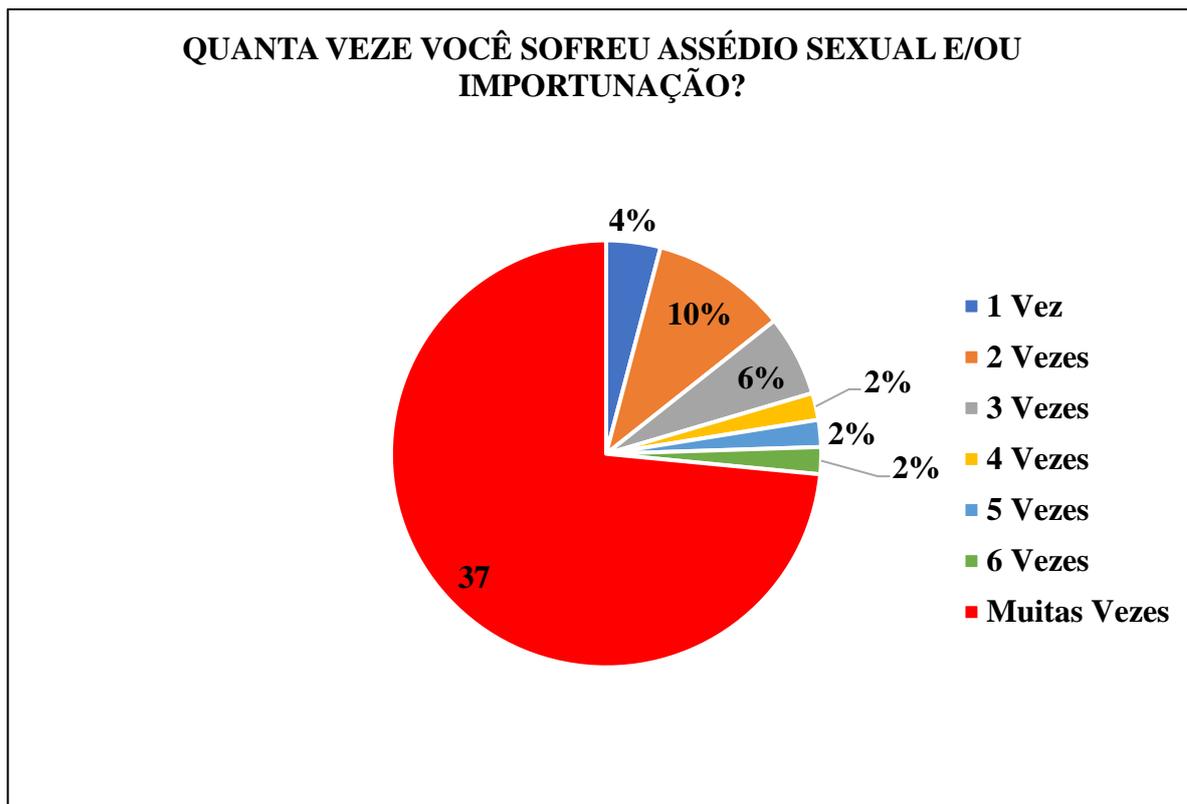


Gráfico 20 – Intensidade do assédio sexual/ importunação sexual.

No gráfico 20 quando perguntado quantas vezes sofreu importunação e/ou assédio sexual, 74% das pessoas que responderam ao questionário afirma ter sofrido muitas vezes, 2% afirmam ter sofrido 4 vezes, 2% afirmam ter sofrido 5 vezes, 6% afirmam ter sofrido 3 vezes, 10% afirma ter sofrido 2 vezes e 4% apenas uma vez.

A questão seguinte era se quem estava respondendo conhecia alguém que sofreu assédio, importunação e/ou violência sexual.

VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE TENHA SOFRIDO ASSÉDIO SEXUAL E/OU IMPORTUNAÇÃO SEXUAL?

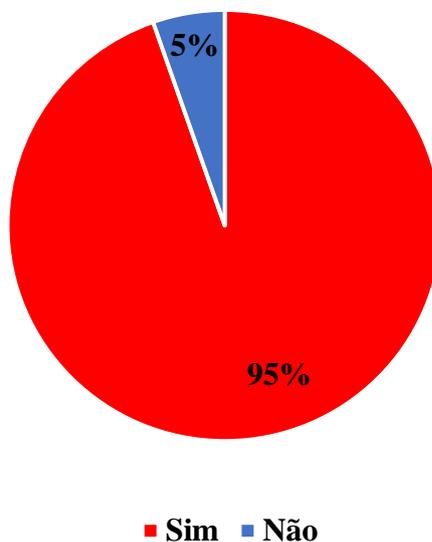


Gráfico 21 – Conhecidos que sofreram assédio sexual/importunação sexual.

No gráfico 21 mais de 90% das pessoas que responderam conhecem alguém que sofreu assédio e/ou importunação sexual, reforçando o que já foi dito que as mulheres ainda precisam lutar muito pelo seu direito de ir e vir.

Com relação a intensidade dos assédios e/ou importunações sexuais:

QUANTAS VEZES ESTA PESSOA SOFREU ASSÉDIO E/OU IMPORTUNAÇÃO SEXUAL?

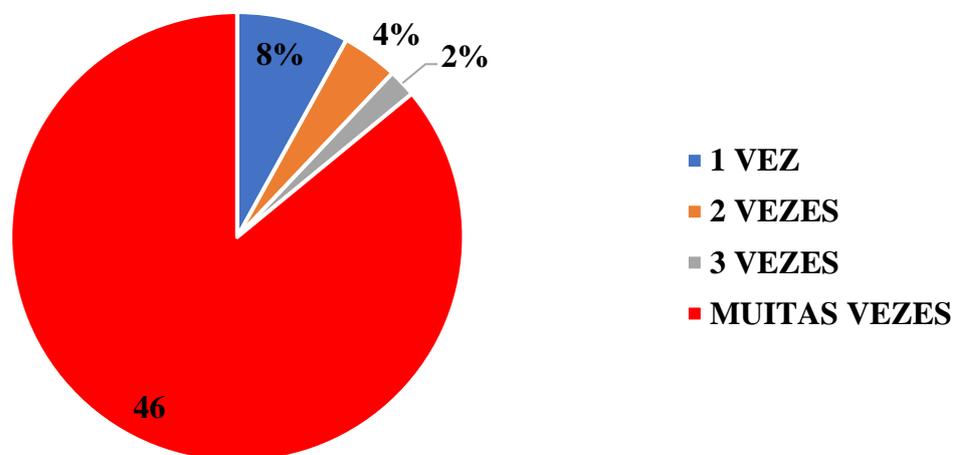


Gráfico 22 – Intensidade do assédio sexual/importunação sexual

O gráfico 22 mostra que 8% das pessoas sofreram assédio e/ou importunação sexual 1 vez, 4% das pessoas sofreram 2 vezes, 2% pessoas sofreu 3 vezes e 82% pessoas sofreram Muitas Vezes. Reforçando que os assédios e importunações já fazem parte do dia a dia das mulheres.

Agora será apresentado os quadros com os relatos do que as mulheres sofreram nas situações de assédio sexual e importunação sexual. Os quadros foram separados por eixos, assim grupando cada relato de acordo com o tipo de assédio e/ou importunação sexual. Os eixos são:

Assovios, cantadas e olhares indevidos
Toques no corpo sem consentimento
Assédio sexual cometido por professores
Chantagem, ligações indevidas e receber mensagens de conteúdo sexual
Comentários sobre a roupa
Exibicionismo e ato obsceno
Perseguições e cercamentos
Relatos de traumas e de atitudes tomadas contra o assédio e a importunação sexual sofrida

Assovios, cantadas e olhares indevidos
<ul style="list-style-type: none"> – Buzinas, assovios, um elogio, "oi gata", encaradas, olhadas na bunda, cantadas; – Assovios são frequentes, seguidos de "cantadas" com conotação sexual; – Já fui seguida, ouvi inúmeras coisas obscenas (principalmente quando eu ainda era criança e adolescente), tocada, agarrada, stalkeada. Essas situações ocorreram mais de uma vez, ao ponto de eu não saber dizer também quantas vezes, porque foram muitas; – Como respondido na questão anterior, quando saio na rua ouço frequentemente assovios direcionados a mim. Um acontecimento marcante aconteceu quando eu tinha uns 13 anos e estava esperando o ônibus no ponto, e um caminheiro passou buzinando e gritando algo para mim. Outra situação foi em uma balada, onde eu estava na fila do bar e senti alguém passando a mão em mim; – Na maioria das vezes foi em via pública onde se recebe palavras como "gostosa" "assobios" entre outras situações; – Nunca sofri nada muito grave, mas essas importunações acontecem com muita frequência, principalmente na rua com assobios, olhares inapropriados, assédio verbal, etc; – Diariamente é terrível, a maioria dos homens em Ponta Grossa acham que tem a liberdade de importunar qualquer mulher que passe em sua frente. Me sinto suja quando ficam me secando, param o que estão fazendo para olhar, esperam eu passar para me olhar por trás. Há algum tempo cheguei num ponto que não aguentava mais, então sempre que falavam alguma coisa eu respondia com xingamentos. Chamava de nojento, sem vergonha, que a mãe não ensinou a respeitar mulher. Uma vez cheguei a bater em um cara que me chamou de "gostosa" quando ia para o trabalho;

- Geralmente importunação sexual quando enquanto mulher trans me desloco para o centro da cidade, carros passam buzinando, caminhoneiros gritam para me deixar desconfortável;
- Na grande maioria das situações nada. Todo dia, voltando da aula, havia um senhor que ficava sentado em frente à sua casa olhando a bunda de todas as meninas que por ali passavam. Uma vez eu mostrei meu dedo do meio. Essa foi a única vez que fiz alguma coisa, se é que dá pra chamar isso de "fazer alguma coisa". Eu tinha uns 10/11 anos;
- Outras ocasiões eu tinha por volta de 11 ou 12 anos, homens mais velhos passavam na rua ou quando eu passava assobiavam ou falavam palavras como gostosa, delicia, gemiam;
- Na rua um grupo de homens ficou falando coisas inapropriadas pra mim;
- Um parente me assediava desde criança, na rua homens assobiavam e me olhavam com malícia, já ouvi "piadinhas", já fui "encoxada" em ônibus mesmo sendo adolescente, etc;
- Todas as importunações citadas (assovios, cantadas inapropriadas, puxões pelo braço ou cabelo, apalpadinhas, "encoxadas"), desde quando somos adolescentes, 12 anos. Antes eu só me irritava e achava nojento. Hoje eu respondo e vou para cima;
- Assédio e importunação quando estou apenas andando na rua;
- Assovios, "cantadas";
- Na rua sendo chamada de gostosa e receber assobios;
- As situações mais comuns assobios, cantadas...etc;
- Quando passa na rua assovios, comentários constrangedores como o lá em casa, gata, gostosa etc;

Quadro – 1 Eixo (ASSOVIOS, CANTADAS E OLHARES INDEVIDOS)

No quadro 1 foi agrupado os relatos de mulheres que sofreram importunação sexual enquanto estavam na rua. Nem todo assédio sexual envolve contato físico, porém isso não significa que não afeta e incomoda as mulheres. Muitas delas optam por abrir mão de sua liberdade e escolhem para tentar reduzir a violência nas ruas, evitam usar certos tipos de roupas, evitam sair em certos horários. Observando os relatos é possível perceber o quanto é difícil para uma mulher andar pela rua, algo que para os homens é comum, para as mulheres se torna algo difícil e angustiante, visto que elas acabam sofrendo com piadas sexistas, comentários de teor obsceno sobre seus corpos, intimidações que, muitas vezes, são entendidos pelos atores das ações e grupos sociais como brincadeiras, elogios e ações inofensivas. Segundo o livro *Meu Corpo não é Seu: Desvendando a violência contra a mulher*, do Think Olga, o assédio é uma atitude violenta, porque parte de pessoas que pensam que têm o direito de explorar a existência feminina sem nenhum respeito e dor na consciência. Uma pesquisa do IPEA, mostrou que 65% dos brasileiros acreditam que as mulheres por usar roupa mereciam ser atacada. Nas redes sociais foi levantada a *Hashtag* #NãoMereçoSerEstuprada, que visava dar visibilidade a casos de assédio e estupro. Depois de um tempo o instituto IPEA informou que houve um erro na divulgação dos resultados, que o número correto é de 26% de brasileiros que acreditam que as

mulheres merecem ser atacadas por usarem uma roupa mais curta, o que ainda é um número bastante alto e nos mostra como o assédio é algo muito natural para grande parte da população.

Toques no corpo sem consentimento

- Estava em um rolê e o gay veio e tentou me agarrar e mesmo elemento tem novamente;
- Cantadas, assovios, passar a mão sem permissão em festas, tentar beijar a força, encostar as partes íntimas usando de desculpa que o ônibus estava cheio, entre muitas outras;
- Passadas de mão sem autorização é campeã, mais até mais do que as "cantadas" na rua;
- Teve 3 vezes em específico que houveram toques desconfortáveis, onde não tive reações. Horrível;
- Uma foi no ônibus, eu peguei no sono e quando acordei um velho estava tentando pegar no meu seio;
- Algumas vezes já fui bolinada em festas, nestas sempre viro e estapeio o homem;
- Dentro do ônibus lotado aconteceu 2 vezes onde se aproximaram se colocando atrás de mim se esfregando, foi horrível as pessoas notaram e nada fizeram eu era nova e fiquei sem reação e senti muita vergonha;
- No trabalho, chefe vinha com conversas estranhas e colocando a mão no ombro, tentava segurar a minha mão;
- Estava andando após o trabalho, um cara de bicicleta passou ao meu lado e colocou a mão na minha bunda. Deveria ter uns 18 anos;
- Já tocaram em mim sem meu consentimento, me seguiram, mostraram partes íntimas... foram muitas situações, não quero relembrar todas as vezes;
- Outra vez eu estava andando na rua e um homem passou por mim e em seguida ele voltou e me agarrou nos seios por trás de mim e eu sai correndo. Outra vez eu trabalhava no Clube Verde e um dos diretores de lá me encurralou num banheiro e respirava em cima de mim;
- O outro ignorou aquele famoso "não estou afim", tentou subir sobre mim e me beijar, mas consegui sair das duas situações;
- Um cara me puxou pelo braço numa balada, alguém me apalpou numa festa;
- Um menino beliscou minha bunda na escola, na frente de muitos outros e todos acharam engraçado, principalmente porque me senti muito desconfortável na situação;
- Consigo lembrar de quando fui tirar uma foto em grupo numa festa de um AMG e um menino que não conhecia apertou minha bunda. Quando estava na passarela esperando o ônibus e um homem se esfregou em mim por alguns segundos até eu entender o que estava acontecendo e sair (devia ter uns 16 anos e me senti MT mal);
- Quando estava no 5º ano (9 anos), um menino do 8º ano (12 ou 13 anos) apalpou minha bunda sem minha autorização. Nem sequer nos conhecíamos;
- Passar a mão em mim sem permissão e assédios verbais;
- Ele me puxou para "um abraço" e encostou nos meus seios;
- Assovios, cantadas inapropriadas e apalpadadas na rua;
- Um homem tentou passar a mão em minha bunda em uma rodoviária lotada de pessoas, isso não aconteceu apenas comigo neste dia, havia muitas pessoas ali e ninguém se importou. Alguns ficaram horrorizados, mas não se importaram;
- "Fui importunada diversas vezes em certos locais públicos";
- O indivíduo apertou minhas nádegas quando passou perto de mim;
- Todas as citadas a cima, entre outras. (Cantadas, assovios, passar a mão sem permissão em festas, tentar beijar a força, encostar as partes íntimas usando de desculpa que o ônibus

estava cheio, entre muitas outras.)

- Encoxadas, passadas de mão, assovios, puxadas pelo braço, todos os que você citou acima;
- O mesmo que comigo, e com a mesma pessoa. (houveram toques desconfortáveis, onde não tive reações);
- Pegaram no peito dela;
- São sempre as mesmas cenas, homens no carro que mexem com a gente, uma mão boba no ônibus. Médico que se aproveita da situação pra "escorregar" a mão, instrutor de academia. Em mercado, em loja. Em todos os ambientes possível que tenha homem certamente há uma mulher passando por algum tipo de assédio. Seja ele explícito ou apenas aquele olhar pra gente que a gente sabe que é um olhar com maldade;
- Assédio sexual cometido por um padre dentro da igreja, e pior, quando era criança;
- Moça que foi assediada por seu primo e quase pega a força, mas resistiu e ficou com traumas sexuais por isso;
- Não sei contar exatamente histórias de outras pessoas. Mas quanto conto as minhas muitas dizem que já passaram por aquilo (puxões pelo braço ou cabelo, apalpadas, "encoxadas");
- Apalparam a bunda de uma amiga no ônibus;
- Em um bloco de carnaval, um homem adulto beijou uma adolescente sem o consentimento dela;
- O rapaz se recusou a estar sentado na Van mesmo havendo vagas só para se esfregar na cobradora enquanto ela precisava passar, mesmo ela brava e pedindo respeito ele não parava e a tratou como se fosse uma louca. Um absurdo!! Repugnante!!
- Foi o mesmo que comigo (puxões pelo braço ou cabelo, apalpadas, "encoxadas");
- Não chegou a acontecer algo, mas mesmo depois de dizer "não" a pessoa continuou insistindo e me tocando;
- Uma história que uma amiga relatou há dois dias foi que enquanto estava conhecendo um cara e ficando com ele no carro, quando ela estava por cima ele quis forçar a penetração. Ela saiu de cima e foi para o banco do lado e ele ficou com raiva dela no momento;
- Passar a mão no bumbum, falar frases, cantadas;
- Já fui "encoxada" no ônibus, já "esfregaram" o pênis sem meu consentimento;
- Fui forçada a beijar um menino em uma festa quando ele me prensou na parede;

Quando 2 – Eixo (TOQUES NO CORPO SEM CONSENTIMENTO)

No quadro 2 foi agrupado os relatos de importunação sexual do tipo toques sem consentimento (encoxadas, apalpadas, puxões pelo braço, tentar beijar a força, força ter relação sexual). Como já foi falado, para a mulher siar na rua é algo muito difícil, além de ter eu escutar assovios, buzinas, comentários obscenos, infelizmente ainda tem seus corpos violados, com homens que se acham no direito de tocar. Historicamente deparamos com a forma como a mulher é posta em sociedade, como ela não é dona de si, como seu corpo não há pertence. Por não pertencerem, seus corpos incontáveis vezes são tocados, humilhados, desrespeitados sem o seu consentimento. Tornando incessantemente o corpo da mulher público.

Simone de Beauvoir no seu livro o Segundo Sexo, discorre sobre a situação da mulher ao longo dos anos, especificamente sobre a desigualdade.

[...] a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país, seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta (2009, p.21).

Como mencionado acima sobre o handicap, dessa maneira o mesmo significa desvantagem, ou seja, por mais que a condição feminina esteja evoluindo, mulheres historicamente estão há uns passos atrás.

Em setembro de 2016 o Datafolha¹⁴ fez uma pesquisa, que mostrou que a cada três brasileiro um concorda que a mulher que usa roupa “provocativa” não pode reclamar de ser estuprada. Além de seus corpos serem visto por muitos como algo público e que pode ser tocado, ainda precisam conviver com a ameaça de serem violentadas sexualmente por usar uma roupa x ou y.

Assédio sexual cometido por professores

- Na sala de aula, por um professor e na rua;
- Mas também presenciei uma situação em sala de aula onde um professor ficava com suas partes quase no rosto de uma aluna;
- A primeira vez o prof. dá UEPG ficou com uma ponteira acionando nos meus seios e depois me segurou na parede até que minha Pró-Reitora viu e chamou na sala e, graças a Deus nunca mais aconteceu. Eu cheguei ao ponto de me esconder embaixo da mesa da minha chefe imediata. A segunda vez foi que eu tenho problemas de coluna e o chefe da seção de acolhimento ao funcionário foi na minha seção e pediu para que eu fosse com ele escolher uma cadeira. Aí disse que só passaria na casa para pegar um documento à UEPG. Foi quando me agarrou. Na terceira vez foi no doutorado com professor do curso;
- Na UEPG fui assediada por 2 professores, principalmente quando tinha viagens pelo curso;
- Professor assediando em sala de aula;
- Na verdade, o professor da UEPG trancou ela no banheiro e aí ela não falou realmente o que aconteceu;
- Um professor queria ficar assistindo-as com o bambolê, mas não com olhar interessado de um professor, com outro olhar (eram adolescentes);

¹⁴ Um em cada 3 brasileiros culpa mulher em casos de estupro, diz Datafolha. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>.

Quadro 3 – Eixo (ASSÉDIO SEXUAL COMETIDO POR PROFESSORES)

O quadro 3 está reunido os relatos de assédio sexual (para ser considerado assédio sexual necessita ter uma relação hierárquica como professor/aluno) cometido por professores, como colocando suas partes íntimas perto das alunas, agarrando a força, olhares com intenção sexual. Vale destacar que 3 dos relatos foram cometidos por professores da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). Nem em lugares considerados seguros como uma universidade, um espaço de intelectuais, as mulheres estão livres de terem seus corpos transgredidos.

A desigualdade de gênero está presente em toda esfera social, no contexto acadêmico não é diferente. A desigualdade de gênero e a particular opressão hierárquica acadêmica que se expressa de diferentes maneiras como piadas sexistas, desqualificação intelectual das alunas em determinados cursos e, especialmente, o assédio sexual de professores às suas alunas, reforça a relação de poder professor-aluna que intimida de diversas formas. Muitas alunas que acabam sofrendo com o assédio sexual por parte de seus professores, acabam se silenciando por medo de reprovação, de não acreditarem, de perseguição, de ser proibida de participar de grupos de pesquisa, de conseguir ingressar em cursos de pós-graduação, de ser estigmatizada como vitimista, tudo isso, justifica o silêncio. Conforme Conceição Osório,

Mesmo nos casos em que há predisposição para a denúncia, existe um grande desencorajamento social, seja por falta de solidariedade familiar, seja porque o corporativismo dos professores em aliança com as direcções das escolas, leva ao encobrimento e à desvalorização do assédio. [...] a culpa, o medo e a não denúncia, associando-se ao apelo à bondade, à tolerância e ao bom senso das raparigas, organizam de forma eficaz a violência exercida contra as mulheres. O facto de não se identificarem professores que tenham sido exemplarmente punidos e o discurso da ambiguidade por parte das direcções das escolas e do sector da educação, reforçam e comunicam uma concepção de que o assédio sexual cometido no contexto escolar é resultado de um conjunto de factores em que as responsabilidades da assediada e do assediador são igualmente repartidas (2007, p.12-13).

Portanto, não é à toa que o assédio sexual na faculdade continua sendo visto como um assunto de corredor, apesar de em muitos casos todos conheçam quem é o agressor, uma vez que comportamentos se repetem por muitos anos.

Chantagem, ligações indevidas e receber mensagens de conteúdo sexual

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">– Sempre convites para sair sozinha com a pessoa, a pessoa sendo casada;– Uma delas provenho de um "amigo" do meu ex-marido. Essa pessoa me viu em um barzinho, eu estava com alguns amigos e amigas, quando me levantei pra ir ao banheiro, ele aproximou-se e me disse declaradamente e descaradamente, "se tu não ficar comigo, |
|---|

contarei ao seu marido, que é meu amigo", kakashaka...eu ri horrores, pois mesmo que eu estivesse fazendo algo 'errado' não me sujeitaria a sua total falta de caráter e chantagem, e não estava preocupada que ele contasse, visto que meu ex-marido sabia onde estava e com quem eu estava;

- Outra situação foi a muitos anos atrás, eu tinha apenas 16 anos, saímos com uns "amigos", e entre eles, um insistiu que eu deveria transar com ele, caso contrário iria me deixar onde eu estava, e como estávamos muito longe da cidade, tínhamos ido ao Capão da Onça, fiquei um pouco assustada, mas como sou teimosa, não dei a mínima, disse pode ir embora, não me importo, dou meu jeito. Porém como havia outras pessoas junto, ele recuou, voltamos pra cidade e nunca mais sai com aquelas pessoas. Infelizmente cresci vivenciando as truculências dos homens;
- E por fim, do meu próprio ex-marido, pai do meu filho, com quem convivi por mais de 10 anos, quando me separei dele, por consequência de uma agressão física, isso que nem vou comentar sobre as agressões psicológicas. Após 5 meses de separação, ele me procurou, pedindo pra voltarmos, como eu já não queria mais, de forma alguma, ele me ameaçou dizendo que no dia seguinte eu estaria desempregada, dito e feito. Ignorando completamente o fato de que eu trabalhei e muito pra ajudar a eleger um determinado vereador, este, a pedido do meu ex, me exonerou. Meu ex, demonstrou sua força, dizendo-me, 'quero viver tu ter emprego amanhã', ele acreditava que se eu não tivesse como me sustentar, voltaria pra casa, e o ex vereador em questão, demonstrou sua total falta de caráter e reconhecimento aos meus esforços pra ajudar a elegê-lo, e fez o que lhe foi pedido, mesmo sabendo dos fatos, ele sabia que eu havia deixado minha casa, que estava vivendo de aluguel e que meu ex-marido não pagava pensão ao nosso filho, que eu só tinha aquela renda, ele ignorando que eu trabalhei em sua campanha, dia a dia, acordava as 4 da madrugada, sem hora pra ir embora, deixava meu filho, que a época tinha apenas 1 aninho de vida, mesmo assim fui demitida, sem dó. Senti-me agredida de tantas formas, uma mulher quando não cede aos caprichos de um homem, é completamente vulnerável a eles. Infelizmente conheço tantas mulheres que se submetem aos seus "companheiros", por achar que não tem alternativas, em especial as que têm filhos, muitas se veem obrigadas a aguentar inúmeras e diversos tipos de agressão. Acredito que as pesquisas podem vir a contribuir pra mudar situações como estas, dentre tantas outras;
- Outra vez eu trabalhava em um escritório e recebi um telefonema de um cara dizendo que era vasectomizado e gostaria de sair comigo e me "chupar" até dizer eu pedir pra parar e por aí vai.... foram muitas vezes;
- Em um dos meus empregos o patrão esperava a patroa sair e ficava falando coisas sobre sexo de como ele queria transar comigo suportei por algum tempo até conseguir outro emprego;
- Importunação sexual, receber conteúdos sexuais sem meu consentimento;
- Na importunação sexual, na confissão, o padre fez perguntas desnecessárias, além do que eu deveria dizer, de cunho sexual;
- Na academia sendo importunada enquanto faz seus exercícios;
- A que mais me marcou foi que o chefe dela enviava mensagens de duplo sentido para ela, quando ela o bloqueou ela foi demitida algumas semanas depois;
- Foi um assédio virtual em que ela postou algo pra vender e o cara começou enviar mensagens eróticas pra ela sem ter nada a ver com o anúncio dela de venda de roupas;
- Chefe convidando para sair só os dois, mensagens eróticas com a desculpa que enviou para a pessoa errada;
- Um exemplo, um colega de turma da UEPG estavam filmando escondido uma colega todo dia durante as aulas;

- Um namorado de uma das minhas amigas vivia forçando a barra para eles transarem, nunca aconteceu, mas quando terminaram um amigo dela deu a entender que por ela ter namorado por um tempo que agora ela era fácil e podia transar com ele também.

Quadro 4 – Eixo (CHANTAGEM, LIGAÇÕES INDEVIDAS E RECEBER MENSAGENS DE CONTEÚDO SEXUAL)

O quadro 4 apresenta os relatos de importunação sexual de mulheres que foram chantageadas em troca de favores sexuais, como exemplo “ele aproximou-se e me disse declaradamente e descaradamente, "se tu não ficar comigo, contarei ao seu marido, que é meu amigo””. Receber ligações, convites incessantes para sair, mensagem com conteúdo sexual, ser filmada sem autorização, falar sobre conteúdo sexual. Pode parecer algo comum, mas é considerado crime e deve ser denunciado.

O assédio sexual em duas espécies, com características diferenciais bem marcantes, que são o "assédio sexual por chantagem" e o "assédio sexual por intimidação". A primeira forma tem como pressuposto necessário o abuso de autoridade, referindo-se à exigência feita por superior hierárquico (ou qualquer outra pessoa que exerça poder sobre a vítima), da prestação de "favores sexuais", sob a ameaça de perda de benefícios ou, no caso da relação de emprego, do próprio posto de trabalho (FILHO, 2005). Muito comum em ambiente de trabalho, onde o superior hierárquico se utiliza de seu posto para conseguir favores sexuais, muitas mulheres vítimas do assédio sexual acabam cedendo as chantagens por medo de demissão ou perseguição no trabalho.

A segunda espécie, também chamada de "assédio sexual ambiental", é aquela que se caracteriza por incitações sexuais inoportunas, solicitações sexuais ou outras manifestações da mesma índole, verbais ou físicas, com o efeito de prejudicar a atuação de uma pessoa ou de criar uma situação ofensiva, hostil, de intimidação ou abuso no ambiente em que é intentado (FILHO, 2005). Esse tipo de assédio pode ser visto e situações onde a mulher se vê acuada em alguma situação do cotidiano, como nesse relato de uma vítima: “[...] eu tinha apenas 16 anos, saímos com uns "amigos", e entre eles, um insistiu que eu deveria transar com ele, caso contrário iria me deixar onde eu estava, e como estávamos muito longe da cidade, tínhamos ido ao Capão da Onça. [...]”. Além de tudo as mulheres ainda precisam lidar com ligações de desconhecidos ou não, com convites para sair ou ter relações sexuais, recebem fotos de conteúdo sexual sem que ao menos tenham dado permissão. Muitos homens acham que

conseguem ter relações com mulheres pela insistência e mandando mensagens de conteúdo sexual¹⁵.

Comentários sobre a roupa

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">– A última meu vizinho comentou sobre uma saia que me viu saindo de casa, aos 33 anos. |
|--|

Quadro 5 – Eixo (COMENTÁRIOS SOBRE A ROUPA)

No quadro 5 temos apenas um relato de comentários sobre a roupa, talvez porque as mulheres já estão acostumadas serem julgadas pelas roupas que estão vestindo que não consideram como um tipo de violência. Mas de extrema necessidade que esse tipo de pensamento mude, pois as mulheres infelizmente tem seu caractere julgado pela roupa que está vestindo, se é muito curta, mostra de mais, é usado como desculpa para dizer que está mulher não “presta, não serve para casar”, e pio ainda são homens que utilizam da roupa que a mulher está usando como justificativa para violentá-las sexualmente.

Exibicionismo e ato obsceno

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">– Em uma das vezes eu tinha apenas 13 anos, quando um primo colocou o pênis pra fora e me mostrou. Outra vez eu estava andando na rua e um homem passou por mim e em seguida ele voltou e me agarrou nos seios por trás de mim e eu sai correndo. Outra vez eu trabalhava no Clube Verde e um dos diretores de lá me encurralou num banheiro e respirava em cima de mim;– Uma das vezes que mais me lembro foi quando tinha 8 anos e estava indo na “lojinha” que tinha do lado de casa, junto com minha Irma mais velha, na volta fomos abordadas por um homem que nos perguntou se sabíamos onde tinha uma locadora, nós indicamos a ele onde ficava a mais próxima e antes que pudéssemos seguir nosso caminho ele perguntou se sabíamos “tocar punheta” (eu tinha 08 anos e minha irmã 10) nós achamos que era um instrumento musical ou alguma coisa do tipo e respondemos que não, ele fez alguma outra pergunta a qual não prestei atenção e enquanto minha Irma respondia eu vi que o zíper do homem estava aberto e seu pênis estava para fora, e ele se tocava enquanto falava com a gente, assim que eu vi eu puxei minha irmã e saímos correndo. Entramos em casa e na hora ligamos para minha mãe (que estava no trabalho, era um feriado), ela nervosa pediu para que nos trancássemos em casa e que esperássemos que ela chegasse para que ela pudesse explicar afinal o que o homem queria e porque ele tinha feito o que tinha feito;– Um homem dentro de um carro me pediu informação e quando me aproximei ele estava com o pênis de fora e mexendo nele;– Assediador encoxou no ônibus e se tocou e quando a pessoa notou, ele ameaçou que se ela gritasse ele iria "encher de porrada";– Já mostraram o pênis, já fizeram contato físico sem consentimento. |
|--|

¹⁵ Em protesto, mulher envia nudes não solicitados a mães dos homens. Disponível em:

<https://tribunapr.uol.com.br/mais-pop/em-protesto-mulher-envia-nudes-nao-solicitados-a-maes-dos-homens/>.

Quadro 6 – Eixo (EXIBICIONISMO E ATO OBSCENO)

No quadro 6 apresenta relatos de homens sem o menor pudor, que se acham no direito de mostrar sua genitália para as mulheres, tentam aliciar menores de idade, se masturbam em público e ameaçam quando vítima percebe. É impossível saber como é estar em uma situação como está, mas com certeza as mulheres devem sentir uma sensação de impotência muito grande, de estarem sendo violadas. Essa é de longe uma das piores situações que uma mulher pode vir a sofrer, de todas as violências já citadas que pode ocorrer com uma mulher quando está na rua, ou dentro de um ônibus, não basta ouvir todo tipo de obscenidade, ter seus copos violados, ainda sofrem com homens mostrando sus genitálias e/ou se masturbando, esse tipo de violência viola a privacidade da mulheres, ver a genitálias de alguém ou mostra-las, necessita de um pouco de intimidade entre as partes, e precisa ser feito em uma local privado, mostrar as genitálias para uma mulher desconhecida e em local público é um crime que viola todos os direito sociais.

Perseguições e cercamentos

- Uma das vezes, a pessoa me cercou na frente do meu colégio e queria que eu desse meu número, sendo q eu falei que não queria dar;
- Duas situações quando criança por volta de dez anos tentativa de adulto convidando para ir num lugar isolado pra tirar a roupa, mas recusei e sai de perto da pessoa sem falar com ninguém;
- Um cara ficou andando devagar com o carro perto de mim e chegou ao ponto de parar perto do passeio aonde eu estava e quis me fazer entrar no carro, foi péssimo;
- Assovios, cantadas, perseguições com o carro;
- Na rua sempre acontece de encherem e uma vez até correr atrás dela;
- Foi perseguida na rua.
- Trabalhava encurralou banheiro

Quadro – 7 Eixo (PERSEGUIÇÕES E CERCAMENTOS)

No quadro 7 está agrupado relatos de mulheres que foram perseguidas ou cercadas enquanto estavam na rua. Perseguidas por carros ou a pé, outras situações são de mulheres que são cercadas na rua por homens pedindo seu número como nesse relato: “Uma das vezes, a pessoa me cercou na frente do meu colégio e queria que eu desse meu número, sendo q eu falei que não queria dar”, algo que pode parecer normal, muitos homens dizem que só estão paquerando, mas quando uma mulher se sente desconfortável com a situação, não máximo uma tentativa frustrada. Como já dito e afirmado, para as mulheres fazer algo simples como ir ao mercado,

shopping, passear na praça ou outro tipo de atividade que ela precise ir para vias públicas e/ou pegar transporte público, é perigos e ela corre risco de sofrer todo tipo de violência, verbal e/ou física e ainda sofrer com perseguições de carro por parte de homens que acham que vão conseguir ter alguma com essas mulheres, ou as cercando pessoalmente na rua ou em locais públicos. A única coisa que essas mulheres sentem é medo, de vestir um tipo de roupa, de pegar transporte público e de sair em certos horários.

Relatos de traumas e de atitudes tomadas contra o assédio e a importunação sexual sofrida

- Na maioria das vezes me calei, tanto por ninguém "dar a mínima" para poder ajudar, e outras vezes por medo;
- A do assédio denúncia é da importunação denúncia é evito certos ambientes (locais que me sinto insegura);
- Primeira vez me calei de medo. Nas próximas consegui tomar atitudes;
- Depende muito do ambiente, da situação. Mas o comum nessas situações são o desconforto, o medo;
- Trauma com o toque em certas áreas do corpo;
- Conheço inúmeras mulheres (e até homens) que foram assediadas e também abusadas sexualmente. Abusadas pela babá, tio, padrasto, ex-namorado, etc. Também são muitas situações que não conseguira nomear;
- Fica insegura, para usar a roupa que deseja, para andar na rua sozinha ou simplesmente curtir uma festa;
- Todas as mulheres que conheço passam por isso. A maioria prefere abaixar a cabeça e ficar quieta, para não causar confusão, aceitando, assim, ficar mal por isso;
- Ficou impune, ou não foi divulgado sobre o ocorrido;
- O assédio e o abuso levaram a muitos traumas;
- Não aconteceu nada.
- Sobre esta pessoa, ela vivenciou, e vivencia assédio provindo das ruas, exemplo, não se pode por um vestido, que qualquer um se acha no direito de mexer com ela. Como se tivéssemos que andar coberta com burcas dia e noite, pra poder circular pela cidade, pra garantir que ninguém vira de gracinha pra cima de ti. Alguns são suaves em seus elogios, porém a grande maioria que mexe com uma mulher, ao passar, é grosseiro, e quando se retruca, os caras tornam-se agressivos;
- "Depressão e infelizmente suicídio”;
- Medo;
- Levou a culpa;
- As mulheres ficam com nojo e ódio. Umam partem para cima do agressor outras ficam com medo;
- Ficou mais reclusa;
- Hoje em dia tem problemas de relacionamentos efetivos;
- Sensação de vulnerabilidade, fraqueza, acontecimentos em Uber, faculdade, etc.

Quadro – 8 Eixo (RELATOS DE TRAUMAS E DE ATITUDES TOMADAS CONTRA O ASSÉDIO E A IMPORTUNAÇÃO SEXUAL SOFRIDA)

O quadro 8 expõem relatos não de importunação sexual, mas sim de traumas causados pela importunação sexual sofrida, como: “medo, depressão, problemas com relacionamento, sensação de fraqueza e vulnerabilidade, levou culpa pela importunação sexual que sofreu, traumas com toques no corpo, insegurança na hora de usar um tipo de roupa e chegando ao extremo de suicídio”.

Há também relatos de mulheres que tomaram alguma atitude, como responder o “importunador” assim que sofreram a importunação sexual, a também relatos de mulheres que denunciarão o agressor. Algo que todas as mulheres deveriam fazer, as denúncias vêm aumentando, mas ainda sim é muito pouco, comparado ao número de mulheres que sofrem importunação sexual¹⁶.

A partir dos relatos das vítimas, foi elaborada 2 nuvens de palavras, uma contendo palavras com maior incidência (central), e uma contendo palavras com menos incidência (periférico), palavras com relação a lugares onde as importunações foram cometidas, e com relação ao tipo de constrangimento as vítimas vieram a sofrer.

Para determinar quais palavras eram centrais e o quais eram periféricas, foi feito a leitura de cada relato e cada palavra que tinha relação com os lugares que as importunações forma cometidas e que continham relação com o tipo de constrangimento sofrido, foram quantificadas e ordenas em uma tabela em ordem decrescente. Como mostra as tabelas a seguir.

Palavras	Nº De Repetições
Toques nas partes íntimas	22
Cantadas	22
Ônibus	17
Balada	15
Assovios	15
Rua	13
Mensagens eróticas	12
Encoxadas	12
Puxões	10
Buzina	7
"Oi gata"	7
Toques nos seios	6
Perseguições	6

16 Reportagem sobre número de denúncias de importunação sexual. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/24/denuncias-de-importunacao-sexual-crescem-15percent-na-grande-sao-paulo-entre-janeiro-e-agosto.ghtml>.

Chantagem	6
"Se eu te pego"	6
"Gostosa"	6
"Delícia"	6
Agarrou	5
Olhares invasivos	4
Mostrou o pênis	4
Masturbação	4
Assediada	4
Carro	3
UEPG	3
Sala de aula	3
Professor	3
Importunação sexual	3
Trabalho	2
Demitida	2
Cercada	2
Filmar sem autorização	1
Encaradas	1

Tabela 5 – (TABELA COM PALAVRAS RELACIONADAS A IMPORTUNAÇÃO SEXUAL)

Palavras	Nº de repetições
Violência Sexual	30
Casa	22
Tentativa	10
Padrasto	8
Pai	8
Desconhecido	6
Tio	5
Avô	5
Bêbada	5
Marido	3
Ex-namorado	3
Policia	1
Vizinho	1
Babá	1

Tabela 6 – (TABELA COM PALAVRAS RELACIONADAS A VIOLÊNCIA SEXUAL)

Como mostra a imagem acima, após ordenar as palavras foi tirado a mediana do conjunto de palavras, o termo central foi encontrado, assim se determinou que as palavras que estavam acima do termo central são as palavras centrais e que estão abaixo são palavras periféricas.

Na nuvem de palavras acima, em vermelho são as agressões que menos foram citadas nos relatos e em azul os locais que menos tiveram incidência nos relatos. Mas que ainda sim merecem relevância. Algumas vítimas relataram que foram agarradas quando estavam na balada, outras quando estavam na rua, mas também evidencia-se olhares invasivos, cercamentos e ameaças de demissão foram relatadas pelas vítimas.

Atos de exibicionismos também foram relatados e merecem grande destaque, em um dos relatos um homem mostrou seu pênis para uma das vítimas enquanto pediu uma informação para a mesma: “Um homem dentro de um carro me pediu informação e quando me aproximei ele estava com o pênis de fora e mexendo nele;”. Em outro relato um homem estava se masturbando dentro do ônibus e quando a vítima o percebeu a ameaçou “Assediador encoxou no ônibus e se tocou e quando a pessoa notou, ele ameaçou que se ela gritasse ele iria "encher de porrada";”.

Antes de 2018 estas agressões não passariam apenas de contravenção penal. Essa mudança no código penal foi de grande gratificação, como afirma Pereira (2020, p. 18): “[...] Com as inovações da Lei 13.718/18 podemos verificar que a conduta de importunação sexual passa de contravenção para crime, o que foi de grande gratificação para o Código Penal”.

Agora será apresentado os gráficos e quadros com relatos de violência sexual. Relatos de pessoas que sofreram ou conhecem alguém que tenha sofrido violência sexual.

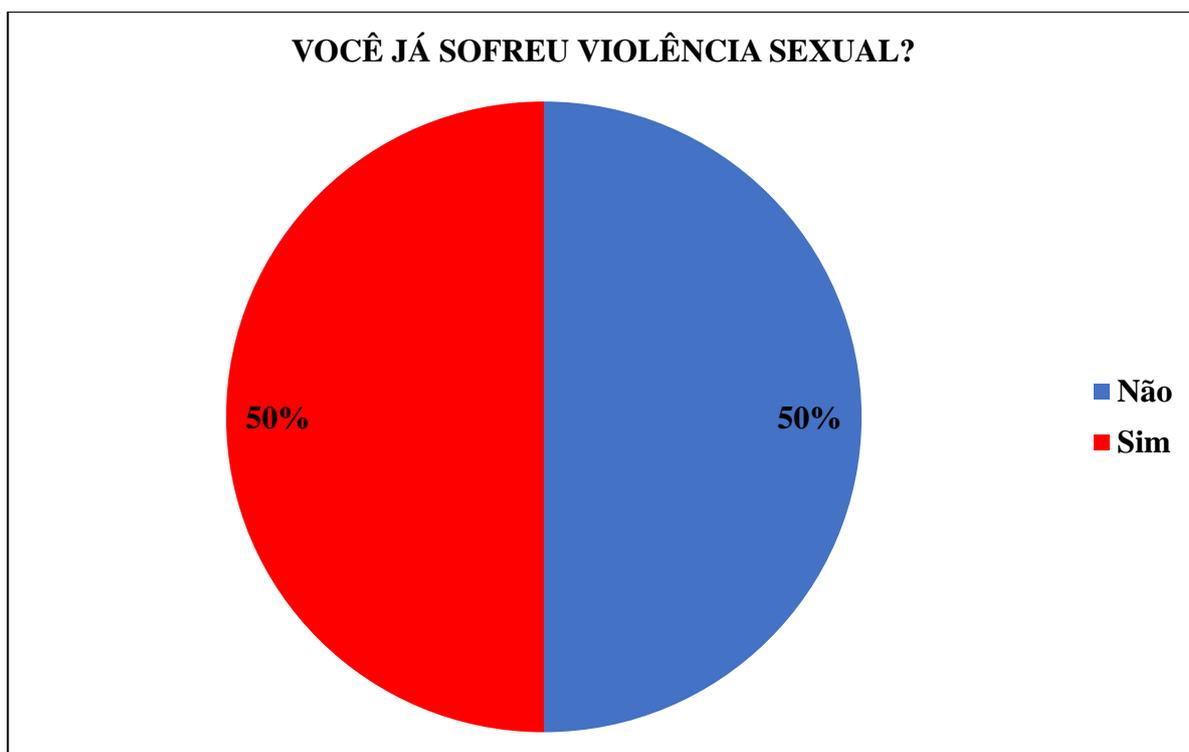


Gráfico – 23 Pessoas que sofreram violência sexual.

No gráfico 23, das 56 respostas que foram obtidas através do questionário, 50% afirmam que sofreram violência sexual. É possível que sejam mais o número de mulheres que sofreram com violência sexual, mas por causar traumas extremamente dolorosos nas vítimas, muitas não querem reviver violência que sofreram respondendo o questionário.

Foi perguntado se quem estava respondendo conhecia alguém que sofreu assédio sexual:

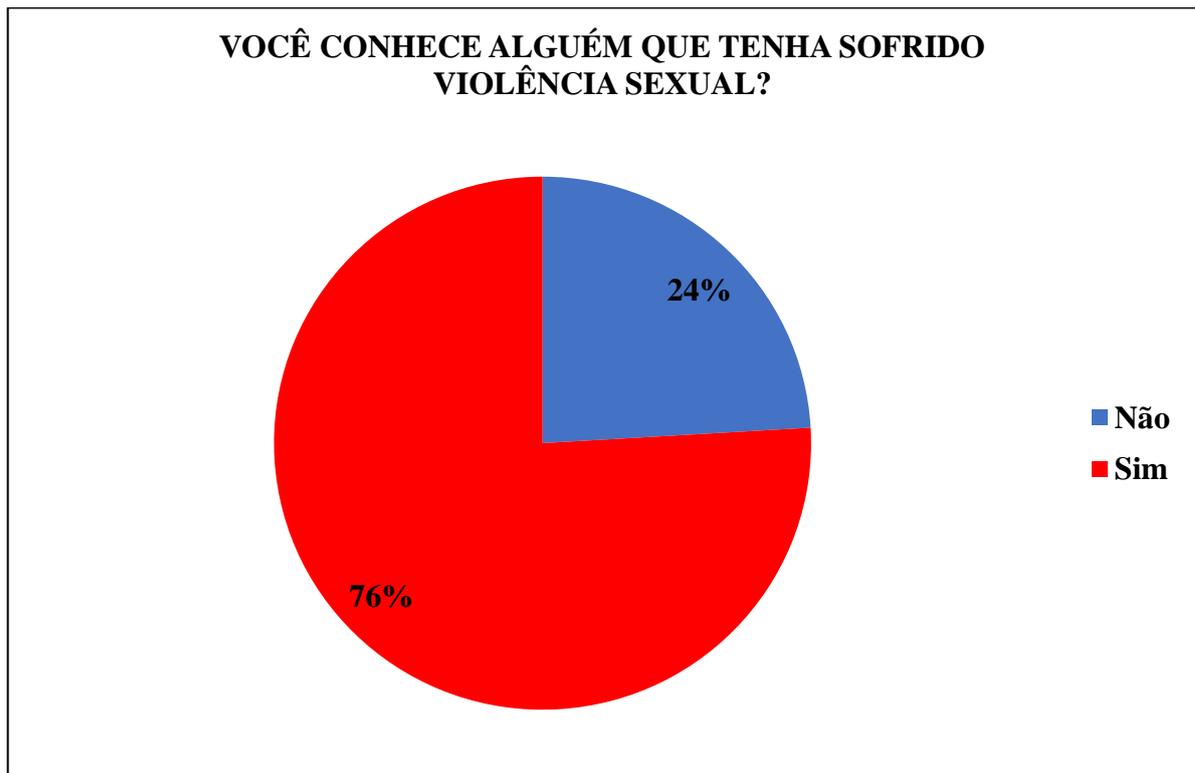


Gráfico – 24 Conhecido que sofreu violência sexual.

No gráfico 24 mais de 70% das pessoas dizem que conhecem alguém que tenha sofrido violência sexual. Isso se deve por ser mais fácil falar de relatos sobre a vida de outros, como já afirmado anteriormente é muito difícil reviver um trauma tão grande como o causado pela violência sexual.

A seguir será apresentado os quadros com os relatos de violência sexual vivido por pessoas que afirmaram ter sofrido ou declaram conhecer alguém que tenha sofrido. Os quadros foram novamente organizados por eixos, de acordo com os relatos de violência sexual sofrida

Estupro cometido por desconhecidos, estupro cometido por parentes próximos e amigos e estupro marital
Tentativas de estupro
Relatos de traumas e de atitudes tomadas contra o agressor

Estupro cometido por desconhecidos, estupro cometido por parentes próximos e amigos e estupro marital

- Fui estuprada pelo meu avô quando criança.
- Fui estuprada por um policial aos 17 anos. Alguns meses depois fui estuprada pelos tios de uma amiga e, já na universidade, meus colegas de faculdade me drogaram e um deles me estuprou também. Hoje em dia não consigo me permitir beber, nem mesmo se eu estiver só com mulheres, pois meu primeiro estupro eu estava festejando em casa só com minhas amigas, até que uma delas resolveu convidar esse policial amigo dela para ir à minha casa. Bebi muita vodka, mas achei que estava segura, afinal estava com minhas amigas e estava na minha casa, mas não. Na segunda vez também estava confiando em uma amiga, bebi demais, achei que estava segura, pois estava na casa da avó de uma amiga, mas o casal de tios dessa amiga também me estuprou. Meu irmão sempre me assediou sexualmente e só descobri esse ano ao fazer terapia, pois ao falar de situações que aconteceram com ele, minha psicóloga apontou que era abuso. Isso é tão normalizado pela minha família, porque pra eles meu irmão é super engraçado, enquanto eu sou a pessoa séria e chata, que nunca passou pela minha cabeça que ele me assediava, mesmo me fazendo muito mal todas as vezes que ele me tocava sem meu consentimento.
- Casada dormindo acordei e meu marido estava mantendo relação comigo.
- Abusada pelo Padrasto
- Fui abusada na infância
- Sim durante meu primeiro casamento meu marido chegava bêbado e me fazia ter relação com ele contra minha vontade usando até de agressão física.
- Um ex-namorado, quando estávamos juntos, fez manipulação psicológica pra fazermos sexo, mesmo eu dizendo que não queria e estava passando mal. Eu eventualmente acabei cedendo e depois parando no meio com raiva.
- Eu era uma criança de 8 anos quando um parente tentou me estuprar e eu escapei por muito pouco. Falei pra minha avó que o filho dela (meu "tio") me olhava durante o banho e ela me mandou calar a boca. Se me olhar no banho já não era suficiente pra ela, então não falei o que aconteceu depois porque não faria diferença.
- Eu já fui estuprada pelo meu avô (a mais grave das situações)
- Fui abusada e estuprada durante anos, pelo marido da minha irmã, que sempre estava na minha casa... Era mais ou menos dos meus 6 anos aos 11.
- Foram dois rapazes diferentes e em diferentes situações. Um deles tentou me fazer atos sexuais, me abaixando em sua frente e abaixando suas roupas
- "Vou contar o que aconteceu comigo. Eu entrei em depressão já adulta e meu médico me aconselhou a denunciar e eu decidi contar pra minha avó que na hora me acolheu, mas depois ficou completamente do lado do agressor. Fui taxada de louca e mentirosa. Quando confrontei ele, ele simplesmente disse que era mentira e que vai lá saber o que eu fazia com meus ""namoradinhos"". Minha avó disse que eu o acusava pra encobrir outra pessoa, mas de uma coisa tenho certeza, foi meu avô sim que me agrediu, eu nunca esqueceria tal coisa. Denunciei, mas como faz muito tempo me acho, que não dará em nada. Mas esse peso das minhas costas saiu. E queria muito que nenhuma criança sofresse o que eu sofri. Hoje em dia levo uma vida normal, completamente longe da depressão, mas ainda tenho ansiedade. E também tenho muitos traumas. Enfim, não desejo isso pra nenhuma mulher".

- Dentre as pessoas que conheço tenho uma amiga que foi “drogada” e violentada quando éramos adolescentes, e minha mãe que está saindo de um relacionamento abusivo no qual esteve por mais de 8 anos e foi ameaçada de diversas formas durante esse tempo e nunca teve coragem de contar para ninguém, hoje ela enfrenta uma depressão por consequência desse relacionamento e desses abusos.
- A vítima era minha avó. O pai dela aliciou e tentou estupra-la.
- Foi pressionada e chantageada a ter relação com o próprio namorado.
- Meu primo foi estuprado pelo vizinho
- Um tio abusava dela quando criança sempre que ia nos churrascos da família.
- Como mencionei acima, conheci várias mulheres que foram estupradas/abusadas. Tenho uma amiga que foi estuprada pelo tio, 2 que foram estupradas pelos seus padrastos, uma que foi sequestrada e estuprada pelo ex-namorado, uma que foi estuprada pelo amigo da família, etc. Tive um amigo que foi estuprado pela amiga da família dele e tive um ex-namorado que foi estuprado pela babá.
- Estupro marital em um relacionamento abusivo (graças à terapia hoje está separada)
- Conheço duas pessoas que foram abusadas pelo próprio pai
- Avô abusou
- Minha mãe foi estuprada pelo pai quando tinha 5 anos abusada pelo Padrasto, pelo tio
- O namorado negava de usar preservativo, alguns ficantes de umas conhecidas já continuaram o ato mesmo elas estando bêbadas, coisas q eram tão recorrentes que para ela era normalizado
- O pai ameaçava a mãe e fazia filha fazer o que ele queria senão matava a mãe
- Estupro e violência sexual
- "Parente próximo fez a criança fazer sexo oral nele (ele 60 anos a criança 12). Ele um tio da nossa família, processo ainda corre em segredo de justiça."
- Conheço meninas que assim como eu sofreram abusos, esses abusos acontecem principalmente em casa. Só que isso é algo que a gente não sai falando, pois além de sentir uma certa dor é muito constrangedor.
- Foi estuprada ela e suas irmãs por seu pai
- Uma amiga minha sofreu violência sexual do padrasto durante toda a infância.
- Ela conseguiu se separar com a ajuda da família. Ele havia separado ela da família para poder controlá-la mais fácil.
- Obrigaram outra amiga a fazer atos sexuais ou beijar em 2 festas diferentes.
- Foi estuprada por um ficante.
- Uma menina que conheço foi estuprada enquanto ia sozinha para a igreja.
- Ela era uma criança, que tinha por volta de 10 anos sofreu abuso pelo então padrasto, foi deixada em uma casa de apoio a menores, pois estava grávida e a família não quis ajudar com a situação, além de toda a carga psicológica que ela tinha. Foi adotada por uma mulher que trabalhava na instituição de apoio a meninas, bem como a filha dela, ainda um bebê. Hoje as duas são bem cuidadas, estudam e tem acompanhamento psicológico, além de ter mudado de nome.

Quadro – 9 Eixo (ESTUPRO COMETIDO POR DESCONHECIDOS, ESTUPRO COMETIDO POR PARENTES PRÓXIMOS E AMIGOS E ESTUPRO MARITAL)

No quadro 9 foram organizados os relatos de violência sexual, de estupro cometido por pessoas desconhecidas, parentes próximos e amigos e por maridos e namorados. O estupro é

todas as violências a pior, depois do homicídio, à apropriação a força do corpo da mulher, de algo tão particular é das piores sensações do mundo, para muitas mulheres talvez a morte seja melhor do que conviver com um trauma tão grande para vida toda.

O estupro cometido por pessoas desconhecidas é cruel, mas quando cometido por parentes próximos (pai, tios) e amigos da família é ainda pior, pois muitos desses estupros acontecem dentro de casa em um local que deveria ser de segurança. Na verdade, se torna um local de medo e de vulnerabilidade para as vítimas que a qualquer momento podem sofrer novamente violências constantes, e mais grave para crianças que não tem como ir embora e deixar aquele local de violência.

O estupro marital é tão cruel quanto, pois ele é cometido pela pessoa de maior confiança de uma mulher hétero, dentro de um relacionamento, seu namorado ou marido. Este por sua vez é um tipo de violência sexual que na sociedade atual, não é considerado estupro, pois a mulher dentro de um relacionamento, é “obrigada” pelo “contrato social” a manter relação sexual com seu parceiro, mesmo ela não querendo, estes relatos são um exemplo: “Sim durante meu primeiro casamento meu marido chegava bêbado e me fazia ter relação com ele contra minha vontade usando até de agressão física.”, “Casada dormindo acordei e meu marido estava mantendo relação comigo.”, “Foi pressionada e chantageada a ter relação com o próprio namorado.”. Como pode se observar no relato quando a mulher se recusa ter relação com seu parceiro, ela sofre com violência física e sexual.

Tentativas de estupro

- Eu estava na rua do meu trabalho, quando um cara puxou meu cabelo e me arrastou para um terreno abandonado, ele já estava com a calça arriada... Esfregou o pênis em mim por cima da minha roupa, eu consegui gritar por socorro, o vizinho que viu me socorreu, chamamos a polícia, mas o cara conseguiu fugir e o policial que veio até o local me desencorajou a registrar B.O. alegando que não havia necessidade pois "NADA" tinha acontecido de fato!!!!
- Relacionamentos amorosos tóxicos, querendo controlar minha vida seguido de Tentativas de fazer algo que eu não queria
- Tentativa de estupro por parente.
- "Passaram a mão no meu corpo, nos seios e nas partes íntimas. Eu era criança e colocaram a minha mão na genitália masculina."
- A primeira que me recordo eu tinha uns 6 anos de idade, nasci numa família muito pobre, meu pai nos deixou cedo e minha mãe tinha que se virar pra sustentar os 5 filhos, eu e meus irmãos tínhamos o hábito de ir pedir moedas em frente a um mercado, que hoje já não mais existe, certo dia um homem desceu de um carro preto e me deu 20\$, naquela época isso era muito dinheiro, deu pra comprar muita coisa, voltamos felizes pra casa. Não tardou muito, poucos dias depois o mesmo homem apareceu e nos convidou a pra um passeio, disse que nos compraria comida, nós fomos, eu minha irmã que tinha 7 anos

e meu irmão que tinha 5, ele nos comprou coisas pra comer e nos levou pra longe, parou o carro no meio do mato e mandou eu e minha iram descer, então ele começou a passar a mão em nós e tirou seu órgão genital pra fora, em fim...algo diferente pra nós, mas ele disse que não era nada demais e que nos daria dinheiro, disse pra não contar a ninguém, nós ficamos com medo até de apanhar da mãe, então nunca contamos, quando chegamos em casa com muitas coisas a mãe perguntou de onde? Nós dissemos que tínhamos ganhado bastante dinheiro cuidando de carros no mercado. Outra situação, não muito distante desta, me aconteceu quando o juiz tomou todos nós da mãe, fomos levadas a uma Instituição que a época se chamava Aldeia e ficava no Paraíso, foi muito difícil a separação, Santo da minha mãe quantos meus irmãos, que foram levados pra Cidade dos meninos, ficava no Guaraci, eles separavam meninos de meninas quando tinham uma certa idade. Pois bem, nesse lugar tinha uma horta, e nessa horta tinha morangos, eu queria muito aqueles morangos, lá trabalhava um senhor, e quando eu dou até a cerca eu pedi a ele, ele disse que me daria quantos eu quisesse, mas eu tinha que ser boazinha não contar a ninguém é ele queria me fazer ""carinho"", como eu já havia vivido algo parecido, e nunca ninguém havia me dito que eu não deveria permitir que ninguém me tocasse, eu não vi problema muito menos maldade, nem sabia o que era isso. Ele por inúmeras vezes passava a mão em todo meu corpo. Houve mais uma situação que ocorreu quando eu já era mais velha, eu tinha uns 9 talvez 10 anos, nesta época o juiz já havia mandado eu e minha irmã pra morar em outra instituição, APAM esta ficava na Palmeirinha, lá éramos cuidados pela irmã Mariazinha, lá nos tínhamos que ir na catequese e a missa todos os domingos, em uma dessas missas, como era de nosso costume, todas nós íamos atrás do Padre pra pedir a hóstia, sempre queríamos e depois da missa ele dava pra nós, numa dessas feitas, acabou a missa a irmã estava a conversar com alguém então eu fui atrás do Padre, ele me levou até uma sala e pediu pra eu esperar, fiquei lá sentadinha esperando, ele voltou sentou do meu lado e me deu o que eu queria, eu estava feliz, até que ele começou a passar a mão em mim, quando olhei assustada pra ele, ele sorriu e disse que não era nada de mais, que sempre me daria a hóstia, como já tinha vivenciados coisas do tipo interiormente, entendi que as coisas eram assim mesmo, quando a gente queria algo tinha que dar algo em troca, todos diziam que não podia contar a ninguém. Ficamos mais um tempo no orfanato, até que enfim o juiz nos concedeu o direito de voltar a morar com a mãe. Aí em casa com meu padrasto, foi bem difícil a convivência. As violências sempre me perseguiram, não gosto de falar disso em particular, porque quando ele tentou assediar minha irmã, ela contou pra mãe e nossa mãe não acreditou, por isso nunca me atrevi a contar nada pra ninguém, sofri e aguentei calada até os 15 anos, onde dei um jeito e meio que comecei a me virar por conta, saía de casa, levava dias pra voltar e assim foi até eu casar. Eu demorei muitos anos até entender que tudo o que aconteceu comigo era crime e demorei mais ainda a entender que não era minha culpa. Eu não pretendo nunca contar essas coisas pra minha mãe, mesmo ela tendo sido omissa, não tem porque eu causar qualquer tipo de sentimento negativo nela. "

- Um homem do meu convívio familiar lambeu minha orelha e pés, beijou meu pescoço, bateu na minha bunda várias vezes e passou a mão na minha cintura.
- Encoxadas, dormir de conchinha, elogios com frequência, passada de mão na coxa.
- Duas garotas que conheci sofriam abusos dos seus pais. Cada uma teve um tipo de violação por tatos e de despir roupas, enquanto criança/pré-adolescente.
- "Tentativa de estupro por um homem que conheci no mesmo dia, em uma festa. Enquanto eu estava alcoolizada, porém consegui gritar e pedir ajuda."

O quadro 10 exhibe relatos de mulheres que sofreram tentativas de estupro. Mulheres que estavam na rua e acabaram sendo atacadas por homens que se utilizam de sua maior força física para violentá-las, mas infelizmente estas tentativas de estupro não são consideradas crime, nem mesmo por policiais como é possível verificar no relato: “Eu estava na rua do meu trabalho, quando um cara puxou meu cabelo e me arrastou para um terreno abandonado, ele já estava com a calça arriada... Esfregou o pênis em mim por cima da minha roupa, eu consegui gritar por socorro, o vizinho que viu me socorreu, chamamos a polícia, mas o cara conseguiu fugir e o policial que veio até o local me desencorajou a registrar B.O. alegando que não havia necessidade pois "NADA" tinha acontecido de fato!!!!”. A tentativa de estupro é crime, em 2021 um homem foi condenado a 4 anos de prisão e a pagar 3 mil reais para vítima¹⁸. O próximo quadro é referente a relatos de traumas causados pelas violências sexuais sofridas pelas vítimas.

Relatos de traumas e de atitudes tomadas contra o agressor

- Não consegui reação alguma, apenas saí, por serem familiares muito próximos não impediram e agiram como se nada tivesse acontecido;
- Não tenho forças pra relatar o caso;
- Prefiro não mencionar como foi essa situação, pois até hoje tenho traumas;
- Eu era uma criança e na época não entendia que era errado. No fim, não aconteceu nada;
- Denúncia, gerou vários transtornos psicológicos e insegurança constante e perda de si mesma;
- Denunciei;
- Eu não tinha muita noção do que estava acontecendo, apenas lembro de sentir muito medo que as pessoas descobrissem, talvez por achar, naquele momento, que a culpa era minha. Hoje entendo que não, entendo que sofri abuso sexual dos 5 anos ao 9, e que a culpa jamais seria minha;
- Falta de confiança com as pessoas ao longo da vida;
- A mesma coisa que aconteceu comigo: nada;
- Essa pessoa não é mais a mesma ...sofre com traumas até hoje;
- Uma colega quase foi morta por um ex-namorado, esse é só um exemplo;
- Não sei de detalhes sobre, mas pensando nas pessoas, grande maioria de mulheres, apesar de conhecer 2 homens que foram abusados, o comum nas histórias são a familiaridade do abusador. Em todos os casos o abusador possuía um convívio próximo da família, de modo geral, sendo familiar mesmo ou amigo da família;
- Se suicidou;
- Denunciou;
- Nada, ela só seguiu a vida;
- Ela conseguiu se separar com a ajuda da família. Ele havia separado ela da família para poder controlá-la mais fácil.

18 Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2021/julho/homem-e-condenado-a-4-anos-de-reclusao-por-tentativa-de-estupro>.

Quadro – 11 Eixo (RELATOS DE TRAUMAS E DE ATITUDES TOMADAS CONTRA O AGRESSOR)

No quadro 11 foi agrupado os relatos de traumas deixados pelas violências sofridas vítimas, como por exemplo: “Falta de confiança com as pessoas ao longo da vida; Essa pessoa não é mais a mesma ...sofre com traumas até hoje; Denúncia, gerou vários transtornos psicológicos e insegurança constante e perda de si mesma; “Prefiro não mencionar como foi essa situação, pois até hoje tenho traumas”; algumas sofreram um trauma tão grande que não conseguem relatar o caso: “Não tenho forças pra relatar o caso.”. Outra infelizmente acabou tirando a própria vida: “Se suicidou”. Muitas denunciaram o agressor: “Denúncia, gerou vários transtornos psicológicos e insegurança constante e perda de si mesma”.

Um relato vale destaque: “Eu era uma criança e na época não entendia que era errado. No fim, não aconteceu nada.”. As crianças são as que mais sofrem com a violência sexual¹⁹, a maioria dos agressores são pais, padrastos, e parentes próximos. Como já foi dito anteriormente, é necessário que converse com as crianças que sofrem violência sexual, para que ela tenha o conhecimento da diferença de um carinho para um abuso, para que assim relatos como o citado acima diminuam cada vez mais.

A partir dos relatos das vítimas de violência sexual também foi elaborada duas nuvens de palavras, uma com palavras com maior incidência (central) e uma com menos incidência (periférica) nos relatos das vítimas, palavras com relação de quem foi o agressor, qual o estado da vítima quando sofreu tal violência e local da violência.

19 Crianças de até seis anos são maioria entre as vítimas de violência infantil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/criancas-de-ate-seis-anos-sao-maioria-entre-as-vitimas-de-violencia-infantil/#:~:text=Tamb%C3%A9m%20foi%20constatado%20que%20as,pelo%20padrasto%2C%20com%2020%25>.

Figura 4 – Nuvem de palavras centrais sobre Violência Sexual



Fonte: O autor.

Na imagem acima é possível ver em vermelho quais os agressores que mais forma citados nos relatos, em azul em destaque qual o tipo de violência, e também qual estado que algumas das vítimas se encontrava quando sofreu com a violência sexual.

E destaque no centro temos a “Violência Sexual” que ser como um termo guarda-chuva que abrangem todo tipo de violência que contem ato sexual, como o Assédio Sexual, Importunação Sexual e Estupro²⁰ ou tentativa do mesmo. Como define a OMS (1993, p. 10):

20 Na lei o estupro é definido como: Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso: (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009)

Pena - reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos. (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009)

§ 1º Se da conduta resulta lesão corporal de natureza grave ou se a vítima é menor de 18 (dezoito) ou maior de 14 (catorze) anos: (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)

Pena - reclusão, de 8 (oito) a 12 (doze) anos. (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)

§ 2º Se da conduta resulta morte: (Incluído pela Lei nº 12.015, de 2009)

qualquer ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou outro ato dirigido contra a sexualidade de uma pessoa por meio de coerção, por outra pessoa, independentemente de sua relação com a vítima e em qualquer âmbito. Compreende o estupro, definido como a penetração mediante coerção física ou de outra índole, da vulva ou ânus com um pênis, outra parte do corpo ou objeto.

Nesta nuvem de palavras a violência sexual será utilizada para se referir ao estupro, pois a definição da OMS diz a violência sexual compreende este tipo de crime sexual. Observando a nuvem de palavras padrasto, pai, tio e avô são as palavras que mais tiveram incidência nos relatos, reforçando que a maioria esmagadora das violências sexuais são cometida por parentes.

Muitos desses casos acontecem na infância, como mostra a palavra “criança” também foi muito citada nos relatos das vítimas, as crianças são muito mais vulneráveis a esse tipo de violência, principalmente por não entenderem que aquilo que elas estão sofrendo seja cometido por pais, padrasto, tios amigos da família é violência sexual.

Como afirma Nascimento (2017, p. 19) “[...] a criança abusada sexualmente não consegue distinguir quando recebe carinho de um ato sexual”. A violência sexual cometida por desconhecidos foi citada apenas em um único relato de tentativa de estupro, onde a vítima conseguiu fugir e pedir ajuda de um policial, mas infelizmente não obteve. “Eu estava na rua do meu trabalho, quando um cara puxou meu cabelo e me arrastou para um terreno abandonado, ele já estava com a calça arriada... Esfregou o pênis em mim por cima da minha roupa, eu consegui gritar por socorro, o vizinho que viu me socorreu, chamamos a polícia, mas o cara conseguiu fugir e o policial que veio até o local me desencorajou a registrar B.O. alegando que não havia necessidade pois "NADA" tinha acontecido de fato!!!!” (relato de uma vítima). A palavra tentativa também teve bastante ocorrência nos relatos, muitas vítimas tiveram a sorte de conseguir fugir ou do agressor não conseguir consumir a violência sexual.

A palavra bêbada merece destaque, pois em alguns relatos muitas das vítimas estavam bêbadas quando vivenciaram a violência sexual, muitos homens se aproveitam do estado de embriaguez dessas mulheres para manter relações sexuais com elas, este tipo de ato se enquadra em estupro de vulnerável, pois a vítima não está em condições de oferecer resistência (MORETZSOHN, 2021).

A palavra casa é de longe a mais recorrente entre os locais citados, todas as violências sexuais praticadas por pais, padrastos, tios, avôs foram cometidas em casa pessoas do convive-

que mais teve ocorrências entre todas, 3 relatos de vítimas que foram vítimas do estupro marital também chamado de violação conjugal ou estupro conjugal, uma delas acordou como o marido em cima dela mantendo relações, outra relatou apenas que sofria estupro marital e que deixou muitos traumas, a última relatou que sofria dois tipos de violência, a física e sexual, sendo obrigada a manter relações com seu marido, muitos são os casos de mulheres que acabam sendo obrigadas a ter relações sexuais com seus parceiros por um contrato social, que por estarem casadas com eles são obrigadas a satisfazer seus desejos sexuais, o que difere o casamento da prostituição é o pagamento feito para prostituta que presta seus serviços sexuais ao homem, já em alguns casamento por contrato social, a mulher é obrigada a manter relações sexuais com seu marido (PATERMAN, 1993). A palavras ex-namorado foi citado em três relatos de vítimas, uma delas acabou sendo sequestrada pelo mesmo, que acabou-a violentando sexualmente “[...] uma que foi sequestrada e estuprada pelo ex-namorado” (relato de uma amiga da vítima).

A palavra policial, vizinho e babá foi citada em apenas um relato cada, mas não menos importante e preocupantes, pois mostra que ninguém está livre de sofrer com violência sexual, ou ter algum parente próximo que venha a sofrer, nem mesmo um filho ou filha, pois até mesmo uma profissional que é paga para cuidar do filho ou filha, pode a vir se torna quem vai violenta-la sexualmente como nesse relato: “[...] tive um ex-namorado que foi estuprado pela babá.” (relato de uma amiga da vítima).

É de extrema necessidade que os pais escutem os seus filhos e prestem atenção no comportamento dos filhos pertos de parentes do convívio familiar, pois o violentador pode estar mais próximo do que se imagina.

Neste capítulo foi possível ver como a vida das mulheres na sociedade constituída de machismo, sexismo e patriarcado é uma luta diária, não podendo nem ao menos sair para vias públicas, usar o transporte público e/ou usar a roupa que gosta, sem que corra o risco de sofrer algum tipo de violência sexual, nem mesmo dentro de casa elas estão seguras, já que os domicílios são potenciais espaços de violência sexual, não estão seguras nem com parentes próximos ou amigos. Infelizmente elas precisam vier em constante alerta, quando crianças e também na vida adulta, visto que ela são potenciais vítima de violência sexual em desde a infância a faze adulta. O próximo capítulo ira dedica-se a explicar os locais e horários em que as violências aconteceram.

CAPÍTULO III

ESPAÇO E TEMPO NO FUNCIONAMENTO DO FENÔMENO DE ASSÉDIO SEXUAL

O capítulo III pretende-se a apresentar e analisar os espaços e o tempo em que as violências sexuais relatadas aconteceram. Foi dividido em duas partes a primeira mostrando os espaços em que as violências sexuais aconteceram, a segunda se refere ao tempo em que estas violências aconteceram.

3.1. O Espaço

Como já foi dito, o espaço não mero palco para os fenômenos sociais, ele é elemento fundamental e que constitui o fenômeno social, a mudança de espaço pode mudar completamente o fenômeno, no caso o tipo de violência, como visto nos relatos, o espaço do ônibus tem potencial para a mulheres sofrerem com encoxadas, terem seus corpos violados, na rua ela sofrem com assovios, cantadas, e comentários obscenos, na balada sofrendo com puxões, e tentativas de beijo a força. Até mesmo a casa que deveria ser um espaço de segurança, para algumas mulheres foram espaço de estupro ou tentativa do mesmo. O tempo também pode influenciar no tipo de violência, a maioria das importunações sexuais aconteceram na parte da tarde (12:00-17:59), horário em que muitas pessoas estão na rua, já as violências sexuais aconteceram em todos os horários para quem convivia com seu agressor o dia todo, e na parte da noite (18:00-23:59).

Com relação ao local das importunações sexuais:

Locais dos assédios sexuais e importunações sexuais	Nº De Respostas
Rua	22
Balada	5
Ônibus	5

Não informado	4
Escola	2
Faculdade	2
Trabalho	2
Igreja	2
Bar	1
Carro	1
Clube	1
Mercado	1
Praça	1
Praia	1
Rodoviária	1
Van	1

Tabela – 7 (LOCAIS DOS ASSÉDIOS E IMPORTUNAÇÕES SEXUAIS)

Na tabela 7 relacionada aos locais que mais as mulheres que responderam ao questionário 40% das vítimas afirmaram sofrer com a importunação sexual na Rua, 10% das vítimas na Balada, 10% das vítimas dentro do Ônibus, 8% Não Informaram, 4% das vítimas na Escola, 4% das vítimas na Faculdade, 4% das vítimas no Trabalho, 4% das vítimas na Igreja, Bar, Carro, Clube, Mercado, Praça, Praia, Rodoviária, Van são 2% das vítimas em cada local.

Como já foi mencionado, a maioria dos casos de importunação sexual acontecem na rua, em locais públicos, observando o quadro se excluir o carro e o trabalho, todos os lugares mencionados são públicos e/ou com sempre uma grande quantidade de pessoas, ou lugares onde as pessoas ficam muito próximas, como ônibus e vans.

Nesses lugares é muito difícil para mulher identificar seu importunador, e quando ela identifica pode até sofre ameaças. Outro problema também é que quando o importunador é identificado é muito difícil para polícia encontra-lo e punir pelo seu crime, quando crime é filmado por câmeras de segurança por exemplo ajuda muito, mas infelizmente são poucos os casos, a grande maioria vai ficar impune.

Com relação aos lugares de Violência Sexual:

Locais Das Violências Sexuais	Nº De Respostas
Casa	22
Carro	1
Faculdade	1
Festa	1
Motel	1
Orfanato	1
Rua	1

Tabela – 6 (LOCAIS DAS VIOLÊNCIAS SEXUAIS)

Na tabela 6 com relação aos lugares onde as mulheres sofreram violência sexual, 78% das vítimas afirmaram ter sofrido violências sexuais em Casa, 3% das vítimas no Carro, 4% das vítimas em Festa, 3% das vítimas na Faculdade, 4% das vítimas em Motel, 4% das vítimas em Orfanato e 4% das vítimas na Rua.

Como citado anteriormente, as violências sexuais acontecem com maior frequência em casa, como é possível observar na tabela. Em casa o violentador tem mais tempo com sua vítima, ainda mais quando esta é sua parente próxima (filha, enteada, sobrinha e outros). Muitos dos relatos das vítimas declaram que as violências aconteciam quando estavam sozinhos durante o dia ou a noite quando estavam todos dormindo.

Muitas dessas vítimas eram crianças quando as violências aconteciam, e é muito comum que as violências comecem com passadas de mão, encoxadas com o agressor dormindo de conchinha por exemplo para estimular as crianças aos atos sexuais como dito por:

Azevedo e Guerra (1998, p. 33) afirma que:

[...] por um ato ou jogo sexual, em uma relação heterossexual ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimular sexualmente esta criança ou adolescente, ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa.

As agressões vão escalonado até lamentavelmente chegar ao estupro, e as crianças cada vez mais sofrem com violência em casa, a sexual vem aumentando cada vez mais²¹. É de máxima importância que os pais falem sobre a violências sexual com seus filhos para que casos como esse, como de um garoto que era abusado constantemente desde seus 4 anos pelo seu avô²², diminuam cada vez mais.

3.2. O Tempo

Agora na sequência será analisado os gráficos com os horários que as agressões aconteceram. Com relação as agressões de Assédio Sexual e/ou Importunação Sexual:

21 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/criancas-de-ate-seis-anos-sao-maioria-entre-as-vitimas-de-violencia-infantil/#:~:text=Tamb%C3%A9m%20foi%20constatado%20que%20as,pelo%20padrasto%2C%20com%20%25>.

22 Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/policia/garoto-conta-que-e-abusado-pelo-avo-desde-os-4-anos-no-es-0122>.

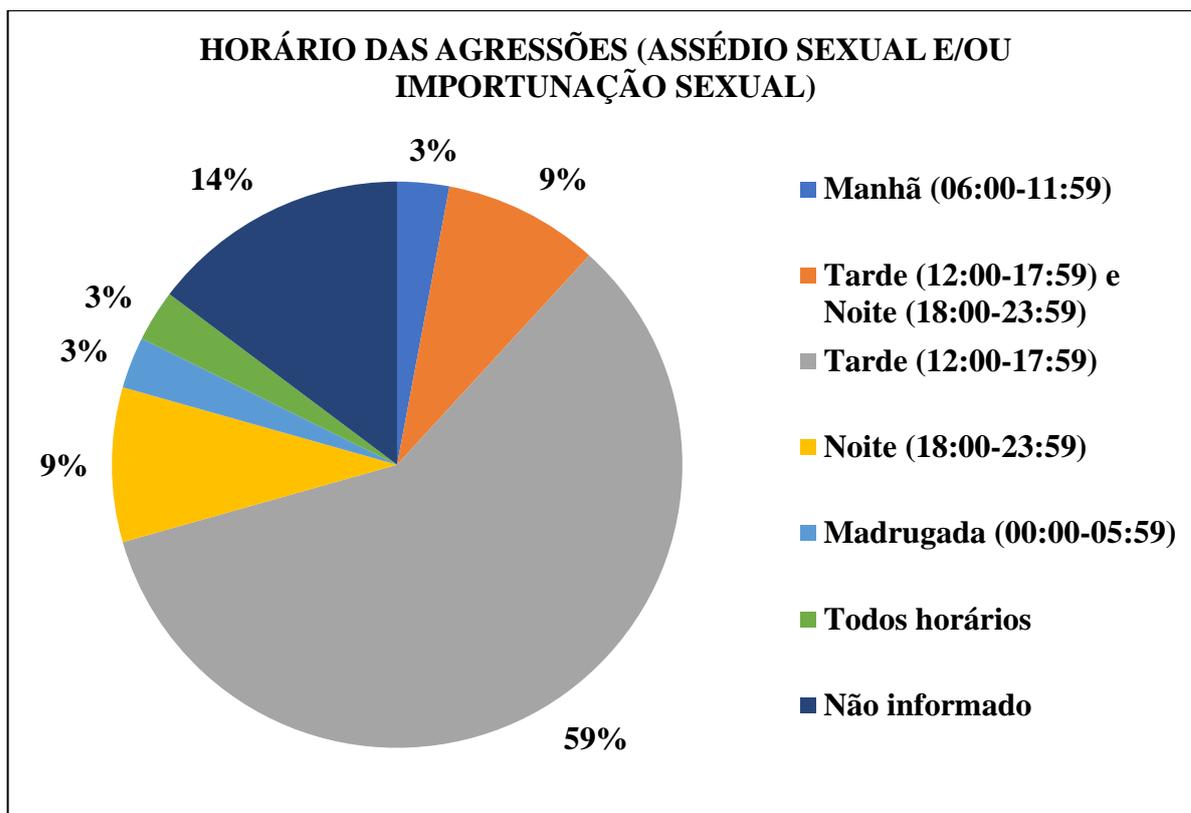


Gráfico – 25 Horário das ocorrências de assédio sexual/importunação sexual.

O gráfico 25 mostra os horários em que as vítimas sofreram importunação sexual, 59% das vítimas afirmaram ter sofrido no período da tarde (12:00-17:59), 14% não informaram, 9% das vítimas afirmaram ter sofrido no período da noite (18:00-23:59), 9% das vítimas afirmaram ter sofrido no período da tarde (12:00-17:59) e noite (18:00-23:59), 3% das vítimas no período da madrugada (00:00-05:59), 3% no período da manhã (06:00-11:59) e em todos os horários são 3% das vítimas.

No gráfico é possível observar que a grande maioria das importunações sexuais acontecem durante à tarde, é comum se pensar que as importunações sexuais aconteçam a noite, um período em que a poucas pessoas nas ruas, o que pode acontecer, mas à tarde é o período em que as pessoas vão para o trabalho ou estão voltando, saem para fazer compras, passear. Período de maior concentração de pessoas nas ruas. Ambiente propicio para que as importunações aconteçam.

Com relação aos horários das Violências Sexuais:

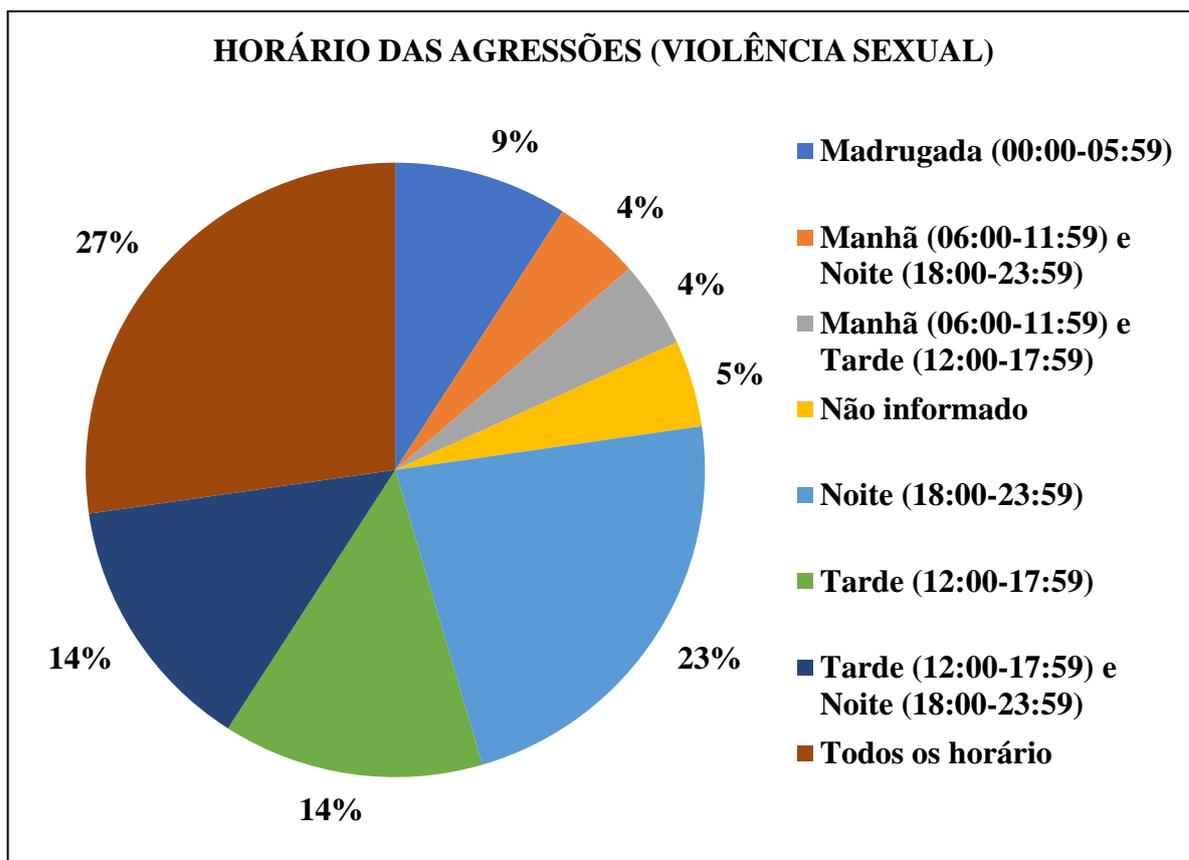


Gráfico 26 – Horário das ocorrências de violência sexual

O gráfico 26 mostra os horários em que as vítimas sofriam violência sexual, 27% das vítimas declaram que sofriam violência sexual em todos os horários, 23% das vítimas sofriam durante à noite (18:00-23:59), 14% das vítimas durante à tarde (12:00-18:59) e à noite (18:00-23:59), 14% das vítimas à tarde (12:00-17:59), 9% das vítimas no período da madrugada, 5% não informou, 4% na parte da manhã (06:00-11:59) e tarde (12:00-18:59) na parte da manhã (06:00-11:59) e à noite (18:00-23:59) são 4% das vítimas.

A maioria dos casos de violência sexual se somar todas as vezes que foi citado noite e juntar com a madrugada, chegamos num total de 11 vítimas que afirmaram sofrer violência sexual durante a noite, pois nesse horário em as pessoas vão descansar e o violentador aproveita para cometer atos sexuais com sua vítima.

Mas, também pode acontecer durante o dia como mostra o gráfico, pois o violentador utiliza todas as brechas em que está sozinho com sua vítima. Muitas pessoas podem pensar que é fácil sair dessa situação basta a vítima denunciar, mas muitas delas sofrem ameaças, sente medo e vergonha e quando conseguem falar para alguém são descreditas como nesse relato de uma mulher que foi violentada pelo avô “eu decidi contar pra minha avó que na hora me acolheu, mas depois ficou completamente do lado do agressor. Fui taxada de louca e mentirosa.

Quando confrontei ele, ele simplesmente disse que era mentira e que vai lá saber o que eu fazia com meus ""namoradinhos"".”.

É necessário que a questão da violência sexual não seja um tabu, tem que ser abordado nas escolas e colégios para que as crianças tenham conhecimento sobre o assunto, para que assim os casos de violência sexual sejam evitados e quando acontecerem sejam denunciados para que o violentador seja punido.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo proporcionou uma análise de como as espacialidades materiais/virtuais são componentes das práticas de assédio sexual vividas por usuários de redes sociais?. E, de certo modo, traçar um perfil do tipo de agressor, os que praticam importunação sexual e os que praticam violência sexual.

De modo geral é possível afirmar que os espaços públicos são componentes e compostos por importunação sexual. Componente uma vez que as importunações precisam de um espaço para acontecer, não é algo abstrato que acontece no mundo das ideias, é bem real, e necessita ser discutido e falar sobre para que seja cada vez mais combatido. E composto visto que na pesquisa foi apontado como o espaço que mais se acontecem as importunações sexuais.

O espaço é formado por importunação sexual. Já os espaços privados nessa pesquisa se referindo as casas como espaço privado, eles são compostos e componente de violência sexual, melhor dizendo são possíveis espaços para violência sexual, em razão de que nem todas as residências vão ter alguém que sofra com violência sexual.

Assim como a importunação sexual, a violência sexual acontece no espaço, através dos resultados dessa pesquisa por meio dos relatos das vítimas, pode-se afirmar que as residências podem ser os lugares de maior incidência de violência sexual. O perfil de modo geral é que os agressores que cometem importunação sexual como mostra literatura e outra pesquisas, são em sua grande maioria desconhecidos, já o perfil dos violentadores sexuais também como mostra a literatura e outras pesquisa são conhecidos das vítimas, parentes e amigos próximos da família.

O questionário via *Google Forms* foi a ferramenta de maior importância para esta pesquisa, devido ao período de pandemia da Covid-19 vivido em 2021 e ainda vivenciado em 2022, o questionário possibilitou alcançar um grande número de vítimas de importunação

sexual e violência sexual. Dessa forma, foi possível obter dados sobre as vítimas e seus agressores e os relatos que embasam toda esta pesquisa.

Em razão da importância do tema, é necessário que mais pesquisas sejam feitas para mostrar e reafirmar que os espaços públicos são formados por importunação sexual, e os espaços privados podem se tornar espaços formados por violência sexual. É de extrema urgência que políticas públicas sejam elaboradas para o combate à importunação sexual e a violência sexual.

Nesse sentido, pesquisas como esta podem ajudar com que a sociedade comece a prestar atenção em algo tão naturalizado como a importunação sexual, e um assunto que pode ser considerado um tabu como a violência sexual, simplesmente por estar longe da realidade de muitas pessoas, mas que muitas vezes pode ser a realidade do vizinho, ou até mesmo de um parente próximo.

O assédio, a importunação e a violência sexual são temas que devem ser abordados em sala de aula, para que as crianças e os adolescentes tenham conhecimento, e aprendam a reconhecer, se defender e combater.

REFERÊNCIAS

ASSÉDIO. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/assedio/>. Acesso em: 28 set. 2021.

ASSÉDIO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipédia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Ass%C3%A9dio&oldid=59701158>. Acesso em: 31 mai. 2021.

ADORNO, Luis. **Humilhação no Transporte**: Denúncias de assédio sexual em ônibus, trens e no metrô de São Paulo crescem 650% em cinco anos. **Uol**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.uol/noticias/especiais/assedio-sexual-no-transporte-de-sp.htm#humilhacao-no-transporte>. Acesso em: 8 set. 2021.

ANDRADE, Sandra Mara de; STEFANO, Silvio Roberto; ZAMPIER, Marcia. **Metodologia de Pesquisa**. [S.L.]: [S.N.], p. 1-14, 2017.

ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso**: a cultura do estupro no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020. 320 p.

AZEVEDO, Maria Amélia e GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Com licença vamos à luta**. 1. ed. São Paulo: Editora Iglu, 1998.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, [S.L.], v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.

BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Vinte anos da Convenção de Belém do Pará e a Lei Maria da Penha. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 501-517, 2015.

BEZERRA, Juliana da Fonseca; SILVA, Raimunda Magalhães da; CAVALCANTI, Ludmila Fontenele; NASCIMENTO, Juliana Luporini do; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; MOREIRA, Gracyelle Alves Remigio. CONCEITOS, CAUSAS E REPERCUSSÕES DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER NA ÓTICA DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. 1, p. 51-59, jan./jun. 2016.

BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. Esta Lei tipifica os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, torna pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelece causas de aumento de pena para esses crimes e define como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 set. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm. Acesso em: 5 out. 2021.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo Santa Cruz. Estupro no Brasil: Uma Radiografia Segundo Os Dados Da Saúde. **Ipea**, [S.L.], [S.V.], n. 11, p. 1-30, 2014.

CHAUÍ, Marilena. “Participando do Debate sobre Mulher e Violência”. In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. 4. Ed. São Paulo, Zahar Editores, 1985.

CUNHA, Bárbara. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero**. XVI Jornada de Iniciação Científica de Direito da UFPR, 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2014/12/Artigo-B%C3%A1rbara-Cunha-classificado-em-7%C2%BA-lugar.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2021.

FERRAZ, Ana Carolina Mattos de Santos. **Professores Assediadores: O Assédio Sexual Na Universidade De Brasília**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/26844>. Acesso em: 07 jul. 2021.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérqamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Revista de Psicologia**, São João Del-Rei, v. 27, n. 2, p. 139-144, jan./ago. 2015.

^[1]Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

GERDA, Lerner. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2019. 527 p. ISBN 978-85-316-1534-4.

GLOBO, Agência O. **Processos por importunação sexual explode 8.513% desde criação. Ig**. 2021. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/2021-09-30/cresce-processos-importunacao-sexual.html>. Acesso em: 02 set. 2021.

GUEDES, Márcia Novaes. **Terror Psicológico no Trabalho**. 3. ed. São Paulo: LTr, 2008.

KRONBAUER, José Fernando Dresch; MENEGHEL, Stela Nazareth. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Revista de Saúde Pública**, [S.L.], v. 39, n. 5, p. 695-701, 2005.

LEFEBVRE, Henry. **A Produção Do Espaço**. 1. ed. [S.L.]: [S.N.], 2006. 476 p. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4° éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fgpect.files.wordpress.com%2F2014%2F06%2Fhenri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf&clen=2398995&chunk=true. Acesso em: 01 dez. 2021.

LIMA, Márcia. Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais in: **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo**, Sesc e CEBRAP São Paulo, 2016

LISBOA, Teresa Kleba. VIOLÊNCIA DE GÊNERO, POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O SEU ENFRENTAMENTO E O PAPEL DO SERVIÇO SOCIAL. **Temporalis**, Santa, v. 14, n. 27, p. 33-56, 2014.

MASSEY, Doreen B.: **PELO ESPAÇO**: Uma Nova Política da Espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MENDONÇA, Francisco; DANNI-OLIVEIRA, Inês Moresco. **Climatologia**: Noções Básicas E Climas Do Brasil. [S.L.]: Oficina de Textos, 2017. 208 p.

MORETZSOHN, Patricia Burin e Fernanda. **A embriaguez como causa de vulnerabilidade de vítima de estupro**. **Conjur**. 2021. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-out-08/questao-genero-embriaguez-causa-vulnerabilidade-vitima-estupro>. Acesso em: 04 dez. 2021.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. In: XVI SIMPÓSIO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO – SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. [S.l.]: ANPUH - RJ, 2014. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1399953465_ARQUIVO_textoANPUH.pdf. Acesso em: 4 dez. 2021.

NASCIMENTO, Ianne Ribeiro Gomes do. **VIOLÊNCIA SEXUAL**: entendimentos e inconclusões. 2017. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2017. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/5985>. Acesso em: 04 jan. 2022.

NUCCI, Guilherme de S. **Crimes contra a Dignidade Sexual**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n1sc5>. Acesso em: 02 set. 2021.

OLIVEIRA, Ana Caroline Moreira de; RODRIGUES, Bárbara Luíza Ribeiro. **Reflexões Sobre A Mulher E A Importunação Sexual Nos Transportes Públicos Brasileiros**. 2019. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Faculdade Evangélica de Goianésia, Goianésia, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/8382>. Acesso em: 02 set. 2021.

OLIVEIRA, Ailsy Costa de; SILVA, Maria dos Remédios Fontes. A VIOLÊNCIA SILENCIOSA DO ASSÉDIO. **Publica Direito**, [S. l.], p. 1-16, [s.d.].

OLIVEIRA, Letícia da Costa. **O Assédio Moral E Sexual Contra A Mulher No Ambiente De Trabalho Visto Sob A Ótica Da Reforma Trabalhista**. 2019. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Centro Universitário Tabosa de Almeida Asces/Unita, Caruaru, 2019. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/2176>. Acesso em: 02 ago. 2021.

ORNAT, Marcio José. Território E Prostituição Travesti: Uma Proposta De Discussão. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 41-56, 2008.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. 1 ed. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1993. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2FedisCIPLinas.usp.br%2Fpluginfile.php%2F4403853%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FO%252

OContrato%2520Sexual%2520-%2520Carole%2520Pateman.pdf&chunk=true. Acesso em: 02 dez. 2021.

PEREIRA, Karina Borges. **IMPORTUNAÇÃO SEXUAL: A Inovação Dos Crimes Contra Dignidade Sexual Á Luz Da Lei 13.718/18**. 2020. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Faculdade Evangélica de Goianésia, Goianésia, 2020. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/18083>. Acesso em: 02 set. 2021.

PERURENA, Fátima; SANDALOWSKI, Maricleise; MAIA, Gabriela F. **Violência no trânsito: gênero, masculinidades e patriarcado**. In: PASSAMANI, Guilherme (org.). (Contra)pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual. 1. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2011.

RODRIGUES, Clarice Fernandes. A MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO: uma reflexão acerca do processo de urbanização contemporâneo e da (não) participação das mulheres na produção do espaço. In: 13º MUNDO DAS MULHERES E FAZENDO GÊNERO 11 TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS, 13., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: [S.N.], 2017. p. 1-12. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Fwww.wwc2017.eventos.dype.com.br%2Fresources%2Fanais%2F1503025557_ARQUIVO_Amulheroespacopublico_ClariceFR.pdf&clen=606211&chunk=true. Acesso em: 01 dez. 2021.

FILHO, Rodolfo Pamplona. Assédio sexual: questões conceituais. In: **Jus**. [S.l.], 6 jun. 2005. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/6826/assedio-sexual>. Acesso em: 27 abr. 2022

RODRIGUES, Maria Elizabeth; NASCIMENTO, Geraldo Barbosa do; NONATO, Eunice Maria Nazareth. A dominação masculina e a violência simbólica contra a mulher no discurso religioso. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 20, n. 1, p. 78-97, 2015. Semestral.

SÁ, Bianca Schimdt de; FOLRIANI, Maycon Douglas; RAMPAZO, Adriana Vinholi. Assédio Sexual: O Poder do Macho na Universidade. **ESTUDOS DE ADMINISTRAÇÃO E SOCIEDADE**, [S.l.], ano 2017, v. 2, n. 3, p. 22-31, 12 abr. 2017.

SARDENBERG, Cecília. **Da Violência simbólica de gênero à violência sexual contra mulheres: a lei antibaixaria e o caso da banda New Hit'**. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia. Estudos feministas - mulheres e educação popular. 1. ed. São Paulo: Liber Ars, v.2, p. 135-156, 2018: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28011>. Acesso em: 02 set. 2021.

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. **Dialnet**, Online, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 260 p.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. 6. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. 143 p. Disponível em: <https://disk.yandex.ru/i/6nHo6pw3qJTGt>. Acesso em: 01 dez. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 28 abr. 2022.

THOMÉ, R Candy Florêncio. O assédio moral nas relações de trabalho. In: SEMINÁRIO COMPREENDENDO O ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE DE TRABALHO, 2013, São paulo. Anais [...]. São Paulo: **Fundacentro**, 2013. Tema: Assédio Moral no Trabalho, p. 43-48. Disponível em: <http://www.assediomoral.ufsc.br/files/2013/03/Seminario-Combate-AMT-Fundacentro-2013.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

VIEIRA, Lara Pita. **Manual de táticas urbanas emergentes sob a perspectiva de gênero**. Trabalho Final de Graduação, Universidade de Brasília, 2016.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Temáticas**, [S.L.], v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.